

O MELHOR PLANTIO PARA O SOLO

O melhor sistema de plantio tem sua área reduzida na região. A redução representa uma tomada de fôlego para a implantação efetiva das práticas exigidas pelo sistema conservacionista.

— Centrais



Plantio direto, uma técnica de sucesso em várias regiões do país, e em constante observação

PISCICULTURA

Despesca para servir de exemplo

A dedicação do seu Hélio à piscicultura resultou numa produção de 2.181 quilos de peixe e uma renda de 1 milhão e 600 mil cruzeiros

— 8



Hélio Weber: 2.181 quilos de peixe em meio hectare de água

As normas de recebimento para o milho

O produtor vai poder escolher entre as modalidades depósito ou consumo próprio

— 5

COOPERATIVA REGIONAL TRÍTICOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Secção da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450 - Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional

Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.

Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre-RS - CEP 90030 - Fone (0512) 28.00.23

Cotridata - Processamento de Dados Ltda.

Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí-RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.

Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí-RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

- IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda.

Estrada do Lami, 6133
Bairro Belém Novo - Porto Alegre
Fone: 59.1333

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente

Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira

Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Dom Pedrito

Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitembach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, Florício Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Elbio Gorostide Galarza, Amário Becker e Ingbert Döwich.

Suplentes

Rudi Bönmann e José Atafdes Conceição.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira. 26
Dom Pedrito. 3
Total. 29

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira..... 595.800 t
Rio Grande..... 220.000 t
Dom Pedrito..... 91.000 t
Total..... 896.800 t

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.



Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

O plantio direto na região está fazendo uma parada obrigatória nesta safra. A redução da área cultivada com o sistema mais conservacionista comprovado pela pesquisa e na lavoura se dá em parte por causa do clima — faltou chuva na hora da semeadura. A razão principal dessa interrupção, no entanto, que é chamada por alguns especialistas de retrocesso positivo, acontece pela ausência de condições básicas para que o sistema seja realizado com sucesso. Por muito tempo, alguns produtores que passaram a experimentar a técnica reclamaram da sustentação do plantio na palha, alegando os altos custos dos desseccantes usados para controlar as invasoras, e procurando de forma equivocada, resultados imediatos.

Preocupados com esse gasto, nem sempre bem contabilizado, muitos esqueceram de fornecer o principal combustível do plantio direto: uma efetiva rotação de culturas e um bom volume de palha capaz de minimizar a erosão dos solos, abafar os insetos e ainda reduzir o índice de doenças e pragas que vem comprometendo o futuro de culturas como a soja, por exemplo. Previsto por alguns pesquisadores, esta retomada de fôlego é feita até por antigos adeptos do plantio direto, que convencidos dos resultados econômicos e ambientais do sistema, sabem que como qualquer outra prática de produção, o plantio tem que ser bem feito. A avaliação dos pesquisadores e dos produtores está nas páginas centrais.

DO LEITOR

Da "era da agricultura" para a "era do agribusiness"

Lurdes Marlene S. Froemming

Nos dias 22 e 23 de outubro, em Maringá, estado do Paraná, realizou-se o V Congresso Brasileiro de Marketing Rural, onde reuniram-se agentes e estudiosos do Marketing Rural. No acontecimento, evidenciaram-se dois elementos relevantes.

O primeiro aspecto é o da mudança do foco do Marketing Rural. O estudo do Marketing Rural no Brasil iniciou voltado à perspectiva do agricultor, do homem do campo como consumidor potencial, como um adquirente, ou seja, um público-alvo potencial de ações de marketing. Então, enfocava-se a perspectiva do marketing dos "suppliers", isto é, de fabricantes de tratores, implementos agrícolas, fertilizantes, defensivos, enfim, de quem tivesse algo a vender para o consumidor rural.

No atual momento, os envolvidos com o Marketing Rural já têm outra configuração de sua função. Estavam representados no Congresso, além dos já tradicionais e iniciadores da Associação Brasileira de Marketing Rural, estudiosos, dirigentes de organizações públicas e privadas ligadas ao setor agropecuário, representações do agricultor como agente de ações de marketing. Ampliou-se, portanto, o foco de Marketing Rural, abrangendo agora, além do próprio produtor rural, os segmentos estruturados em relação a este. Ou seja, como se convencionou chamar em Marketing Rural, estavam representados os segmentos de ANTES, DENTRO e DEPOIS da porteira da propriedade rural. Este é o avanço significativo oriundo dos esforços iniciais dos pioneiros do Marketing Rural no Brasil.

O segundo aspecto importante a ser mencionado, é o da passagem da "era da agricultura" para a "era do agribusiness". Foi ponto fundamental do Encontro: todas as perspectivas e alternativas de desenvolvimento do setor agropecuário do País apontam como de vital importância a integração e o relacionamento sistêmico dos múltiplos setores, implícitos na concepção do agribusiness.

O termo agribusiness foi utilizado pela primeira vez na década de 50, quando dois estudiosos americanos, Davis e Goldberg, sistematizaram um conceito original, envolvendo o setor de insumos e bens de produção; a produção agropecuária propriamente dita e o setor de processamento e distribuição de produtos agrícolas e seus derivados.

Este conceito engloba todas as atividades ANTES, DENTRO e DEPOIS da porteira da fazenda que envolvam originariamente produtos de origem animal ou vegetal, destacando os três agregados primários formados por: Suprimentos Agrícolas, Agricultura e Processamento e Distribuição.

A figura abaixo representa esquematicamente a matriz de relações entre os diversos segmentos formadores do agribusiness.

Hoje, no Brasil, a soma das funções ligadas à agricultura, realizadas FORA da fazenda, são consideravelmente maiores.



"Na era do agribusiness", o enfoque sistêmico é fundamental para um planejamento de Marketing Rural eficaz das atividades "Antes", "Dentro" e "Depois" da fazenda

que o total das operações realizadas DENTRO da fazenda. Estima-se que no Brasil o total das operações ligadas ao sistema agropecuário tenha a seguinte distribuição, 8 por cento de bens e serviços dirigidos ao mercado rural, antes da fazenda; 32 por

cento de produção agropecuária propriamente dita e 60 por cento depois da porteira da fazenda. Estes dados são do Complexo Agroindustrial, uma publicação da Agroceres.

Segundo os participantes do V Congresso Nacional de Marketing Rural, estima-se que ao redor de 40 por cento do PIB nacional é gerado pelo complexo de "agribusiness". Esta informação é suficiente para exortar a todos os envolvidos no processo, a busca de propostas comuns que propiciem o desenvolvimento do setor.

No mercado competitivo atual, frente às perspectivas de abertura de fronteiras exigindo qualidade do produto, políticas de preços, distribuição e promoção, os quatro componentes básicos do complexo de marketing, impõe-se a necessidade de um enfoque de marketing no setor, justifica-se a atenção que está merecendo.

O Marketing Rural sedimenta-se como uma área que merece tratamento específico no marketing, devido a sua complexidade e fatores diferenciados das características de seus produtos básicos que seguem um ciclo biológico com regras certas e obedecem a fatores exógenos não controláveis, tal como o clima, por exemplo.

Na "era do agribusiness" o enfoque sistêmico é fundamental para um planejamento de Marketing eficaz das atividades ANTES, DENTRO e DEPOIS da fazenda.

Lurdes Marlene S. Froemming é professora do Depto de Administração da Unijuí, com mestrado em Marketing e especialização em Marketing Rural.

Elementos do Complexo Industrial

Fornecedores de insumos e bens de produção	Produção agropecuária	Processamento e transformação	Distribuição e consumo	
Semente	Produção animal	Alimento	Restaurantes, hotéis	C O N S U M I D O R E S
Calcário				
Fertilizantes	Produção animal	Alimento	Restaurantes, hotéis	
Rações	Lav. permanentes	Têxteis	Bares, padarias	
Defensivos vegetais	Lav. temporárias	Vestuário, calçado	Feiras	
Prod. veterinários	Horticultura	Madeira	Supermercados	
Combustíveis				
Tratores	Silvicultura	Bebidas	Comércio atacadista	
Colheitadeiras				
Equipamentos	Extração vegetal	Alcool	Exportação	
Máquinas	Indústria rural	Papel, papelão		
Motores		Fumo		
		Óleos, essências		

Serviços de apoio

* veterinários * agrônômicos * P&D * bancários * marketing * vendas * transporte * armazenagem * portuários * assistência técnica * informações de mercados * bolsas de mercadorias * seguros * outros

Fonte: Complexo Agroindustrial — o "agribusiness brasileiro" — uma publicação da Agroceres, 1991

MEIO AMBIENTE

Aipan é reativada

Desde o dia 26 de novembro passado, Ijuí conta com mais uma entidade disposta a trabalhar pela utilização racional do meio ambiente e dos recursos naturais e pela manutenção do equilíbrio ecológico. Não é uma entidade nova e sim a antiga Aipan, Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural, fundada em 1973, que foi reativada em assembléia geral realizada no salão nobre da Prefeitura Municipal. Congregando pessoas físicas e jurídicas, a Aipan, pretende, entre vários objetivos, estimular a criação de reservas biológicas, parques naturais, a defesa de espécies ameaçadas, o cumprimento da legislação Federal, Estadual e Municipal de caráter conservacionista, incentivar e apoiar iniciativas de produção e de comercialização de produtos alternativos ecológicos e ainda estabelecer con-

vênios com entidades públicas ou privadas para o desenvolvimento de projetos relacionados com a preservação

ambiental. A mesma assembléia de reativação serviu para aprovação do estatuto e eleição da nova diretoria da Aipan. Como presidente foi reeleito Ludwig Reichardt Filho (último presidente), vice-presidente, Rivaldo Dhein, primeiro secretário, Eugênio Zanetti



Assembléia

Antigos e novos sócios retomam o trabalho

Fernandes, segundo secretário, Darci Alaides Ulmann Capinos, primeiro tesoureiro, Vito Antonio Cembranel, segundo tesoureiro, Elio Dreilich. Para o conselho fiscal foram eleitos Herbert Zöllmer, Armando Dobler e Ilhana Maria Segatto Vandrúsculo.

Incentivo francês à suinocultura

Erlo Belz e Philippe Navassartian
Representantes da La Cana e da Fert

Conhecer um pouco mais da estrutura do grupo Cotrijuí e avaliar propriedades da região voltadas a suinocultura. Este foi o objetivo da visita de dois franceses, o engenheiro agrônomo Philippe Navassartian e o médico veterinário Eric Belz, que estiveram na região de 26 a 30 de novembro último. O primeiro é representante da Fert, uma associação que reúne entidades como o Sindicato do Trigo e do Milho - AGPB e AGPM, o Instituto de Pesquisa de Cereais e Forragens - o ITCF, e mais o instituto financeiro Unigrains. O segundo é representante da Cooperativa La Cana, entidade que mantém intercâmbio com a Cotrijuí. As duas entidades trabalham um projeto de suinocultura da Cotrijuí, para o qual é previsto apoio em termos de organização das propriedades e transferência de tecnologia na produção, além de recursos financeiros e tecnologia industrial na área de carnes, a longo prazo. Os dois franceses estiveram reunidos com a direção da Cotrijuí, visitaram o frigorífico em São Luiz Gonzaga, o Centro de Treinamento da Cotrijuí, as propriedades de Jaime Wender, Evaldo Seiffert, Antenor Vione e Nilton Schuster em Ijuí e as de Jarbas Sperotto e de Darci Manjabosco, em Santo Augusto e também a Apsat de São Martinho.

COTRIJUI

O apoio do Ibama

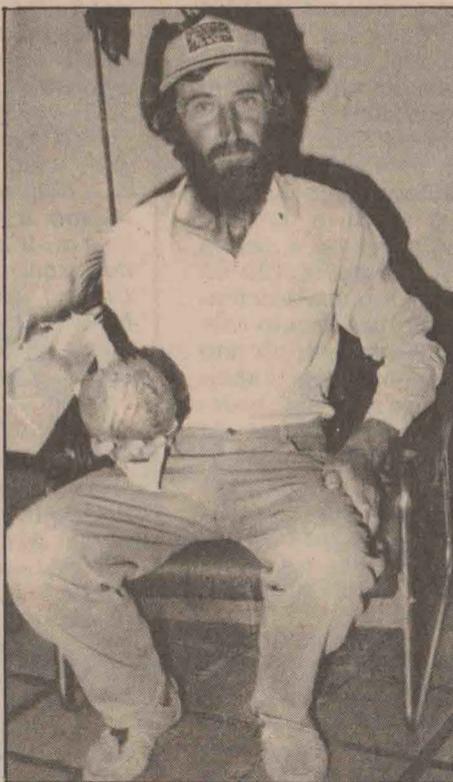
Cláudio Schroeder e Luiz Stumm entre Celso Sperotto e Valmir B. da Rosa Querendo parceiros para preservar o meio ambiente



A Cotrijuí recebeu, no final de novembro, a visita do superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis do Rio Grande do Sul. Cláudio Schroeder visitou a Cotrijuí acompanhado pelo presidente da Associação de Reflorestamento Obrigatório Municipal, Luiz Stumm, sendo recebido pelo diretor superintendente Celso Sperotto, pelo engenheiro agrônomo especialista em solos, Rivaldo Dhein e pelo assessor de Comunicação, Valmir Beck da Rosa. Por quase duas horas, Schroeder ouviu explicações sobre os projetos de verticalização da produção diversificada e o de preservação e uso racional do solo da Cotrijuí. Impressionado com os projetos, principalmente com o de recuperação do solo, Schroeder saiu prometendo apoio, "pois o projeto vem de encontro a nossa filosofia de trabalho, que é a de buscar parceiros que auxiliem na preservação do meio ambiente", disse classificando a iniciativa da Cotrijuí de ambiciosa.

Uma cebola e tanto

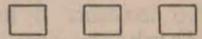
O feito de colher uma cebola com um quilo e meio pode não ser tão proveitoso na comercialização, mas certamente estimula a vaidade de qualquer produtor. É o que aconteceu com o produtor Arnildo Richter, proprietário de 50 hectares no distrito de Chorão, Ijuí, que ao fazer uma colheita de cebola na sua horta deparou-se com uma enorme cebola, com tamanho jamais registrado por ele. "Até já vi outras hortaliças com peso parecido, mas em cebola o máximo que consegui ver foi com meio quilo", diz Arnildo tentando explicar o fato pela "muda forte e terra boa", tratada com adubo orgânico e químico. Ele junta ainda a esta justificativa, o fato de a sua horta não ter sofrido com a estiagem de inverno. "Com a irrigação que fiz não faltou nada de água para as plantas", conta o produtor anunciando uma boa colheita de cebolas, da variedade Baía periforme, da qual muitas ficaram com meio quilo.



Arnildo Richter

E o cebolão de um quilo e meio

BIOTECNOLOGIA - Fundada recentemente, a Associação Gaúcha das Empresas de Biotecnologia tem como presidente Homero Drews, diretor do Centro de Biotecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Carlos Quintana da Rosa, gerente administrativo do Instituto Riograndense de Febre Aftosa - Irfa -, ocupa a vice-presidência da Associação que tem como meta inicial trabalhar no sentido de aproximar empresas que trabalham na área de biotecnologia com instituições oficiais de pesquisa e área governamental.



TREINAMENTO - O engenheiro agrônomo e gerente do Centro de Treinamento da Cotrijuí, Luís Volney Mattos Viau participa, de fevereiro a julho do próximo ano, de um treinamento na área de melhoramento e produção de milho no Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Sorgo, localizado no México. O convite partiu do próprio Cimmity - que também está se comprometendo a custear todas as despesas -, através de indicação feita pelo Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo, de Sete Lagoas, Minas Gerais, com o qual a Cotrijuí/CTC realiza trabalho conjunto.

Cotrijuí entre os 10 maiores do Estado

Apontar quem são os grandes grupos empresariais do Rio Grande do Sul e sua performance é tarefa complexa e desafiadora, pondera Luiz Carlos Mandelli, presidente da Fiergs no editorial de abertura da revista Amanhã, editada pela Federação e que traz, como destaque, matéria sobre os "Grandes do Rio Grande do Sul". Além dos 50 grupos privados estão listados 10 estatais, representando ao todo, 34 por cento do PIB gaúcho.

Na ponta do ranking das 50 maiores empresas gaúchas aparece a Varig, seguida muito de perto pelo Grupo Ipiranga. A Cotrijuí aparece em 10º lugar, com um valor ponderado de grandeza ao redor dos 156 milhões de dólares. Fundada para incentivar o cultivo do trigo na região, tornou-se, mais tarde, conhecida nacionalmente pela construção do Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, em Rio Grande e pelo fato de ter ultrapassado as fronteiras e chegado ao cerrado. Hoje, dentro de uma nova conjuntura, a Cotrijuí também busca se adaptar aos novos tempos. Com os olhos voltados para o futuro, a Cotrijuí, a primeira cooperativa a incentivar a diversificação das culturas, preocupa-se agora com a profissionalização de seus associados. Como desafio, coloca dois projetos: o da verticalização da produção diversificada e o do uso racional do solo. Na ponta do projeto de verticalização da produção diversificada, um outro: o da agroindústria. Com suas obras iniciadas, a agroindústria está projetada para entrar em funcionamento num prazo de 18 meses, com capacidade para processar 44 mil toneladas de milho, 10 mil toneladas de aveia e cevada, 8,6 mil toneladas de arroz e mil toneladas de cevada.

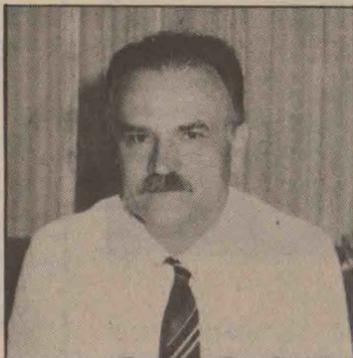
Mombach, o novo superintendente

Amário Mombach assumiu a superintendência estadual do Banco do Brasil pregando otimismo e muito trabalho

Gaúcho de Santa Rosa, Amário Mombach assumiu recentemente a superintendência estadual do Banco do Brasil em substituição a Oswaldo Terçariol, que se aposentou. Ao assumir o novo cargo, Mombach resumiu seus planos em duas palavras: otimismo e trabalho em equipe. Com a franqueza que lhe é peculiar, o novo superintendente do Banco do Brasil no Estado não prometeu milagres, "pois não temos a chave do banco nas mãos e todas as ordens vêm de Brasília", disse ao ser empossado, mas mostrou disposição de trabalhar de portas abertas no sentido de estreitar distâncias e entusiar clientes com a instituição.

Mostrando-se um profundo conhecedor da agricultura e seus problemas, Mombach está se propondo a somar forças no sentido de buscar soluções para todos os impasses. Reconhece que as dificuldades são de toda a ordem, "mas se ficarmos de cabeça baixa e nos entregarmos ao desânimo, nada se resolverá", disse ainda, sugerindo que lideranças, produtores e gerentes de bancos arregacem suas mangas num esforço conjunto. Acredita que a força de vontade, somada ao trabalho, à confiança e à credibilidade, podem levar, "mesmo diante de um quadro de crise econômica", a alguns sucessos nos empreendimentos propostos. **DA REGIÃO** - Amário Mombach nasceu em Santa Rosa. Prestou concurso em São Luiz Gonzaga, mas iniciou sua carreira junto ao Banco do Brasil na sua cidade natal. De Santa Rosa foi para Tapetes, de onde foi transferido para Laguna, em Santa Catarina. Depois veio para Panambi e, em seguida, para Ijuí, onde desempenhou as funções de gerente da agência local durante dois anos e meio. De Ijuí, o atual superintendente foi transferido para Pelotas, onde permaneceu até 10 de outubro.

Quinze dias após a sua posse, Mombach comemorava a liberação, por parte do Banco do Brasil, de aproximadamente Cr\$ 340 bilhões para a safra de verão. "Financiamos toda a nossa demanda", afirmava, lembrando, no entanto, que a demanda reprimida que ainda existia na época, de aproximadamente Cr\$ 9 bilhões, referia-se, em grande parte, a segunda parcela dos contratos firmados. "É uma pequena quantia e se refere a produtores que ainda estão negociando as suas dívidas junto às nossas agências", disse.



Amário Mombach
O novo superintendente

O fato do Banco do Brasil ter financiado cerca de 2 milhões e 700 mil hectares de lavoura nesta safra, vem fortalecer ainda mais a instituição como sendo o banco do produtor. "O Banco financiou nesta safra de verão praticamente o triplo do montante previamente estabelecido para financiar", disse ainda apostando no fortalecimento da instituição como o banco da produção. O financiamento do pré-custeio e dos insumos em tempo hábil e numa época bastante razoável, permitindo que os produtores, tanto os grandes como os médios e pequenos tivessem um barateamento do custo de produção, é a prova, segundo o novo superintendente, de que o Banco do Brasil, deverá, daqui para frente, se firmar cada vez mais como uma instituição rural. "O produtor teve dinheiro para plantar tudo o que havia planejado", disse ainda.

Agora que as lavouras estão praticamente todas plantadas, Mombach começa a esboçar um projeto de recuperação do solo gaúcho que deverá contar com investimentos do Banco do Brasil. O projeto inicial, embora os dados e as necessidades ainda estejam sendo levantados pela equipe técnica do banco, é a de financiar, para a próxima safra, até 80 por cento da área. Sem saber ao certo de onde sairão os recursos a serem aplicados na recuperação do solo gaúcho, Mombach defende a idéia do pagamento com safra. Acha que se o projeto não puder contar com dinheiro do Tesouro Nacional, poderá contar com recursos da poupança ou então do governo. "O que não podemos é continuar insistindo na crise. Precisamos trabalhar com otimismo e acreditar na próxima safra", disse ele pregando maior entusiasmo.

META - Existem no Estado 284 agências do Banco do Brasil, somando mais de 14 mil funcionários. A meta do novo superintendente é motivar cada vez mais as unidades do interior, "levantando os pro-

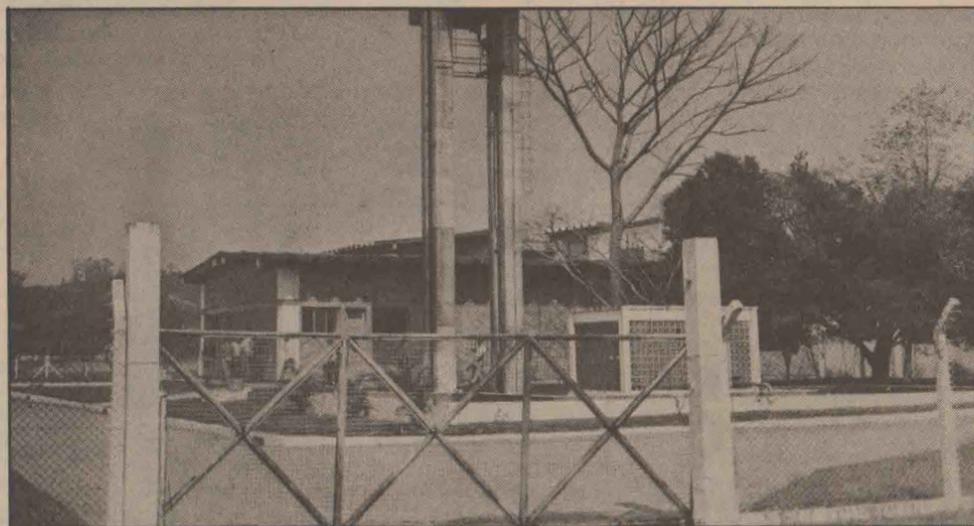
blemas localizados e agilizando soluções". Embora há menos de um mês no novo cargo, Mombach já começa a planejar uma visita pelas princi-

pais regiões do Estado. Em Ijuí, onde pretende aceitar o convite feito pelo prefeito Valdir Heck e pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgen-

fritz da Silva, Mombach pretende conhecer de perto o programa de uso racional do solo que vem sendo proposto pela cooperativa.

IRFA

Irfa assina convênio com a Fapergs para execução de um projeto de pesquisa buscando melhor controle de qualidade na produção de vacina anti-febre aftosa



Irfa, em Porto Alegre
Convênio para atuar na área de engenharia genética

Convênio na área de engenharia genética

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, Fapergs, o Centro de Biotecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mais o Instituto Riograndense de Febre Aftosa, ligado ao Grupo Cotrijuí, assinaram convênio para execução de um projeto de pesquisa sobre a utilização de anticorpos monoclonais para o desenvolvimento de um método de controle de qualidade na produção de vírus para vacinas anti-febre aftosa. O convênio foi assinado no dia 11 de novembro, quando a Fapergs selou compromisso de participar do projeto com o montante de Cr\$ 15.982.673,00. Ao Irfa cabe, dentro do projeto, o valor de Cr\$ 5.284.000,00, a fundo perdido.

A assinatura deste convênio inclui o Irfa no seletivo grupo de empresas que trabalham com biotecnologia mais moderna, que é, em resumo, a engenharia genética. "É um espaço a mais que o Irfa passa a ocupar na área da pesquisa", festeja o gerente do Instituto, Carlos Quintana da Rosa, para quem este trabalho em nova área vem aumentar a credibilidade do laboratório a nível de pesquisa. Além de permitir que o Irfa possa atuar na área de engenharia genética, esse convênio vai possibilitar uma melhoria na qualidade das vacinas produzidas.

Embora passe a atuar em nova área de pesquisa - os primeiros resultados da assinatura do convênio estão projetados para daqui um ano e meio - Carlos Quintana fez questão de deixar claro que a intenção do Irfa não se restringe apenas a pesquisa. "Queremos viabilizar esta pesquisa para benefício do produto primário", reforça.

FAPERGS - Com plena autonomia financeiro - administrativa, a Fapergs é hoje presidida por Jarbas Milititsky. Seus recursos são oriundos do próprio Estado, assegurados pela Constituição estadual e que correspondem

a 1,5 por cento da arrecadação total do Rio Grande do Sul.

Já o Centro de Biotecnologia, também envolvido no convênio, é uma instituição pública de ensino, pesquisa, extensão e serviços, criado em 1981. É resultado de um convênio assinado entre governo do Estado, Badesul, Fapergs e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dentro dos seus objetivos, o Centro tem procurado promover o intercâmbio e a integração com instituições de pesquisa afins e empresas privadas que tenham interesse em contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e que estejam interessadas diretamente no uso de processos e produtos biotecnológico desenvolvidos pelo próprio Centro.

O Irfa vem mantendo, junto ao Centro de Biotecnologia da UFRGS, um funcionário da empresa habilitado a executar provas de qualidade do vírus usado na formulação da vacina anti-febre aftosa, através de um método convencional de quantificação da partícula 140S do vírus aftoso, "o que fornece uma correção direta com a imunogenicidade da vacina", explica Quintana. O projeto em andamento sugere a possibilidade de se padronizar uma técnica de avaliação desta partícula através do uso de Anticorpos Monoclonais. Essa nova técnica traria enorme vantagem econômica para a empresa já que vem fazendo tal determinação usando uma outra técnica, a de gradiente de cloreto de cério por ultracentrifugação. "É uma técnica de custo elevado, até porque os reagentes e equipamentos utilizados no processo são, na sua maioria, importados", assinala o gerente do Irfa.

O projeto recentemente conveniado será desenvolvido dentro das instalações do Centro de Biotecnologia, pela professora Sandra Estrazulas Farias, da UFRGS e pela farmacêutica Maria de Fátima Tostes de Abreu, funcionária do Irfa.

MILHO

As modalidades de recebimento

Mesmo que não queira vender para a Cotrijuí o seu produto, o associado poderá deixá-lo armazenado na cooperativa, aproveitando melhor toda a armazenagem colocada à sua disposição

O produtor de milho, safra/92, que entregar o seu produto na Cotrijuí, vai poder optar entre as modalidades de depósito e consumo próprio. Pela modalidade de depósito, o produto é entregue para ser comercializado pela cooperativa, "sem opção de retirada", explica o gerente de Operações da Cotrijuí, Heinz Meyer. Mas o produtor que estiver pensando em utilizar esse milho no consumo da propriedade ou então para fazer negócios com terceiros ou com outros associados, poderá deixá-lo armazenado na cooperativa, optando pela modalidade consumo próprio. "A opção, avisa Heinz, ele faz no ato da entrega do produto".

Pela modalidade consumo próprio, o associado tem prazo até 30 de setembro/92 para fazer a retirada do seu produto. Esgotado este prazo, as retiradas só poderão ser feitas em Ijuí ou nos armazéns de Esquina Umbu, interior de Santo Augusto. "A cooperativa quer, com esta modalidade, adianta o gerente de Operações da Cotrijuí, levar o produtor a utilizar melhor e de maneira mais intensa os seus armazéns, depositando nela a totalidade de sua produção, seja de milho, de soja, de sorgo, de feijão, arroz, entre outros".

Para facilitar o trabalho e reduzir custos, o Heinz está solicitando ao produtor fazer a sua opção logo na entrega do produto na cooperativa. Em caso de esquecimento, esse produto será, automaticamente armazenado pela modalidade consumo próprio. **OS DESCONTOS** - No ato do recebimento, o produto sofrerá descontos de umidade, impurezas e de serviços -



Milho

Na safra/92 o associado vai entregar a sua produção em duas modalidades

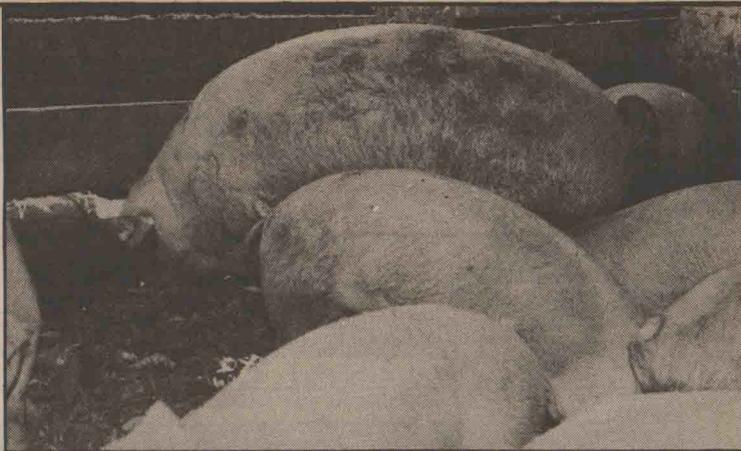
recebimento, limpeza e secagem. Mas o milho entregue com até 14 por cento de umidade não sofrerá descontos de secagem. Na retirada do produto, modalidade consumo próprio, serão descontados, em físico, as tarifas correspondentes a quebra técnica, armazenagem e expedição. A taxa referente ao tratamento do produto só será cobrada do produtor após 30 de abril/92. E bom o produtor saber que as tarifas de armazenagem e quebra técnica só serão cobradas a partir do mês subsequente ao da entrega do produto na cooperativa.

O gerente de Operações avisa ainda que a Cotrijuí estará recebendo milho indústria em todas as suas unidades. Mas o milho semente só será recebido na Unidade de Beneficiamento de Sementes de Ijuí. Estas mesmas modalidades que a cooperativa está colocando à disposição do produtor de milho servem também para o sorgo e o feijão. **MELHOR** - A estrutura de armazenagem da Cotrijuí precisa ser melhor utilizada pelos seus associados, tem dito o Heinz convidando os produtores a darem uma chegadi-

na na sua Unidade para conversar com o gerente e verificar as condições e as garantias que a cooperativa oferece na armazenagem dos seus produtos. Nas conversas com o gerente ou até mesmo com os funcionários, eles poderão saber maiores detalhes a respeito das modalidades e taxas que estão sendo cobradas.

"Tenho certeza que os carunchos, besouros e ratos comem mais produto do que as nossas taxas", observa lembrando que, no mundo inteiro, se perde em torno de 37 milhões de toneladas de grãos e no Brasil, 15 milhões em razão de armazenagens feitas nas propriedades, "sem as condições recomendadas".

Além do ataque dos ratos e carunchos, o produto fica sujeito a perdas por aquecimento e infestações de fungos - o *Aspergillus Flavus* e o *Aspergillus Ochracus* -, "responsáveis pela formação das aflotoxinas, prejudiciais aos animais, explica Heinz, lembrando ainda que, na propriedade, o produtor não conta com uma estrutura montada, específica para o produto e muito menos do material necessário para fazer os tratamentos recomendados.



Cooperado de suíno

Mudanças no programa para viabilizar atividade na região

SUINOCULTURA

Mudanças no cooperado

Cotrijuí reduziu taxas de juros e prorrogou prazos para pagamento dos financiamentos

Espremeida entre os altos custos de produção, as altas taxas de juros e preços pouco compensadores, a suinocultura atravessa, mais uma vez, maus momentos. Considerando a importância da atividade na região e suas relações de reciprocidade entre a indústria e o produtor, a Cotrijuí decidiu promover algumas alterações na sistemática do seu Programa Cooperados de Suínos. "As alterações são momentâneas e estão relacionadas com a atual conjuntura da atividade", explica o médico veterinário Jorge Luiz Severo, Supervisor da Área de Suínos da Cotrijuí, dizendo ainda que as mudanças têm como finalidade dar um pouco de fôlego aos produtores cooperados de suínos da cooperativa.

AS MUDANÇAS - A primeira alteração introduzida pela Cotrijuí no Programa Cooperados de Suínos mexe com as taxas de juros que vinham sendo cobradas pelos financiamentos concedidos dentro do Programa cooperado. O produtor vai continuar pagando correção pela Taxa Referencial Diária - TRD -, mas em vez dos 3 por cento de despesas financeiras e ainda mais 1 por cento de juros, ele passa a pagar, de agora em diante, pelo financiamento pego na cooperativa, 1 por cento de despesas financeiras

e 1 por cento de juro. Ou seja, ela vai pagar a TRD e mais 2 por cento de juro ao mês. A decisão de mudar as taxas de juros foi tomada em reunião realizada no dia 11 de dezembro, mas ela entrou em vigor já a partir de 1º de dezembro.

O endividamento dos cooperados também foi contemplado com algumas alterações. O produtor que, devido aos altos custos financeiros não conseguiu liquidar integralmente seus financiamentos relativos ao cooperado, poderá transformar essa dívida em quilos de suíno, tipo carne - unidade de quilos -, pelo preço do dia e prorrogá-lo para pagamento com a receita do próximo lote a comercializar.

Continua sob a vigilância do Comitê de Crédito - formado pelo gerente da Unidade, pelo chefe Agrotécnico e pelo chefe Administrativo -, fazer com que o associado cumpra com todas as suas obrigações descritas no contrato de Cooperados de Suínos assinado com a cooperativa. Um dos pontos fundamentais e que o Comitê tem batido insistentemente diz respeito a obrigatoriedade do produtor produzir alimentação para o seu plantel na própria propriedade, buscando, de alguma forma, uma certa redução nos custos.

Produtividade começa com "B."



A base da produtividade.

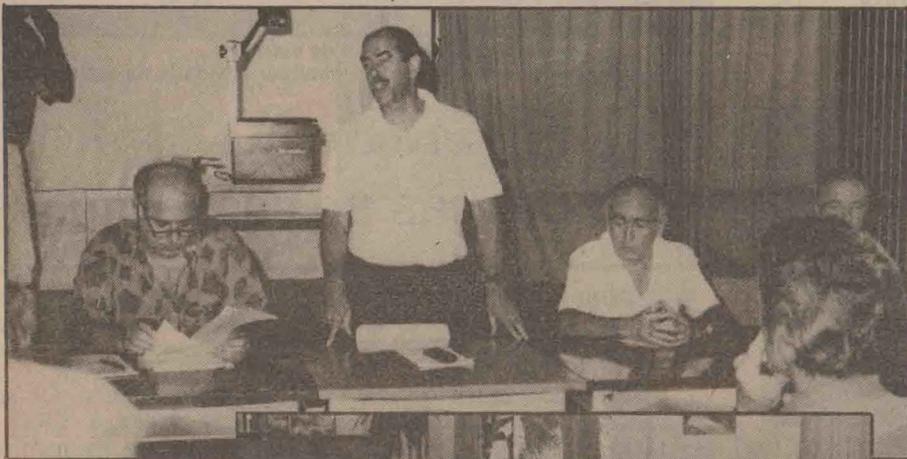
ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual, (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

Cotrijuí redimensiona área de consumo

A partir de 1º de janeiro a Cotrijuí vai atuar apenas nos setores específicos de atendimento ao associado, priorizando, no entanto, o recebimento e a comercialização dos produtos oriundos do quadro social



Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da Cotrijuí
Volta às origens como forma de se firmar como uma cooperativa de produção



Reunião do Conselho de Representantes
O aval à decisão tomada pelo Conselho de Administração

A Cotrijuí está redimensionando sua área de Compras e Abastecimento. A decisão foi tomada na última reunião do Conselho de Administração, realizada no dia 17 de dezembro, depois que a empresa de Assessoria e Auditoria Externa Nardon e Nasi mostrou, a pedido da administração, os resultados de uma análise do desempenho da cooperativa no exercício. A decisão do Conselho de Administração, tomada de forma unânime, recebeu o mesmo entendimento do Conselho de Representantes da Cotrijuí, em reunião realizada no dia 20.

Os números levantados pela Nardon e Nasi, mostraram que a decisão tomada pelos conselheiros não poderia ser adiada. "Este é um ato técnico de grandeza da cooperativa", observou Arthur Nardon, diretor da empresa. Disse que embora apresente uma situação econômica muito boa, ela requer algumas medidas drásticas, "como a que está sendo tomada agora até para se readequar a uma nova realidade". Os custos financeiros estão sendo apontados como responsáveis pela política de redimensionamento que a Cotrijuí começa a promover a partir do dia 1º de janeiro em todas as suas 27 lojas espalhadas pela região e Dom Pedrito.

Todas as lojas e mercados da Cotrijuí continuarão funcionando normalmente até o dia 31 de dezembro. Mas a partir de 1º de janeiro de 1992, funcionarão apenas os setores específicos de atendimento ao associado - ferragens, peças, produtos veterinários e insumos agrícolas. Os setores de magazine, supermercado, calçados e eletrodomésticos serão desativados. Destino igual terão todos os pontos de vendas localizados nos municípios da área de atuação da Cotrijuí. "Nesse redimensionamento será priorizado o recebimento e a comercialização de todos os produtos oriundos do asso-

ciado", explica o assessor de Comunicação da Cotrijuí, Valmir Beck da Rosa, referindo-se a produtos como a erva-mate, a farinha, o peixe, hortigranjeiros, entre outros. Esses serviços considerados essenciais ao associado continuam operando apenas nas sedes das Unidades. "Não estamos fechando", deixa claro Beck da Rosa. "do a uma nova realidade", disse acrescentando ainda que esse redimensionamento em nada compromete futuros investimentos.

POLÍTICA GLOBAL - Esse redimensionamento que está sendo dado à área de Compras e Abastecimento da Cotrijuí faz parte de uma política global adotada, que está em discussão e que busca prioritariamente estancar custos. "É uma volta às origens", afirmou o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, na reunião com os representantes. Nesta sua volta às origens, a Cotrijuí busca priorizar tudo o que possa caracterizá-la como uma cooperativa de produção.

Dentro desta filosofia de atuação colocada pela administração, a cooperativa precisa pouco e "cada vez mais, aumentar o grau de eficiência em suas ações, pois não podemos fugir à nossa condição de ente econômico". E na priorização que a cooperativa vem elegendo, buscando firmar-se como uma entidade de produção, está o processo agroindustrial. "Estamos revendo o setor de consumo de forma drástica", admitiu Ilgenfritz. "Mas não poderia ser de outra forma", disse ainda convidando os representantes e conselheiros a se juntarem nessa nova caminhada. Ao pedir parceria nessa mudança de comportamento, o presidente da Cotrijuí disse ainda que o que se quer é transformar a organização em algo vantajoso para o associado. "Precisamos de parcerias nessa relação que precisa ser intensificada por realizações", observou.

Voto de confiança

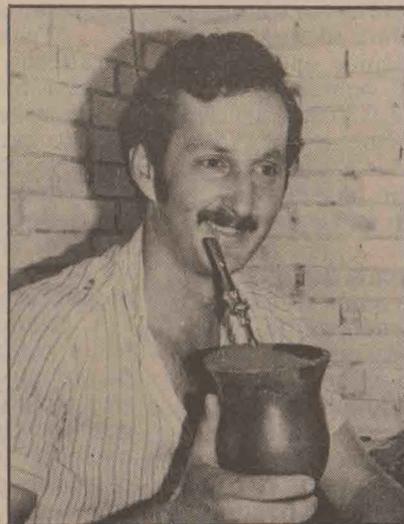


Jovani Dellaflora - Coordenador do Conselho de Representantes - Ajuricaba - "A direção da Cotrijuí está tomando uma decisão justa no momento certo. Pior seria esperar e depois ter que aguentar as consequências. Sabemos que a questão social é uma preocupação de todos, inclusive do quadro social, mas acho que ela deve ficar afeta ao governo. Tenho certeza de que o associado que é cooperativista vai entender a posição da Cotrijuí e até auxiliá-la nessa nova postura de redimensionamento.

José Rieth - Conselheiro de Administração - Chiapetta - "No princípio o associado vai tomar essa medida como surpresa, mas vamos trabalhar muito para que ele entenda a posição da Cotrijuí. A decisão é acertada e não vai ficar restrita apenas à área de consumo. Todas as outras áreas que não estiverem no mesmo compasso, serão redimensionadas. Não adianta o produtor ficar assustado com essa decisão. Ele tem que entender que a cooperativa não tinha outra saída e que a sua prioridade agora é com a produção".



Léo Foletto - Coordenador dos representantes de Ijuí - "A decisão é chocante e transmite a impressão de que a coisa não está andando bem. Mas é uma atitude certa e ao quadro social cabe entender, dentro da melhor maneira possível, que o paternalismo dentro da Cotrijuí acabou. E tenho certeza que o bom associado não vai se afastar da Cotrijuí apenas porque um postinho está fechando. Se agir assim é porque não é um bom associado, mas um aproveitador da cooperativa. E não é porque a cooperativa está redimensionando sua área de consumo que está mal. A nossa função, neste momento, é dar um voto de confiança à cooperativa e, com mais força ainda, trazer o nosso produto para dentro de seus armazéns".



Sindicato Rural de Jóia

EDITAL

O Sindicato Rural de Jóia, em conformidade com o Art. 550 da CLT (Lei nº 6.386, de 09 de dezembro de 1976), torna público o resumo de sua PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA para o exercício de 1992, devidamente aprovada em Assembléia Geral Extraordinária, realizada em data de 29 de novembro de 1991.

Cód.	RECEITA		Cód.	DESPESA	
11	Renda Tribut.	1.460.000,00	21	Administ. Geral	860.000,00
12	Renda Social.	1.100.000,00	23	Assist. Social	120.000,00
13	Renda Patrim.	280.000,00	25	Assist. Técnica	960.000,00
14	Renda Extraord.	4.600.000,00	31	Aplic. Capitais	5.500.000,00
	TOTAL	7.440.000,00	TOTAL		7.440.000,00

Jóia, 29 de novembro de 1991.

PEDRO OLINTO DA SILVA
Presidente
RENALETO FONTANA
1º Tesoureiro

Falta alimento

Pesquisadores do Inta, da Argentina, estiveram em Ijuí coordenando curso de nutrição e alimentação de gado de leite para técnicos das cooperativas gaúchas que atuam na atividade e conversando com produtores da região

O sistema de produção de leite da Argentina se caracteriza por ser basicamente pastoril, onde os animais estão mantidos permanentemente sobre pastagens, exceto no momento da ordenha. Essa dieta é suplementada por feno ou concentrado, que tanto pode ser o comercial ou o produzido com milho e sorgo no próprio tambó. O diagnóstico do sistema de produção de leite argentino é do pesquisador e engenheiro agrônomo Alejandro Castilhos, do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária - Inta -, da região da Rafaela, na Argentina.

Alejandro esteve em Ijuí acompanhado por mais três pesquisadores do Inta, Eduardo Comeron, Luiz Romero e Norberto Andreio, coordenando e ministrando um curso sobre nutrição e alimentação do gado leiteiro. O curso aconteceu na Afucotri de Ijuí, no período de 9 a 13 de dezembro e contou com a presença de técnicos da Cotrijuí e de cooperativas do Estado que atuam na atividade do leite. No dia 11, eles conversaram com produtores de leite da região.

SUBALIMENTADOS - Nesse diagnóstico, Alejandro diz que as vacas argentinas, de um modo em geral, são subalimentadas, "não apresentando condições de exteriorizar todo o seu potencial genético." Aponta a falta de adoção de tecnologias na atividade e as questões econômicas como responsáveis por essa situação "de subprodução do leite na Argentina".

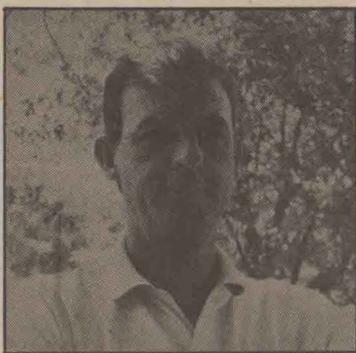
A questão econômica tem puxado, ao longo dos anos, o tapete de muito produtor argentino, principalmente do pequeno, que não tem conseguido equilibrar os altos custos de produção com os preços pagos pelo produto, daí a ausência de uma tecnolo-

gia que possa explorar melhor o potencial produtivo dos animais". Com um mercado saturado de leite - 95 por cento do total da produção argentina é destinada ao mercado interno -, "nem passa pelos planos do governo, pelo menos por ora, a idéia de investir na produção de leite". O consumo de leite do país chega a 180 litros por pessoa/ano, "semelhante ao consumo de um país desenvolvido".

Diante da falta de incentivos oficiais, de altos custos de produção, preços baixos e subprodução, muitos produtores, principalmente os pequenos, têm deixado o campo e fechado seus tambós de leite nestes últimos anos. Outra parte, "pelo simples prazer de querer viver melhor", está deixando o tambó nas mãos de meeiros", diz Alejandro tentando justificar a estagnação da produção de leite argentina.

A saída, segundo o pesquisador "e essa é uma alternativa que vem sendo colocada em discussão", é fazer com que estes pequenos produtores voltem ao campo, mas para trabalhar em grupos. "A idéia que se prega é que estes produtores voltem ao campo e, de forma associativa, passem a trabalhar na atividade como se fosse uma só unidade", diz Alejandro. Na Argentina, os pequenos produtores de leite entregam entre 80 a 150 litros de leite/dia, ficando uma média final, no entanto, em 300 litros/dia, já que existem empresas que entregam de 3 a 5 mil litros/dia.

Além da estrutura do sistema de produção ser maior na Argentina do que no Brasil, onde um maior número de produtores entrega menos leite, os produtores argentinos levam de vantagem sobre os brasileiros, o fato de contarem com condições climáticas e de solos favoráveis a produ-



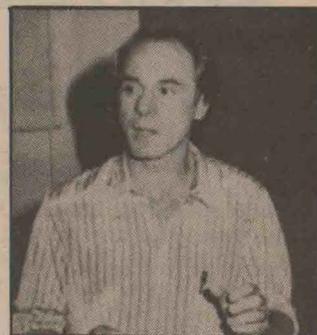
Alejandro Castilhos, do Inta
Importante para os políticos

ção de pastagens de alta qualidade, como a alfafa, por exemplo. "Na nossa região costumamos dizer que o produtor que não produzir alfafa, não pode produzir leite", diz Alejandro colocando, no entanto, uma preocupação que já existe por parte de um significativo número de produtores: o da verticalização da produção. Esses produtores, interessados em se profissionalizar cada vez mais, estão buscando uma maior produtividade por unidade de superfície.

O MERCOSUL - O Mercosul, principalmente neste momento, é, segundo o pesquisador do Inta, muito mais importante para os políticos do que para os produtores. "É uma bandeira política importantíssima, enfatiza sem deixar de reconhecer que a abertura dos mercados dos países do Cone Sul pode representar um maior desenvolvimento para a atividade na Argentina. A grande questão levantada por Alejandro é a da estabilidade econômica da Argentina e do Brasil. Com suas economias desestabilizadas e uma inflação alta, de nada adianta produzir mais leite, se o povo não tem poder aquisitivo para consumir essa produção". Acredita que antes de planejar um Mercosul, esses países precisam se recompor economicamente.

Mais organização

O Brasil precisa garantir, no espaço de um ano, condições de competitividade no Mercado Comum do Cone Sul. O alerta é do diretor técnico da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, Ernesto Krug, dado durante palestra para técnicos de cooperativas filiadas. A palestra fez parte de um curso de produção leiteira realizado em Ijuí, mas promovido pela própria CCGL. Durante os cinco dias de curso, técnicos especialistas na produção de leite de 25 cooperativas gaúchas ouviram falar de manejo de animais, nutrição, reprodução, doenças, entre outros assuntos.



Ernesto Krug
Mercosul é irreversível

Mas para que a produção leiteira do país avance e se estabeleça em níveis semelhantes aos da Argentina e Uruguai, nossos principais concorrentes, Krug entende serem necessários investimentos na ordem de Cr\$ 350 bilhões. Apenas o Rio Grande do Sul necessitaria de Cr\$ 80 bilhões para serem aplicados no incremento da produção. O Brasil, segundo dados citados pelo diretor técnico da CCGL, tem um grande potencial de produção, reproduzido pelo seu rebanho de 10 milhões e 600 mil cabeças - 10,68 por cento do rebanho mundial -, mas produz pouco mais de 13 bilhões e 900 milhões de litros ao ano.

A nossa vizinha Argentina possui um rebanho de 2 milhões e 900 mil cabeças de vacas, mas produz 6 bilhões e 700 milhões de litros de leite. A média de produção, por vaca/ano, chega a 2.319 litros. Para a nossa vergonha, ela produz, com um rebanho de seis vezes menor, a metade da produção brasileira de leite.

MUITO A CAMINHAR - Considerando os níveis de produção da Argentina e do Uruguai, o Brasil tem ainda muito a caminhar no sentido de atingir um estágio de produção que possa competir nos mesmos níveis com a produção dos países vizinhos. Mas qualquer iniciativa no sentido de melhorar a produção passa, antes de tudo, pela reestruturação da propriedade como um todo e pela organização da atividade leiteira. "Precisamos mudar de postura e passar a agir dentro de uma nova ótica de mercado internacional do qual não escapamos mais", avisou Krug insistindo para que o produtor brasileiro encare a questão do Mercosul como irreversível.

O grande problema na opinião do diretor técnico da CCGL, é que o produtor brasileiro continua pensando que o Mercosul não é coisa séria e tão pouco vai sair do papel. Critica o governo que até agora nada fez de concreto para reverter essa idéia equivocada dos produtores e cita como exemplo a ser seguido, a conscientização dos produtores argentinos diante de um novo mercado que se abre.

CONDOMÍNIOS - A organização da produção, principalmente a dos pequenos produtores, passa pelo associativismo. Para Krug, a saída para estes pequenos produtores são os condomínios rurais, onde poderão somar forças e buscar recursos para a aquisição de ensiladeiras, enfardadeiras e até para a construção de silos coletivos.

A própria CCGL, segundo informou, vem incentivando a formação de condomínios rurais e financiando, "com bons prazos", equipamentos para que os pequenos produtores também possam atingir um melhor nível tecnológico e, conseqüentemente, uma produtividade maior, disse ainda Krug, lembrando que apenas nestes últimos três meses, foram investidos mais de Cr\$ 1 bilhão nesse sistema de financiamento associativo.

Produtividade começa com "B."



A opção lógica.

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo



VENDA SOB RECEIQUÁRIO AGRONÔMICO

Despesca exemplar

A renda de 1 milhão e 600 mil cruzeiros vai ser usada na compra de óleo diesel para a lavoura

Um grande número de produtores esteve presente na propriedade de Hédio Weber, em São Jacó, Santo Augusto, no dia nove de dezembro para participar de um dia de campo sobre piscicultura e para ajudar na despesca realizada pelo associado da unidade da Cotrijuí em Chiapetta. A despesca em São Jacó integrou uma série de outras feitas na região da Cooperativa, a fim de evitar o acúmulo de recebimento de peixes durante a Semana Santa, e acelerar a implantação de uma proposta de comercialização permanente.



Hédio e o sogro Alberto
Dedicação traduzida em produtividade

Para entrar nesse calendário, no entanto, foi preciso contar com um bom volume de peixes nos açudes, resultante de um manejo bem feito, de espécies de qualidade e de bastante dedicação. Hédio, por exemplo, obteve dois mil 181 quilos de peixes - média superior a 0,5 quilo por metro quadrado -, entre carpas, capim, húngara-espelho, e prateada, mais o pacu, nesta que foi a terceira despesca significativa de um produtor que tem se tornado modelo em piscicultura para o município.

Proprietário de 72 hectares, o produtor de Chiapetta vem trabalhando a piscicultu-

ra junto com o sogro Alberto Seifert, proprietário de 52 hectares. A cada ano que passa, eles incrementam a atividade, buscando, como ele mesmo afirma, a melhor tecnologia tanto em espécies como em trato recomendado pela experimentação desenvolvida no Centro de Treinamento da Cotrijuí.

O resultado desse interesse é o de que o produtor, antes contando com apenas um açude, possui hoje três açudes construídos com área total de mais quatro mil metros quadrados, e mais um pequeno destinado a creche dos alevinos. Com isso, afirma o produtor, os alevinos ficam livres do ataque dos predadores, o manejo fica mais fácil

e conseqüentemente se consegue alevinos mais vigorosos para povoar os açudes. No fim é economia de tempo e dinheiro. Para o trato dessa última população que entrou para o açude em maio de 1990, o produtor, como vinha fazendo nos últimos anos, forneceu pastagens do tipo azevém, teossinto, milho, barão de batata doce, folha de rama de mandioca, e ainda feno de azevém. Mesmo sem se utilizar da consorciação com suínos, o produtor forneceu um pouco de esterco dos animais em terminação, fazendo ele mesmo a distribuição, mais grãos de aveia e de cevada, e na falta destes também usou ração.

Esta foi a melhor despesca, por enquanto, afirma o produtor satisfeito com o desempenho das espécies - ele chegou a tirar várias carpas capim com mais de 13 quilos. O entusiasmo também é explicado pela renda em torno de um milhão e 600 mil cruzeiros. Isso significa o gasto em óleo diesel durante um ano para o cultivo de 100 hectares, calcula Hédio, lembrando que esse dinheiro vem de uma área onde, antigamente, existia apenas um banhado inaproveitável.



Peixe na entreafra
Incremento à comercialização permanente

Alevinos: creches potencializam produção

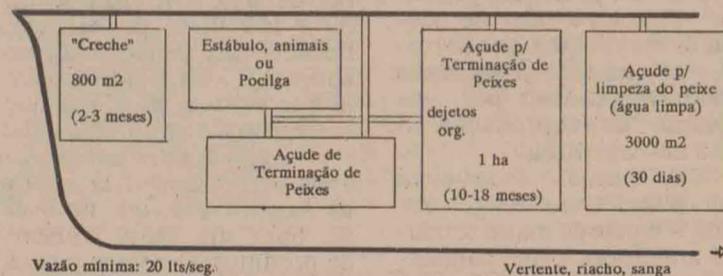
Constantemente estimulada pela Cotrijuí, a criação de peixes representa hoje uma forma de viabilizar a produção agropecuária na região. A afirmação é do supervisor técnico de piscicultura, Altamir Antonini, que vem acompanhando toda a evolução dessa atividade. Segundo Altamir, dois fatores são fundamentais para a perenização desta prática: a produção, oferta e distribuição de alevinos mais o recebimento e a comercialização do pescado.

Para incrementar estes dois segmentos, a Cooperativa procurou viabilizar a piscicultura como um todo, destaca Altamir. De início foi construída uma estação de produção de alevinos como unidade básica do processo produtivo. Por outro lado, cita o técnico, desenvolveram-se critérios e estratégias para receber e comercializar o peixe produzido na região. Em ambos os casos foi preciso muito trabalho para implantar uma estrutura sólida de produção, diz o técnico, lembrando que os esforços foram maiores ainda em relação ao primeiro fator, "A produção de alevinos, de certa forma, exigiu um esforço para viabilizar a produção em massa, em função das dificuldades de propagação natural de determinadas espécies".

AVANÇO TÉCNICO - Um exemplo desse esforço pode ser visto pela produção de carpas chinesas, que representam hoje um avanço técnico na produção e em requinte na qualidade a nível de açude, mas que, entretanto, ainda não superaram algumas dificuldades na obtenção de ovos e larvas, e conseqüentemente de alevinos. Por outro lado, com os quatro anos de trabalho de experimentação e produção de alevinos das carpas, chegou-se em 1991, à propagação, distribuição de alevinos de carpas, especialmente a capim, que é a mais procurada, em quantidade e qualidade excelente, mesmo com todos os problemas naturais de deficiência de água e de viveiros apropriados.

Para destacar a qualidade dessas espécies produzidas pelo CTC, o técnico cita o vigor híbrido e o melhor desempenho de crescimento constatado em alevinos e juvenis provenientes de cruzamentos de duas espécies diferentes: carpa capim com a cabeça grande, as quais já estão disponíveis e sendo distribuídas ao produtor. O incremento dos açudes deve ser reforçado ainda, de acordo com Altamir, através da colocação no mercado de alevinos de carpa húngara (espelho), na medida em que se trata de uma espécie muito precoce e com qualidade de carne superior às demais carpas comuns da região.

CRECHES PARA ALEVINOS - Ao mesmo tempo em que a estação de piscicultura trabalha pelo melhoramento das espécies mais produtivas, é exigido também do produtor, uma dedicação maior na adoção de práticas recomendadas pela pesquisa. Uma delas ressaltada pelo Altamir é de que se aproveite a disponibilidade de alevinos criando-os em creches especiais até atingirem a idade juvenil, mesmo que o produtor tenha o açude principal com terminação. Esta prática vai aumentar o potencial de produção de peixes, uma vez que irão aproveitar um período de crescimento importante, a primavera.



COMPROVADO

KARATE

INSETICIDA

O GOLPE DEFINITIVO NAS PRAGAS.

É EFICIENTE TAMBÉM NO CAFÉ, TOMATE, ARROZ E MILHO.

NA SOJA

CONTROLA LAGARTA E PERCEVEJO VERDE.

NO ALGODÃO

CONTROLA LAGARTAS COM MENOR RISCO DE REINFESTAÇÃO DE ÁCAROS.

NO MILHO

CONTROLA A LAGARTA DO CARTUCHO.

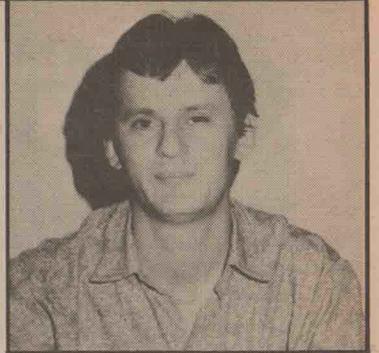
ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de proteção e equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

ICI Agroquímicos

Porco solto

O sistema de produção de suínos ao ar livre se expande na Europa e pode representar maior lucratividade



Gerson Madruga da Silva
Sistema barato

Em alguns países da Europa, grupos econômicos e também não-econômicos estão dando um novo rumo ao sistema de produção de suínos, tendo como frente o bem-estar dos animais associado a questões ambientais, como o equilíbrio ecológico e a poluição. Levados por estas questões, o novo sistema de produção de suínos a campo ou ao ar livre, começa a conquistar espaços significativos na atividade, acenando com uma maior lucratividade.

A novidade européia - no Brasil esse sistema foi introduzido no início da década de 80, pela Acaresc de Santa Catarina -, foi um dos assuntos debatidos durante o V Congresso Brasileiro de Veterinários Especialistas em Suínos, realizado em Aguas de Lindóia, São Paulo, no período de 21 a 24 de outubro. Promovido pela Associação Brasileira de Veterinários Especialistas em Suínos, Regional de São Paulo, o Congresso contou com a participação, sob a forma de assistente, do médico veterinário Gerson Madruga da Silva, da Cotrijuí.

O sistema, segundo Gerson Madruga, vem se popularizando na Europa levado também pelo clima e pelo solo,

"bastante propícios". O sistema, intensivo a campo, se caracteriza por rebanhos maiores que a média, sendo utilizados no caso, animais híbridos, resultante de cruzamentos das raças Landrace, Large White e Duroc. Os animais, em fase de reprodução, maternidade e creche, são mantidos em piquetes. A partir da fase de crescimento até a terminação, eles passam para o sistema de confinamento.

O sistema requer solos de fácil drenagem natural, regiões de baixa precipitação e muito sombreamento. "Ele vem sendo normalmente usado em fazendas de produção de grãos, onde seus proprietários fazem da suinocultura a campo, parte da rotação de culturas", informa o médico veterinário da Cotrijuí.

Mesmo na Europa, esse sistema tem propiciado que produtores de poucos recursos financeiros possam ingressar na suinocultura. No Reino Unido, por exemplo, 14 por cento das matrizes estão instaladas ao ar livre. A projeção é de chegar a 25 por cento em 1995. De acordo com o Gerson Madruga, esse novo sistema realmente permite que o produtor obtenha índices de produtividade seme-

lhante aos obtidos nos sistemas tradicionais, "desde que se adote técnicas de manejo, alimentação e sanidade", observa. Largar porco no campo, ressalta, não significa reduzir o consumo de ração. O manejo tem que ser de acordo com a fase do animal".

ESTRANGULAMENTO - A produção de suínos a campo é perfeitamente viável na re-

gião, embora o Madruga identifique, de saída, um ponto de estrangulamento para a expansão do sistema: o custo elevado da terra. Mas sugere, para o caso, o aproveitamento de terras muito desgastadas, "como as arrendadas". Diz que em vez do produtor fazer altos investimentos na recuperação desta terra, ele poderá utilizá-la na produção

de suínos, num sistema de rotação com grãos, mais tarde. Também não recomenda altos investimentos na atividade. "É um sistema que pode tornar-se muito barato, desde que o produtor não faça altos investimentos na construção de cercas sofisticadas".

Doença misteriosa

A Síndrome Reprodutiva e Respiratória dos Suínos já atacou rebanhos dos Estados Unidos, Canadá e de alguns países da Europa

Uma doença misteriosa vem atacando os rebanhos de suínos dos Estados Unidos, Canadá e de alguns países da Europa. Denominada de Síndrome Reprodutiva e Respiratória dos Suínos, a nova doença foi esmiuçada aos participantes do V Congresso Brasileiro de Veterinários Especialistas em Suínos através da palestra do pesquisador e médico veterinário Jurij Sobestianski, do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, de Concórdia, Santa Catarina. A SRRS, como vem sendo popularmente chamada pelos pesquisadores, ainda não chegou aos rebanhos de suínos brasileiros. "Ainda não registramos nem um caso", gerente Gerson Madruga apontando como fatores positivos para a não entrada da doença no país, a proibição de importação, tanto de sêmen como de animais, de países onde a doença já foi diagnosticada.

A SRRS apareceu pela primeira vez em 1987, nos Estados Unidos, em suínos adultos e em animais em crescimento. De 1988 a 1989 ela se difundiu pela maioria das regiões produtoras de suínos dos Estados Unidos e Canadá. Só nos Estados Unidos já foram diagnosticados em torno de 2.500 surtos da doença. Na Alemanha, os primeiros surtos apareceram em outubro de 1990, disseminando-se rapidamente. Até abril deste ano já haviam sido registrados 2.730 surtos da doença, "embora os pesquisadores acreditem que eles sejam bem maiores", avisa Gerson Madruga.

A Holanda já registrou mais de 2.000 surtos e a Bélgica 50. Na Inglaterra a doença só foi constatada em junho deste ano, em 12 granjas. "Mas na França ainda não foi diagnosticado nenhum surto", diz o médico veterinário da Cotrijuí. O próprio pesquisador do CNPSA apontou as condições climáticas da França como fator favorável para o não aparecimento da doença entre os rebanhos franceses. **VETORES** - O curso da doença varia de dois a quatro meses, dependendo do sistema de produção

e sua difusão está diretamente relacionada à concentração de granjas por região, "pelo menos é o que os pesquisadores têm observado nos países onde a doença já foi diagnosticada", informa Gerson Madruga. Entre os prováveis vetores da doença, os pesquisadores estão apontando os ratos, os animais selvagens, os aerossóis, o homem, o transporte de animais e a própria inseminação artificial.

O animal portador do SRRS apresenta como sintomas, redução leve e transitória do apetite por 4 a 7 dias. Em alguns casos, os animais aparecem com cor azulada nas orelhas, esta a razão da doença ter recebido, em alguns países, a denominação de "Doença da orelha azul". Além do aumento na taxa de abortos no final da gestação - ao redor dos 110 dias - têm se notado uma elevação no número de natimortos e nascimentos de leitoadas com leitões vivos, mortos e fetos mumificados, todas estas situações provocadas pela doença. Também tem sido registrado sintomas respiratórios na creche, com queda no ganho de peso e aumento na taxa de mortalidade.

Como controle da doença, já que ainda não existe possibilidade do uso de vacinas como forma de prevenção, os pesquisadores estão sugerindo a adoção de rigorosas medidas profiláticas de ordem sanitária. A proibição da entrada de animais, sêmen ou embriões de suínos de países onde a doença já foi diagnosticada, é uma das formas de prevenir a introdução do SRRS no país. Também é fundamental a conscientização dos técnicos, criadores e população em relação aos prejuízos econômicos que a doença pode causar.

Em alguns países onde a doença já foi diagnosticada, foram tomadas, como medidas de controle a notificação obrigatória do surto, a interdição da granja infectada, restrições no transporte de suínos e indenização dos criadores.

Sistema Confinado x a Campo - Inglaterra - Produção de leitões desmamados

	A Campo 14 granjas	Confinado 400 granjas	Difer.
Tamanho do plantel	410	205	205
Vendidos/porca/ano	19,3	20,9	1,6 P
Consumo total ração (Kg/P/A)	2.231	2.092	139 P
Produção total desmamado (Kg/P/A)	577	648	71 P
Vendas menos custo ração (P/A)	696	798	102 P
* Custos variáveis (P/A)	32	91	59 M
Margem Bruta (P/A)	664	707	43 P
* Custos fixos (P/A)	222	305	33 M
Margem Líquida (P/A)	442	402	40 M

P = A Campo - pior do que Confinado
M = A Campo - melhor do que Confinado
Dados adaptados das tabelas 2,8; 3,4 e 3,8 do MLC Yearbook 1991, publicados por G. F. W. Prall agrônomo M S Melhoramento em Melhoramento Genético no Reino Unido e Diretor Pig Improvement Company - PIC EEUU no V Congresso da Abra- ves - Aguas de Lindóia - SP - Out/91.

Produtividade começa com "B."

Qualquer dúvida ligue para: São Paulo - (011) 255.6288 • Londrina - (0432) 23.8055 • Campo Grande - (067) 721.0170 • Sapucaia do Sul - (0512) 74.1222.

Conte sempre com a Assistência Técnica BASF. São mais de 100 técnicos treinados para estimular o uso da mais moderna tecnologia agrícola, para você atingir os melhores índices de produtividade.

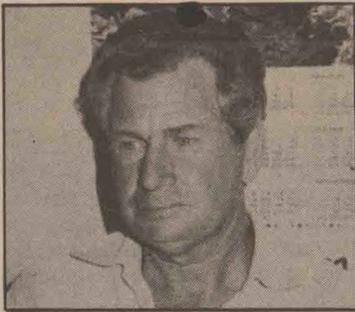
O fim do Funrural

O Funrural e a contribuição para todos os agricultores de 2,5 por cento sobre o valor de comercialização da produção, seja ela vegetal ou animal, já não existe mais. A extinção do Funrural aconteceu depois que o Congresso Nacional aprovou a nova lei de custeio da Previdência Social, publicada no Diário Oficial da União de 25 de julho deste ano e que mexeu com toda a sistemática de contribuição do produtor rural.

Mas assim como deu um fim ao Funrural, a nova lei instituiu uma nova alíquota de 3 por cento sobre o valor de venda de qualquer produto, a título de contribuição do produtor rural. Essa alíquota só é válida, no entanto, para os agricultores que trabalham em regime de economia familiar e que passam a ser classificados de "segurados especiais". Ou seja, todo o produtor, parceiro, meeiro, arrendatário, entre outros, que trabalham comprovadamente em regime de economia familiar.

Mas o que vem a ser regime de economia familiar? Segundo a Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, entende-se como regime de economia familiar a "atividade em que o trabalho dos membros da família é indispensável à própria subsistência e é exercida em condições de mútua dependência e colaboração, sem utilização de empregados". Em resumo, a lei está estabelecendo que só vão contribuir com 3 por cento sobre a produção comercializada, aqueles agricultores que não mantêm empregados registrados em suas propriedades.

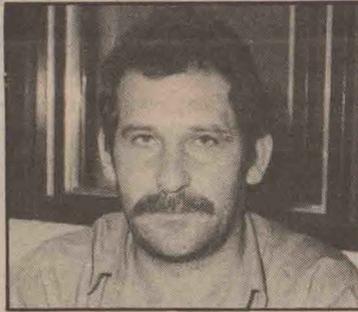
SEM DESCONTOS - O pro-



Egon Eickoff
Conquistista da categoria

prietário rural que possui empregados registrados, não terá nenhum tipo de desconto como contribuição à Previdência na hora da comercialização de seus produtos. Em contrapartida, terá que recolher mensalmente 33,7 por cento sobre o valor da folha de pagamento dos empregados - 20 por cento ao INSS; 2,5 por cento de salário educação; 0,2 por cento ao Incra; 2 por cento, acidente de trabalho; 8 por cento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e 1 por cento de PIS. Do salário do empregado serão deduzidos de 8,9 a 10 por cento - dependendo do nível salarial - e recolhidos à Previdência Social.

Com algumas dúvidas em relação a operacionalização da nova lei de custeio da Previdência, "que precisam ser clareadas", o presidente do Sindicato Rural de Ijuí, Egon Eickoff diz que a extinção do Funrural e o desaparecimento da contribuição de 2,5 por cento sobre a venda da produção veio em boa hora. "Acho que dá para festejar", diz ele classificando as mudanças de conquistas da classe. As dúvidas do seu Egon ficam por conta da situação do empregador que



Júlio Gabbi
Com bons olhos

desconta tributo via carnê e não possui empregado registrado na propriedade. "Essa é uma situação que ainda não sabemos como vai ficar", ressalta.

QUE NEM O URBANO - O empregador rural que quiser garantir benefícios próprios, terá de contribuir com a Previdência Social da mesma forma que um empresário urbano. Deverá recolher à Previdência Social um percentual

de 10 a 20 por cento, podendo contribuir sobre um a 10 salários mínimos para ter assegurada uma aposentadoria.

Já o agricultor classificado como "segurado especial", ou seja, aquele que não tem empregado registrado em sua propriedade, terá garantido, com o recolhimento de 3 por cento sobre o valor da comercialização da sua produção, uma aposentadoria equivalente a um salário mínimo. Mas se quiser assegurar uma aposentadoria maior, poderá contribuir de forma semelhante ao empregador rural, através de carnês, podendo inclusive, se aposentar com até 10 salários mínimos por mês, **BONS OLHOS** - Mesmo que a alíquota de descontos tenha aumentado de 2,5 para 3 por cento, "onerando ainda mais o trabalhador", o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, vê a extin-

Pela nova lei, empregadores rurais não contribuem mais para a Previdência Social na hora da comercialização de seus produtos

ção do Funrural com bons olhos. "A vantagem é que ele vai contribuir, mas depois terá garantido seu direito de aposentadoria", recebendo pelo mesmo salário", reconhece Júlio Gabbi preocupado, no entanto, com a forma como a lei vem sendo colocada: quem é empregador e quem não é empregador. Diz que entende como empregador todo aquele agricultor que tem empregado com carteira assinada, "mas para a lei, ele pode ser considerado empregador pelo simples fato de contratar um empregado eventual ou até mesmo pela área de terra que possuir".

O que o empregador rural deve fazer

Todos os agricultores que tiverem empregados em suas propriedades deverão providenciar, o mais urgente possível, no seu registro junto à agência do Instituto Nacional de Seguridade Social. Os formulários, identificados como "Certificados de Matrícula - CM 1ª Via e Pedido de Matrícula - PM, 2ª Via, poderão ser adquiridos nas papelarias ou livrarias, para serem preenchidos e encaminhados ao INSS. "O agricultor deve preencher este formulário em duas vias e ainda tirar um xerox", aconselha Sérgio Tolotti, da Área Fiscal da Cotrijuf.

De posse do registro, o produtor associado da Cotrijuf deverá comparecer à cooperativa para regularizar seu cadastro. Só a partir de então, não serão mais descontados os 3 por cento sobre a comercialização da produção entregue. "Mas enquanto o produtor não regularizar a sua situação junto à coo-

perativa, ou seja, não apresentar o Certificado de Matrícula - CM, serão descontados os 3 por cento", avisa Tolotti, por isso a importância do agricultor providenciar, mais breve possível, o seu registro junto ao INSS. Os condomínios agrícolas ou empresas rurais que possuírem inscrição no CGCMF, deverão apresentar o respectivo cartão junto à cooperativa.

De acordo com as informações de Tolotti, os produtores associados da Cotrijuf de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Catufpe, Santo Augusto, Chiapetta e Jóia, deverão procurar a agência do INSS de Ijuí para solicitar suas inscrições. Os associados de Coronel Bicaco, Tenente Portela, Miraguai e Redentora deverão se dirigir a agência de Três Passos e os associados de Erval Seco, a de Frederico Westphalen.

Tamaron®



O padrão de Qualidade Bayer é o sucesso da sua lavoura

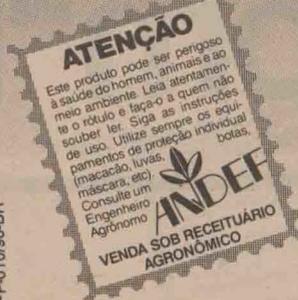


•Tamaron BR

Inseticida organofosforado sistêmico, com 600 g/l de Methamidophós, formulado como solução não aquosa concentrada.

•Vantagens

- Eficiência comprovada
- Versatilidade
- Qualidade e produção
- Tecnologia Bayer
- Assistência técnica Bayer



Se é Bayer, é bom.

Produtores e atacadistas discutem participação



Roberto Almeida
Assessor técnico da Ceasa

Ceasa de Porto Alegre realiza reuniões preparatórias para a instalação da unidade regional em Ijuí

Produtores de hortigranjeiros da área de atuação da Cotrijuí Pioneira e atacadistas da região estiveram reunidos nos dias 27 e 28 de novembro, no auditório da Cooperativa em Ijuí, com o assessor técnico da diretoria da Ceasa, Roberto Almeida. O encontro foi coordenado pela Prefeitura Municipal, Cotrijuí e Emater, com o objetivo de discutir e esclarecer os aspectos operacionais para o funcionamento da unidade da Ceasa que será implantada em Ijuí. A instalação da unidade no município foi oficializada em outubro pelo governador Alceu Collares e deve ser realizada até março do próximo ano, assegurou Almeida.

Procurando esclarecer todas as normas de funcionamento da Companhia, sua estrutura operacional, a movimentação dos produtos, entre outros itens, o assessor técnico da Ceasa lembrou aos produtores a necessidade de se seguir os princípios básicos de participação nessa estrutura através da manutenção de uma produção com qualidade, volume e assiduidade. Esta é a única forma de assegurar o mercado, enfatizou o técnico, destacando que a Ceasa é uma estrutura criada para o produtor da região e portanto deve ser aproveitada por ele. Não atender àquelas exigências do mercado, significa correr o risco de

ver o seu espaço ocupado por produtos de outras regiões, como já acontece com a batatinha na Ceasa em Porto Alegre, onde a falta de padrão no produto gaúcho fez com que a batata importada tome conta do mercado.

O assessor técnico da Ceasa discutiu ainda com os técnicos da Emater e da Cotrijuí a realização de um

levantamento da produção regional de hortigranjeiros, a fim de se obter uma produção programada que evite excedentes acentuados, ou seja, uma produção distante dos níveis de absorção do consumidor. O cadastramento dos produtores junto a entidade também foi acertado, podendo ser realizado pela Cotrijuí ou pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e o dos atacadistas pela Prefeitura. A reunião serviu ainda para acertar uma viagem dos produtores, agora em dezembro, até a matriz em Porto Alegre, visando um melhor conhecimento da sua estrutura.



Produtores

Esclarecendo as normas de funcionamento



Atacadistas

Cadastro deve ser feito junto a Prefeitura

INCREMENTO - Durante a sua explanação, Almeida aproveitou para ratificar o incremento trazido pela interiorização da Companhia no Estado. Em 1992, devem ser instaladas quatro filiais, a de Ijuí, a de Pelotas, que está para ser inaugurada agora em dezembro, a de Passo Fundo e a de Santa Maria. Atualmente, segundo o assessor, a Companhia totaliza um volume mensal de 35 toneladas, mas com a interiorização esse volume deve ser impulsionado em 25 por cento. Um outro aspecto trazido pe-

la descentralização é quanto a ampliação ou variedade dos produtos comercializados pelas Ceasas regionais. Estas entidades, ao contrário da matriz, trabalharão não somente com hortigranjeiros e sim com todo o produto produzido na propriedade, como grãos, derivados do leite e até artesanato. É claro que para isso, o produtor deve atender um volume mínimo de atacado, observou Almeida.

FESTIVAL DE PRÊMIOS COTRIJUI agora, muito melhor!



1º. Automóvel Volkswagen Gol CL



3º. Moto Yamaha RD 135 Z



2º. Automóvel Volkswagen Saveiro 1.6



4º. Moto Yamaha RD 135

5º. Vídeo Cassete CCE 2 cabeças
6º. TV colorida 16" Philips

7º. Congelador Vertical Consul 180 lts
8º. Máquina de Lavar Roupas Enxuta

9º. Ar condicionado Consul 7000 btus
10º. Refrigerador Prosdócimo Stock Total T27

As LOJAS COTRIJUI continuam apostando em você... Cada Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros) em tickets ou notas fiscais dos supermercados, ou Cr\$ 130.000,00 (cento e trinta mil cruzeiros) em notas de insumos, datadas entre 28/10/91 e 28/12/91, valem um cupom com o qual você concorre em sorteio pela Loteria Federal do dia 28/12/91 a um FESTIVAL DE PRÊMIOS!

Ao adquirir seu cupom, leia atentamente as instruções no verso.

A entrega dos prêmios será no dia 04/01/92, sábado, no Hipermercado da COTRIJUI, em Ijuí, às 10:00 horas.

**SORTEIO:
28 DE DEZEMBRO**



Certificado de Autorização pelo Ministério da Fazenda: Nº 01/10/015/91

Defendido com unhas e dentes por quem comprova suas vantagens conservacionistas, o plantio direto ganha uma avaliação mais séria nesta safra. A área até chegou a ser reduzida, sem abalar, no entanto, a disposição de quem já plantou e colheu com a palha

PLANTIO DIRETO

A maturidade do sistema

Para muitos, fazer plantio direto é uma questão de evoluir na agricultura. Entre este pessoal, certamente se encontram os produtores paranaenses que costumam respirar plantio direto mais de 24 horas por dia, mas além deles, técnicos e pesquisadores que vem procurando incentivar e aprimorar esta tecnologia na região ou no Estado há mais de 15 anos. Os adeptos do plantio direto sabem o quanto é importante, nos dias de hoje, plantar e colher com eficiência.

Sem lançar mão de uma pregação fanática, esses técnicos, pesquisadores e produtores reconhecem apenas uma verdade que se impõe a qualquer processo produtivo: cada vez mais é preciso ser resistente aos abalos do clima e do enxugamento dos recursos destinados a agricultura, fazendo, seja o que for, muito bem feito. Com o plantio direto também é assim. Longe de ser comparado a um salvador da produção, ele também não pode ser considerado como o único substituto do plantio convencional. Este, se bem conduzido, também pode render melhores resultados para o produtor. O plantio direto, no entanto, mesmo saindo mais caro no início, tende a se equivaler e até ser mais econômico com o passar dos anos, além de ser, sem dúvida alguma, uma das melhores alternativas convencionais do solo.

A MELHOR OPÇÃO - Este entendimento sobre o plantio é destacado neste ano quando alguns produtores que vinham experimentando a técnica, resolveram reduzir a área do sistema. O retrocesso como denominam alguns pesquisadores, era até esperado, e po-

de significar, segundo eles, uma retomada mais consciente a respeito de uma técnica que já comprovou seja na experimentação ou na lavoura, a sua eficiência na eliminação da erosão, através da eficiente conservação do solo e da preservação do meio ambiente.

A certeza dos técnicos se justifica pelo fato de que o plantio direto, mais do que qualquer outro sistema, somente se viabiliza com a adoção de alta tecnologia e cuidados especiais. Mais que o plantio convencional, ele exige a rotação de culturas, a prática mais apregoada pela pesquisa nos últimos vinte anos, para viabilizar qualquer tipo de produção, e estancar os problemas de pragas e doenças, como o tombamento e o cancro da haste que podem liquidar a cultura da soja. Rotação, no entanto, significa fazer um rodízio dentro de uma mesma estação, alternando soja com milho e ou sorgo, por exemplo. Alternar trigo e soja, continuamente, não é rotação.

Esta afirmação é do pesquisador da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, um dos mais insistentes defensores do plantio direto. Para ele, o sistema representa uma das grandes saídas, principalmente do ponto de vista da conservação do solo, e para a cultura da soja, "que exige preparo do solo - no convencional - em época de concentração de chuvas muito erosivas. Por isso, uma boa cobertura de solo no inverno e o plantio direto sobre a sua resteva, garantem um perfeito controle da erosão". A base dessa cobertura, como se sabe, começa com culturas como o trigo, a aveia, a cevada e o centeio entre outros. Mas,

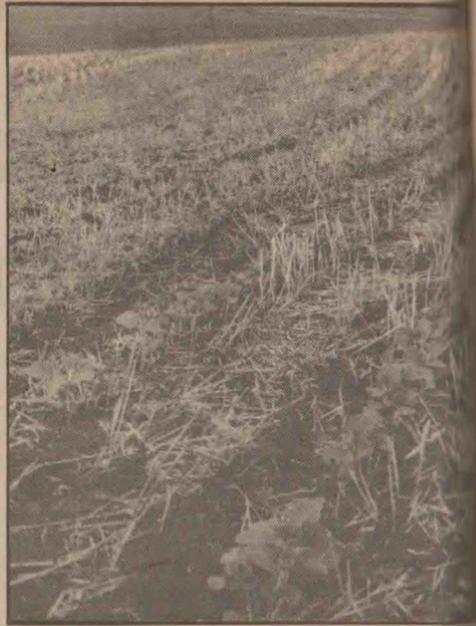


Rivaldo Dhein
Grande saída para a soja

segundo Rivaldo, além da aveia que é sempre destacada, a colza também não pode ser esquecida. "É uma das poucas alternativas de produção de grãos, não cereal, no inverno".

Ela merece permanecer no sistema produtivo, torce o pesquisador, lembrando da importância de se cultivar uma planta com hábitos e exigências diferentes das demais, na medida em que se busca uma maior resistência do solo frente a proliferação das doenças.

MANEJO ADEQUADO - A preferência do plantio direto, contudo, não significa a ausência de questionamentos na sua implantação, como uma prática permanente e contínua. A ressalva do Rivaldo é feita principalmente em função do trigo de solo característico de cada região, e que no caso da área de atuação da Cooperativa é muito argiloso, com teores de argila acima de 70 por cento. "Não podemos simplesmente transplantar os resultados de outras regiões como a do oeste paranaense, que possuem solos muito mais are-



Falta de rotação co

nosos e por isso mais resistentes a compactação. Devemos entrar para o plantio direto, mas guardar o arado", recomenda o pesquisador, aceitando como prática necessária uma mexida de quatro em quatro anos, por exemplo.

Para explicar esta recomendação, Rivaldo se baseia nas pesquisas mais recentes onde se comprova que o calcário utilizado para correção da acidez do solo, leva até 11 anos para descer apenas um centímetro no solo. O ideal, portanto, é de que o produtor da região, a intervalos de quatro anos, faça uma calagem profunda de mais ou menos 20 centímetros de profundidade.

O mesmo solo argiloso leva o pesquisador a indicar a incorporação periódica do colchão de matéria orgânica - que se forma na superfície do solo através da permanência da palha - e também por causa da grande concentração de fertilidade resultante da adubação. Caso não seja feita esta incorporação, a tendência é de que ocorra um enraizamento superficial das plantas, o qual possivelmente influi de forma negativa na sua resistência a seca. Esse talvez seja um dos motivos apregoados ao insucesso do plantio direto, em tempo de estiagem, reflete Rivaldo.

BUSCANDO EFICIÊNCIA - Um outro ponto sempre salientado pelos agricultores é do controle das invasoras,

Uma redução esperada

Retrocesso positivo. É dessa forma que o pesquisador da Fundacep - Fecotrigio, em Cruz Alta, José Ruedell, especialista em plantio direto e ervas daninhas avalia a momentânea redução que vem ocorrendo na região de Cruz Alta, onde até bem pouco este sistema ocupou uma área de extensão significativa. São 25 mil hectares cultivados em plantio direto nesta safra, contra os 40 mil plantados há dois anos, comenta o pesquisador que já vinha prevendo essa diminuição devido a má condução no implante do sistema.

"A redução era certa e o principal motivo para isso foi o aumento expressivo e danoso das pragas de solo, como o tamanduá-da-soja e o coró, embora muitos aleguem o custo alto de herbicidas e a compactação do solo, equivocadamente". Uma prova disso, diz Ruedell é de que as áreas de soja com plantio direto foram quase que todas substituídas pelo milho, o único remédio para quebrar o ciclo de vida do tamanduá e possibilitar um futuro plantio de soja de forma segura, destaca o pesquisador.

O COMBUSTÍVEL - A constatação de Ruedell comprova simplesmente que ao incremento rápido do plantio direto naquela região faltou um fator

fundamental: a tão apregoada rotação de culturas e formação necessária do principal combustível do sistema, a palha, capaz de amenizar o impacto das chuvas, da temperatura, abafar o incho, e ainda, ao mesmo tempo que se decompõe, proporcionar matéria orgânica. O tipo de palha usada também é um cuidado que ficou de lado nestes anos todos, firma Ruedell, lembrando a necessidade da soja por volta de seis toneladas de hectare.

Em razão da mesma ausência de rotação de culturas os problemas com invasoras não foram solucionados. O produtor passou anos culpando o custo de dessecante, sem perceber que muito leiteiro poderia ser simplesmente combatido com o milho. É mesmo para invasores mais resistentes, faltou uma comparação mais justa entre plantio direto e o plantio convencional, explica o pesquisador, lembrando que isto acontece muitas vezes porque o produtor só faz o cálculo do dinheiro vivo tirado do bolso e não do desgaste das máquinas. "E o desgaste do trator, que diminui a sua vida útil para oito anos no convencional contra os 15 anos do plantio direto? E a manutenção do arado, da grade e do escarificador? Tudo isso tem que ser contabiliza-

Plantio Convencional x Plantio Direto			
1 lavração	US\$ 20/ha	Dessecação	US\$ 18 a 20/ha
1 escarificação	US\$ 12/ha	Aplicação	US\$ 7/ha
1 gradeação	US\$ 5/ha		
TOTAL	US\$ 37/ha		US\$ 25/ha

Fundacep - Cruz Alta

do, frisa Ruedell, ao expor o comparativo de custo dos dois sistemas, onde o plantio direto, ao contrário do que alguns apregoam, acaba saindo mais barato, como demonstra o quadro acima.

Baseado na comparação de custos, o pesquisador diz que mesmo quando os plantios aproximam-se nos gastos, ainda assim o plantio direto larga na frente. Conforme a pesquisa tem comprovado, as perdas por erosão são de 20 toneladas por hectare ao ano no convencional, enquanto no plantio direto essa perda fica somente em 100 quilos por hectare.

A aproximação de gastos prevista por Ruedell se justifica pelas condições e características de cada solo. Os solos mais arenosos tem maior facilidade na implantação do plantio direto, bem ao contrário de um solo argiloso que perdeu toda a sua estrutura depois de um longo período de mecanização. Quando ele pára de ser remexido (é o caso do plantio direto), o adensamento é maior do que qualquer outro tipo de terra e só pode ser melhorado com grandes quantidades de matéria orgânica. Esta, no entanto, somente



José Ruedell
O direto sempre larga na frente

recompõe a estrutura do solo depois de vários anos, o que significa que solos mais pesados possivelmente terão que receber escarificação periódica durante uns dez anos. "É algo como aplicar uma aspirina de vez em quando para amenizar os efeitos, enquanto a causa do mal é a falta de matéria orgânica", compara Ruedell.

NÚMEROS QUE DIZEM TUDO - Para aqueles que ainda questionam as vantagens desse sistema sobre o convencional, mesmo com a comprovação de custos e da sustentação que o plantio direto traz para o controle de pragas e doenças, o pesquisador da Fundacep cita, satisfeito, os resultados de sete anos de pesquisa realizados em Cruz Alta. O plantio direto de soja tem ficado em média com 2.878 Kg/ha, enquanto no convencional ele baixa para 2.506 Kg/ha. No milho, o plantio convencional é de 4.125 Kg/ha contra o plantio direto que vem produzindo 4.857 Kg/ha. Na soja, é bom que se diga, são 32 sacos contra 23 sacos, que é a média histórica do Rio Grande do Sul, apesar de todas as falhas de implantação do sistema. "Isso diz tudo", comemora Ruedell.

Quem conhece não larga

Os problemas existem, mas nem sempre as causas são aquelas apontadas durante as épocas de insucessos. É o que confirmam produtores que já vem aprimorando o sistema há mais de dez anos, e que são conscientes do prejuízo da erosão

Ninguém melhor do que os produtores integrantes dos Clubes Amigos da terra para falar sobre o plantio direto e fazer uma avaliação bem prática do desempenho deste sistema de plantio. Isso não significa discriminação, mas a verdade é que o pessoal mais ligado aos Cats, além de aplicarem a técnica há mais tempo, em geral, estão constantemente reunidos para discutir, entre outras questões ligadas a produção, os problemas e as inovações exigidas pelo plantio direto.

Como outros agricultores, os membros dos Cats também enfrentam problemas para dar continuidade a um sistema tão defendido por eles mesmos. Por experiências recentes ou passadas, muitos deles até chegaram a interromper a prática, acusando quase sempre como principal entrave o alto custo dos desseccantes necessários, especialmente nos primeiros anos de implantação do sistema.

RECONHECIMENTO - Em Ajuricaba, o produtor Amauri Bortolini, proprietário de 50 hectares e arrendatário de mais 50 também chegou a fazer uma interrupção na prática, que foi iniciada em sua lavoura em 1977. "Fizemos cinco anos e demos uma parada, por causa do custo muito alto do desseccante", recorda o produtor contando que, mesmo naquela época, quando a rotação era praticamente inexistente (fazia só trigo, soja e pousio), foi possível observar uma redução nos níveis da erosão e um aumento da matéria orgânica.

Passado alguns anos, Amauri Bortolini começou a sentir novamente que a economia com os desseccantes não foi tão vantajosa. A erosão voltou com força e o produtor passou a ter saudades do uso reduzido de maquinário. Em 1986 ele partiu novamente para o plantio direto, agora mais consciente da necessidade de rotação de culturas, embora reconhecendo que ainda não tenha conseguido fazer o ideal. "O plantio direto é interessante, mas tem que se ter uma boa base: solo corrigido, traços de base larga e começar uma rotação com aveia, para ter boa quantidade



Amauri Bortolini



Sênio Kirst

de de palha e depois entrar com o milho no verão", ensina ele.

Hoje, preocupado em avançar com todas estas práticas, o produtor de Ajuricaba mantém apenas uma área de 30 hectares com plantio direto. "Reduzi um pouco a área em relação ao ano passado porque não tenho todas as condições exigidas pelo sistema", admite o produtor. Os custos do desseccante continuam sendo salgados como na década de 70, diz ainda Bortolini, mas segundo sua análise atual esse caro já é relativo. "Ele só é caro nos primeiros anos, depois de uns cinco anos é possível controlar a invasora com a própria palha". Esse prazo para o controle dos inços vale também para outros probleminhas que geralmente são citados por muitos produtores, acredita Bortolini. "O negócio é começar bem e saber que os resultados não são para dois anos. "Temos que dar um prazo", recomenda, lembrando os anos críticos em que é preciso fazer uma mexida na terra.

REDUÇÃO MOMENTÂNEA - Fundador do Clube dos Amigos da Terra de Ijuí, o produtor Sênio Kirst, que é proprietário de 92 hectares em Rincão dos Pampas, Coronel Barros, embora de forma momentânea, foi drástico na redução de plantio direto este ano. De 50 por cento da área com plantio direto, principalmente no verão, ele praticamente zerou o sistema. A atitude de Sênio, no entanto, não tem a ver com desinformação, e sim com uma parada necessária para que ele amplie todas as práticas exigidas pelo sistema.

"O plantio direto é uma excelente prática, mas somente viável em la-

voura limpa", afirma com toda a convicção de quem faz parte de uma agremiação do gênero do Cat. "Não existe coisa melhor para recuperar a estrutura do solo. A erosão fica a zero e a lavoura não perde nada de água", completa o produtor. Ciente disso, Sênio, que já vem trabalhando e aprimorando o sistema há vários anos, investiu bastante no sistema nos dois últimos anos. Adquiriu inclusive uma semeadeira especial, uma MP-1600, corrigiu toda a sua terra e passou a aumentar gradativamente a rotação de culturas. O produtor, no entanto, não teve tempo para evitar o esperado ataque do tamanduá, conforme já previam alguns pesquisadores, baseados na ausência de rotação efetiva.

Na última safra de verão o inseto bateu na soja de Sênio, trazendo "sérias preocupações" e criando na verdade um impasse para ele, ou continuava com o sistema arriscando a encontrar um foco ainda maior de tamanduá nos próximos anos, ou dava início à rotação com o milho. Sênio resolveu ficar com a segunda opção e hoje já conta com 10 por cento da área ocupada pelo milho. "Em quatro anos quero chegar aos 30 por cento", assegura o produtor, convencido de que esta é a única forma de voltar ao plantio direto sem ter problemas com pragas e doenças.

O custo de dessecação da palha, contudo, não é esquecido pelo produtor. "Hoje precisamos baixar o custo de produção da lavoura e o plantio direto é uma ótima alternativa", confirma Sênio. Afirma ao mesmo tempo, que é preciso ultrapassar a barreira do custo de dessecação, já que, para controlar bem os inços é preciso utilizar muitas vezes dois tipos de herbicida, o que acaba saindo ainda mais pesado para o bolso. De qualquer forma, esse gasto é só nos primeiros anos, destaca ele, falando de sua intenção de voltar ao sistema nos próximos anos devido aos resultados. "Com toda aquela estiagem da safra passada, cheguei aos 62 sacos por hectare de soja, em algumas áreas do plantio direto".

Erosão é mais cara do que o desseccante

Em Santo Augusto, o produtor Davi Ceolin, que também é gerente da Cooperativa, relata sua experiência com o plantio direto citando também a interrupção do sistema ao longo dos anos. Ele começou a instalar o sistema em 1978, quando fazia uns 30 por cento da área de soja, ocupando ainda a semeadeira oriunda de Ibirubá. Fala, na verdade, uma semeadura direta que ele mesmo afirma, mas com o passar do tempo, o custo do herbicida e a falta de máquinas adequadas diminuíram gradativamente o espaço do sistema alternativo.

A partir de 1984, já conhecendo todas as necessidades do plantio direto, Ceolin passou a incrementar a rotação de culturas, priorizando um pouco o cultivo da aveia e do milho, entre outras culturas. No verão de 89, o produtor, que

possui junto com mais dois irmãos e o pai 620 hectares, em Campo Santo e São Valentim, já contava com uma área de soja feita em plantio direto perto dos 40 por cento. "A estrutura do solo já estava bem melhor, a lavoura-conservava bem a umidade e o solo com boa porosidade", comenta Ceolin, que também já obtinha melhores produtividades na soja cultivada em plantio direto.

Embora estivesse entusiasmado com os resultados do sistema, Ceolin, no ano passado, se deixou levar pela aparência dos gastos com desseccante, que mesmo não saindo altos para o produtor, quando não bem contabilizados e comparados com outros sistemas e os seus efeitos, podem dar uma avaliação errada sobre os custos. Gastando bem com calcário, principalmente na parte arrendada, e fazendo toda a adubação recomendada,



Davi Ceolin
Conservando
os
investimentos

Ceolin deixou de fazer o plantio direto na safra passada, o qual lhe causou um enorme arrependimento. "A erosão foi violenta e esculhambou a lavoura", afirma ele, certo de que se o gasto do desseccante é alto, o prejuízo com a erosão é muito maior.

Tentando recuperar o que perdeu no ano passado, Ceolin se jogou no plantio direto este ano, não completando os 90 por cento da área de soja como pretendia inicialmente, porque parte da faixa cultivada no inverno foi mal e ele teve que incorporar e também porque fal-

tou um pouco de dinheiro para desseccar parte da aveia. O restante, no entanto, que foi cultivado com trigo, aveia, ervilha, ervilhaca e azevém, totalizando uns 340 hectares, recebeu plantio direto. Depois do que passei na safra de 90, não deixo de fazer plantio direto por causa do custo do desseccante, concluiu Ceolin, destacando que também o milho já ocupa 12 por cento da área. "É bem melhor ter a palha e conservar os investimentos da terra", diz por fim, salientando que "a hora em que tiver condições, deixo tudo com o plantio direto".

A agricultura canadense

Durante os meses de setembro e outubro, dois integrantes do departamento agrotécnico da Cotrijuí, estiveram realizando viagens de intercâmbio tecnológico. Uma foi realizada no estado de Ontário, no Canadá e outra em Indiana, nos Estados Unidos

Diferente do vizinho Estados Unidos, o Canadá tem uma agricultura eminentemente familiar, a qual é responsável por uma grande produção de trigo e também de produtos como o leite e a carne bovina, voltados principalmente ao suprimento do escasso mercado interno. A participação do complexo agroindustrial é significativa - 14 por cento fora a produção de florestas - mas a receita da produção agrícola pequena - 22,5 bilhões de dólares -, e o produtor, por sua vez, embora mantenha um bom nível tecnológico na produção conta com apenas três produtos subsidiados, o leite, o frango, ovos e o trigo para consumo interno. Como em outros países e também no Brasil, o agricultor de lá tenta demonstrar ao governo e à população urbana, a importância da produção agrícola na economia global e assim, negociar uma nova relação.

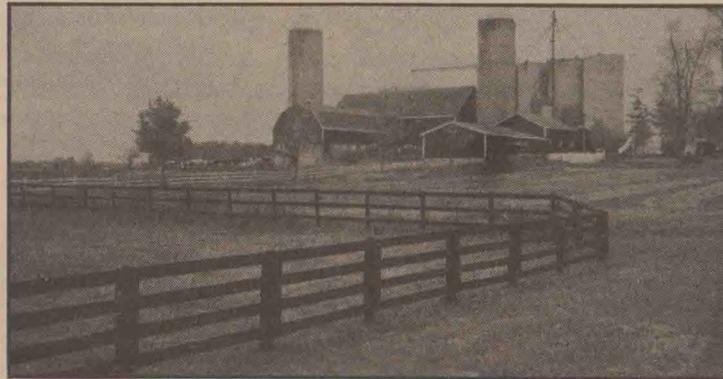
A avaliação é do pesquisador da Cotrijuí João Miguel de Souza que realizou uma viagem de estudos ao Canadá de 13 a 27 de setembro passado, através de um convite da Fundação S.H.A.R.E. - Fundação Canadense com Recursos Privados e do Governo do Estado Canadense - e ainda com o apoio do Departamento de Extensão Rural da Universidade de Guelph. A visita de João Miguel ao Canadá se deteve geograficamente ao estado de Ontário, o qual apresenta a maior população do país: 9.578.700 habitantes e o maior índice de produção tanto agrícola como industrial, configurando-se no estado de maior importância econômica: 25,2 por cento da produção canadense.

O percentual de participação econômica de Ontário está baseado especialmente na produção de leite, bovinos e cereais de inverno, além de outros produtos em menor escala, como o frango, hortigranjeiros, milho,

soja, etc., relata o pesquisador destacando que a importância da produção animal em Ontário é comprovada ainda pela forma de ocupação do solo. Em sua grande maioria ele serve a produção de alimentos para ruminantes, conta João Miguel, exemplificando o fato de o feno e as pastagens cultivadas ocuparem 30,8 por cento da área agricultável do Estado. Os custos de produção dessas atividades, no entanto, são bastante elevados e retiraram a competitividade do país no mercado internacional.

EXCEDENTES - Mas se no principal estado agrícola, o leite e a carne bovina são os produtos de maior destaque, no Canadá em geral, o produto mais cultivado é o trigo. O cereal ocupa 12 mil 452 hectares de uma área agrícola estimada em 65 milhões de hectares. A produção total é de 26 milhões de toneladas com produtividade média de dois mil e 800 quilos por hectare. Pouco deste trigo é consumido internamente, sendo o Canadá hoje um grande exportador do produto, já que possui um excedente de 20 a 22 milhões de toneladas. A produção por sua vez não é nada barata, custando 120 dólares a tonelada, o que provoca grandes dificuldades ao agricultor, face a competição do trigo subsidiado na Comunidade Econômica Europeia e pelos Estados Unidos. "Esse é também um dos motivos que empurra o agricultor canadense para a produção de alimentos destinados somente ao mercado interno", diz o pesquisador, lembrando os grandes volumes de importação de alimentos realizados pelo Canadá. "A balança comercial agrícola canadense só é positiva com o Japão", exemplifica.

Depois do trigo, o Canadá conta ainda na sua área de produção com o cultivo de outros grãos, forrageiras anuais e hortigranjeiros, os quais so-



João Miguel
Visita a várias
propriedades de
Ontário

mados ao primeiro totalizam uma área de produção de 31 milhões de hectares. Em seguida vem os 9,7 milhões de hectares de pousio rotacional - 25 por cento - e por fim as pastagens nativas ou perenes, mais as matas cultivadas. Segundo João Miguel não existe mais possibilidade de expansão da área agrícola, devido aos pequenos níveis de precipitação - 100 mm - ou períodos de calor muito curtos - 5 a 100 dias. Ontário, neste setor é exceção no país, apresentando uma precipitação média de 450 mm durante abril a outubro.

Um outro aspecto relatado pelo pesquisador é quanto a estrutura das propriedades e as condições sociais do produtor. Até o início de 90 observou-se uma redução ainda mais acentuada no número de produtores e de propriedades, afirma o pesquisador, apontando o endividamento da agricultura, que hoje é de 25 por cento do ativo, como uma das causas principais desta seleção. Os níveis de aplicação de tecnologias comprovadamente racionais são bons, comenta ainda João Miguel, ao lembrar, que em Ontário, por exemplo, onde a média das propriedades oscila em 60 hectares, é intensa a integração lavoura-pecuária e a rotação de culturas (alfafa-milho-soja, especialmente).

INTERCÂMBIO - Apesar do pouco tempo em que esteve no Canadá, João Miguel pode realizar um bom intercâmbio com produtores e órgãos ligados a agricultura. O pesquisador visitou 12 propriedades no estado de On-

tário e verificou de perto as condições da pecuária leiteira, da produção de grãos, da bovinocultura de corte, e também da suinocultura e fruticultura. "A dieta do rebanho leiteiro canadense é de 40 por cento de grãos e 60 por cento volumoso. O produtor fornece muita silagem de milho, haylage - silagem com 50 por cento de MS - e feno de alfafa. "Atualmente é fornecido a silagem de milho com sabugo, pastagem de trevos e gramíneas perenes", conta o pesquisador ao falar sobre plantéis que, em média possuem 35 vacas em lactação e produzem 700 litros/dia.

Quanto a forma de criação, João Miguel lembra que o canadense faz confinamento total na neve - novembro a março -, com duas horas ao dia de passeio. O restante do ano os animais ficam no pasto. Os machos são vendidos com 4 dias, para terminadores, e até 200 quilos para os remates. O rebanho é predominante holandês, já que o pagamento do leite é por proteína e gordura e tem uma produtividade crescente de dois por cento ao ano, isto é, reduz-se o número de vacas para não ingressar no mercado internacional, onde o leite canadense é mais caro que o americano e o neozelandês.

Além das propriedades, o pesquisador manteve contato com a União das Cooperativas, Ministério da Agricultura e a Federação da Agricultura do estado de Ontário. Visitou ainda uma estação experimental do governo federal e duas universidades.

QUALIDADE DA ÁGUA

Uma preocupação fundamental

O manejo de dejetos é controlado pelo condado

Qualidade da água no meio rural. Este foi o assunto que levou a médica veterinária da Cotrijuí, Ivone Suffert ao estado de Indiana, nos Estados Unidos, para fazer um acompanhamento dos trabalhos realizados pelo Departamento de Saúde Urbana no condado de Lafayette. A viagem de estudos aconteceu de 12 de outubro a 23 de novembro e foi custeada pelos Partners, entidade norte-americana que promove o intercâmbio tecnológico entre técnicos e produtores do Estado de Indiana e o Rio Grande do Sul. A entidade é mantida por várias empresas daquele país, as quais financiam projetos sobre ecologia, controle ambiental, entre outros temas, e onde se inclui a preocupação do setor veterinário da Cotrijuí em relação a problemas de produção animal e qualidade da água. "Muitas doenças observadas aqui, sem se chegar a detectar as causas, podem ter influência direta da contaminação de água", afirma Ivone.

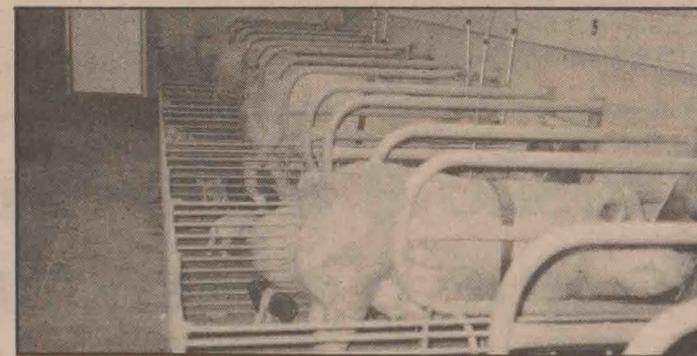
Com esta expectativa, Ivone acompanhou os trabalhos mais recentes do Departamento de Saúde de Lafayette, o qual durante o período de estágio da veterinária naquela região, realizou mais de 40 testes para verificar os índices de contaminação da água por nitratos (NO3), em moradias do campo e propriedades rurais. "Essa é uma preocupação imediata

dos americanos", ressalta a veterinária, ao comentar o grande interesse da população pela qualidade do que é consumido. Eles têm levado a sério, por exemplo, a possibilidade de morte por asfixia de crianças com até um ano de idade, causada pela intoxicação de nitratos através da água.

Abastecidas na sua maioria por poços artesanais, as moradias de campo, muito comuns naquela região, e também as propriedades rurais, correm um grande risco de terem a água de consumo doméstico contaminada, em razão do uso de uma adubação pesada com nitrogênio, constantemente aplicada nas lavouras de soja e milho, principalmente. Conforme explica Ivone, a contaminação que hoje ocorre ao nível de aproximadamente cinco por cento das moradias consultadas pelo Departamento de Saúde, se dá pelo fato de que uma grande parte do solo de Indiana apresentar bastante permeabilidade. Dessa forma, o nitrogênio aplicado nas lavouras, penetra rapidamente no solo, e o volume não aproveitado pelas plantas atinge o lençol freático, provocando, assim, uma contaminação dos poços, os quais não possuem recuperação fácil a ser feita pela ação do homem. O controle da contaminação por nitratos se justifica ainda, segundo a veterinária, por causa do alto custo da abertura de no-



Ivone Suffert



Suinocultura

O manejo de dejetos é controlado pelo condado

vos poços artesanais.

MANEJO DE DEJETOS - O trabalho de controle sobre a contaminação da água por nitratos, realizado pelo condado de Lafayette, não se resume ao excedente de nitrogênio liberado através das lavouras. O órgão também controla a contaminação provocada pela liberação da amônia, NH3, oriunda dos dejetos humanos e animais. Cada casa construída naquele condado tem que ter a sua fossa séptica aprovada pelo departamento responsável, conta a veterinária. A mesma rigidez é aplicada nas edificações de granjas de suínos e de pecuária leiteira, que embora sejam em número reduzido no estado de Indiana, são motivo de preocupação para o governo, a fim de evitar danos à saúde humana caso não tenham seus dejetos corretamente manejados. Como as fossas residenciais, essas granjas também precisam de um projeto completo aprovado pelo Departamento de Saúde

do condado, no qual o primeiro item da construção é um tanque para armazenagem de todos os dejetos o qual é colocado sob as instalações.

"A preocupação dos americanos com o controle de qualidade da água, tanto para o consumo humano como para a produção é muito válida para nós", conclui a veterinária, lembrando que "na nossa região, os problemas de produção podem ser ainda mais graves, já que o abastecimento é feito à base de vertentes. "Água boa é essencial para o desenvolvimento dos animais, e sem ela não se produz bem", finaliza. Durante o seu estágio em Indiana, Ivone observou também a estrutura das granjas de suínos e de gado de leite, o manejo da alimentação, entre outros pontos e manteve contato com pesquisadores da Universidade de Purdue, que já vem trabalhando a respeito do controle de qualidade na água e sua relação com o manejo de dejetos.

Praga que se alastra

Em Santo Augusto e Chiapetta apareceram alguns focos de gafanhotos, mas a incidência é pequena e os técnicos não vêem motivos para alarmes por parte dos produtores

Com capacidade para comer o equivalente ao seu peso num único dia, tal a sua voracidade e apetite, o gafanhoto sempre foi uma das pragas mais desconjuradas pelo homem. Conhecido como a 8ª Praga do Egito, ele sobreviveu a séculos de combate e chegou à África, no período de 1930 a 1945, promovendo grandes devastações. No Brasil, sabe-se que ele chegou entre as décadas de 30 e 40, proveniente da Argentina. Invadiu o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, causando grandes prejuízos às lavouras. No início dos anos 80, grandes focos apareceram nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste do país. No Mato Grosso até hoje se fala nas devastações e prejuízos que os gafanhotos fizeram, infestando e danificando áreas de pastagens e lavouras de arroz e de cana-de-açúcar.

O Rio Grande do Sul só voltou a ter contato com o gafanhoto, de forma mais intensa, de uns quatro anos para cá, computando desde então alguns danos econômicos para a atividade agropecuária. Municípios como Santiago, São Borja, Alegrete, Itaqui, São Francisco de Assis e Jaguarí concentram hoje, segundo dados da própria Secretaria da Agricultura, a responsável pela campanha de combate ao gafanhoto no Estado, em torno de 95 por cento das infestações já registradas e que totalizam, aproximadamente 100 mil hectares.

Indiferente à polêmica que vem se acentuando entre ecologistas contrários a aplicação do Fenitrothion pelos danos que pode causar ao meio ambiente e técnicos e produtores, o gafanhoto avança lavoura adentro. Em Santiago, um município localizado na campanha do Estado, e onde a infestação tem dado o que falar, técnicos da Secretaria da Agricultura do Estado, acompanhados de uma representante da FAO, organismo das Nações Unidas para a Alimentação, deram início ao combate ao gafanhoto, aplicando inseticida específico em quase 10 mil hectares de lavoura, "tão violento é o ataque e tão acentuado os prejuízos". A constatação é do secretário da Agricultura do município de Chiapetta, Jaldyr Cabral que, em Santiago, acompanhou as primeiras aplicações do Fenitrothion.

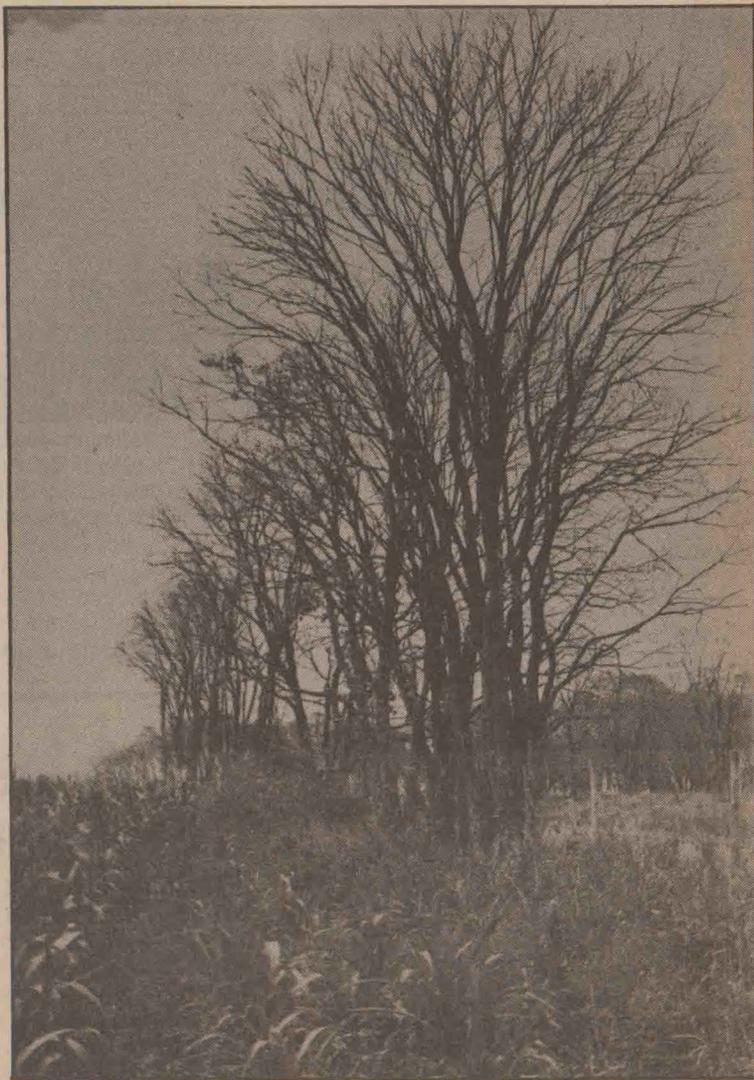
NA REGIÃO - Alguns focos de gafanhotos trouxeram até Santo Augusto e Chiapetta, no início do mês de dezembro, técnicos da Secretaria da Agricultura para um levantamento da situação. Embora ainda não tenha recebido o resultado do levantamento feito pelos técnicos, o secretário da Agricultura de Santo Augusto, Agostinho Alcione Bottega, não vê motivos para preocupação. Dos três focos identificados, nenhum até agora trouxe danos econômicos, "pois os insetos estão alojados em matos de timbó, mal chegando às bordas das lavouras", afirma Bottega, desaconselhando precipitações por parte dos produtores. Diz que por enquanto não existe necessidade de controle químico, até porque as infestações são pequenas. Ele lembra também aos produtores que o gafanhoto encontrado no município de Santo Augusto pode não ser o mesmo identificado na região da fronteira.

ra. "Este parece ser uma espécie arbustiva".

Outros três focos apareceram no município de Chiapetta e, assim como os gafanhotos encontrados no município de Santo Augusto, também ainda não tem uma identificação exata. "Ele vem aparecendo onde existe mato de timbó", explica o engenheiro agrônomo da Emater do município, Adão Carlos de Quadros e Castro, negando a incidência "com danos econômicos", em lavouras do município e apostando na possibilidade do gafanhoto também ser de alguma espécie arbustiva. "A suspeita levantada pelos técnicos da Secretaria da Agricultura de Santa Maria e da Embrapa de Passo Fundo, é que depois de comer as folhas e a casca do timbó, o gafanhoto morra em função da ingestão da rotenona, uma substância tóxica da própria planta", diz Adão acreditando na possibilidade de um controle natural.

Os focos de gafanhotos encontrados no município de Chiapetta apareceram na propriedade dos Irmãos Grimm e na Fazenda As Branca, de Luiz Carlos Kurtz. Um foco menor foi encontrado em São Judas, na propriedade de Nerci Almeida, com um detalhe que vem chamando a atenção dos técnicos: o gafanhoto é de outra espécie, segundo Jaldyr Cabral. Em Santo Augusto foram identificados focos na Estação Experimental e nas propriedades de Carlos Sperotto e Sinibaldo Polo, "sempre em matos de timbó", explica Agostinho Bottega. **CONTROLE NATURAL** - A incidência das infestações surgidas em Chiapetta reduziu bastante após as últimas chuvas "em função do ambiente favorável que se criou na terra para o aparecimento de fungos, o que também auxilia no controle do inseto", explica Adão de Castro, pedindo cautela

Na propriedade de seu Élio Sartori, em Santo Augusto Sobram apenas os galhos do capão de timbó



aos produtores, já que não vê, a princípio, riscos de danos econômicos nas lavouras. "Os gafanhotos não saem das bordas das lavouras", diz o técnico da Emater, auxiliado no seu trabalho de conscientização dos agricultores pelos técnicos da Cotrijuí e secretário da Agricultura do município. "Antes da aplicação de veneno, é preciso identificar o foco e conhecer o sistema alimentar do gafanhoto", aconselha Jaldyr Cabral que, de qualquer

forma diz que não pretende ser pego de mãos abanando.

Equipado com dois aplicadores importados, cedidos pela FAO - um dos quais deverá ser levado para Santo Augusto -, Cabral promove, nos próximos dias, um treinamento de combate ao gafanhoto envolvendo técnicos das Secretarias da Agricultura, Emater e das unidades da Cotrijuí nos municípios de Santo Augusto e Chiapetta.

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS - Os gafanhotos não apareceram assim de cara neste ano em Santo Augusto ou Chiapetta. Ele vinham se manifestando, mas em pequenos focos, sem chegar a chamar a atenção dos produtores. Esse aumento anormal da população está relacionado com as condições climáticas favoráveis, "com anos seguidos de seca e altas temperaturas", observa o engenheiro agrônomo da Cotrijuí na unidade de Santo Augusto, Ubirajara Russi Nunes, juntando ainda o desequilíbrio ecológico. "O uso indiscriminado de agrotóxicos e a consequente eliminação dos seus inimigos naturais, agravados pelos desmatamentos e queimadas, criaram condições para que, aos poucos, o gafanhoto fosse se proliferando na região", explica Ubirajara.

Ao defender um levantamento da extensão do ataque da praga e local do foco antes de qualquer atitude mais drástica, Ubirajara alerta para o perigo do controle químico feito de forma descontrolada. "Esse, observa, pode causar danos ainda maiores na natureza do que alguns poucos danos nas lavouras", disse ainda referindo-se a possibilidade de morte dos animais, de contaminação das fontes e rios e de intoxicação do homem e dos animais.

O susto foi maior

"Os gafanhotos estão atacando a minha lavoura de milho", disse, assustado, o produtor Élio Sartori ao entrar na unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, à procura de um técnico que pudesse resolver o seu problema. Proprietário de 50 hectares, localizados na saída de Santo Augusto para Ijuí, seu Élio aguentou o que pôde o ataque de gafanhotos num mato de timbó que faz divisa com a propriedade de Carlos Sperotto. Mas quando o gafanhoto desceu do timbó, "até porque já não existia mais folhas para serem comidas" e foi para a beirada da lavoura de milho, seu Élio ficou assustado e correu em busca de um possível socorro. "Quería aplicar veneno logo", dizia ele preocupado com os prejuízos.

Seu Élio garante que os gafanhotos chegaram no mato uns 20 dias antes de descerem para o milharal, mas recorda que no ano passado, mas em número bem menor, eles andaram comendo o timbozal, "só que não esquentei a cabeça". Mesmo depois de acalmado pelos técni-



Élio Sartori
Gafanhotos no milho

cos e de ser orientado para não usar veneno no combate ao gafanhoto, seu Élio falava em prejuízos na sua lavoura de milho de oito hectares. "Como posso não ter prejuízos, se os gafanhotos estão comendo a flor da planta", queixava-se ele.

Mais perto do produtor

O programa de interiorização da inseminação artificial está levando a técnica até a porta da casa do produtor

A inseminação artificial está mais perto do produtor. Desde a metade do ano que a maioria dos produtores que trabalha com vacas de leite não precisa mais sair de casa, deixando de lado a lida da lavoura ou mesmo o trato dos animais, para avisar na cidade, que uma das vacas entrou em cio. O inseminador está ali perto, na própria comunidade. Em poucos minutos, numa economia de tempo e de dinheiro, o aviso está dado.

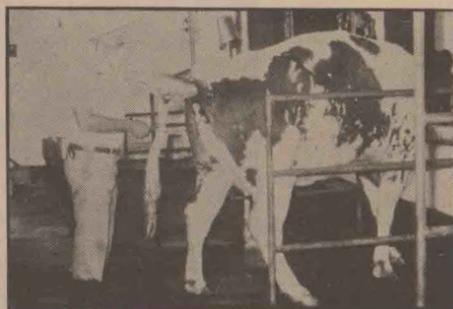
"Interiorizando a inseminação artificial queremos, além de colocá-la mais perto do produtor, torná-la mais usual, mais corriqueira", observa o médico veterinário Orlando Bohrer, supervisor da Área de Medicina Veterinária e Inseminação Artificial da Cotrijuí, chamando ainda a atenção para a eficiência da técnica e dos resultados alcançados. Essa interiorização vai levar o produtor a ter uma certa redução nos seus custos, "o que poderá facilitar ainda mais o seu uso entre os produtores", acredita Orlando, apostando num crescimento da prática.

O crescimento do uso da inseminação artificial projetado pelo médico veterinário deverá passar das 800 aplicações de sêmen realizadas em vacas durante 1991 para 1.200 em 1992. No caso dos suínos, por problemas de transporte e principalmente de conservação de sêmen, a interiorização não deverá acontecer, "pelo menos a curto prazo". Mas de qualquer forma projeta um crescimento na ordem de 50 por cento, podendo passar das 200 inseminações para 300 em 1992.

CONVENIADOS - Dentro do programa de interiorização da inseminação artificial que vem sendo implantada na região pela Cotrijuí, já estão conveniados e atuando, 12 inseminadores - dois em Tenente Portela, nove em Ijuí e um em Ajuricaba. Mas alguns convênios, colocando mais dois inseminadores no interior de Tenente Portela, mais dois em Ijuí e outros três - um em Chiapetta, um em Jóia e outro em Santo Augusto -, já começam a ser acertados. Mas a interiorização da aplicação do sêmen não significa que a cooperativa esteja retirando o inseminador da sede. "Ela apenas está ampliando este tipo de prestação de serviço, chegando mais perto do produtor", assinala Orlando. O inseminador da sede continua atuando, mas atendendo a chamados mais próximos.

Dentro do programa de descentralização do serviço de inseminação artificial, a coordenação e a escolha e aquisição do material genético é de responsabilidade da Cotrijuí. Ela apenas repassa os botijões com o material genético para os inseminadores. Todo o controle desse material e das inseminações realizadas é feita pelo inseminador que, após o trabalho, pega do produtor uma autorização de débito, "que é cobrada pela cooperativa". O acerto com o inseminador é feito ao final de cada mês, considerando o número de aplicações de sêmen realizadas no período.

O apoio da comunidade para a viabilização da interiorização deste tipo de prestação de serviços é fundamental, "pois o custo de um botijão de sêmen é grande e a pessoa que es-



Inseminação artificial

Melhoramento genético do rebanho tá se dedicando ao ofício também precisa ver seu trabalho valorizado", assinala Orlando. Otimista com os resultados até agora alcançados com a nova sistemática, ele garante que a aceitação está sendo muito grande, "tanto que outras comunidades também estão

reivindicando inseminadores", afirma. **VANTAGENS** - Falar sobre o uso da inseminação artificial como forma de melhoramento genético do rebanho é como jogar conversa fiada, "tanto já se bateu nesta tecla". E mesmo que não use a inseminação como alternativa, o produtor sabe da sua eficiência. Ele sabe que é a única forma de ter os melhores touros do mundo na propriedade, sem os custos de manutenção, apontando ainda uma outra vantagem: a redução do nível de transmissão de doenças.

O argumento, ainda muito usado, de que a inseminação artificial é ótima, mas sempre falha, também já não justifica muito a atitude de quem

quer ficar de fora. Realmente ela falha algumas vezes e é até natural que isso ocorra, pois o seu resultado vai depender do estado nutricional e sanitário do animal. Nas melhores bacias leiteiras do município, onde o animal apresenta uma boa performance, é necessário 1,6 inseminação por vaca para que haja prenhez. "Então, argumenta o Orlando, não é só aqui na região que a inseminação falha". Em bacias leiteiras onde não existem condições básicas, o uso de inseminação por vaca pode subir de 1,8 a 2,0. "Na nossa região, de 60 a 65 por cento dos animais inseminados ficam prenhas", conta reafirmando mais uma vez a eficiência da inseminação como forma do produtor buscar uma melhor performance genética para o seu rebanho.

Abrindo os olhos

Manter um touro na propriedade é algo que nem entra mais em cogitação na propriedade do seu Hélio Grenzel, em Alto da União, interior de Ijuí, há uns 12 anos. De lá para cá, todas as vacas são inseminadas com sêmen importado que, "apesar de mais caro, ainda é o melhor", esclarece sem desfazer, no entanto, do sêmen nacional, "ideal para quem está iniciando o processo de melhoramento do rebanho".

A decisão do seu Hélio de vender o reprodutor da propriedade não foi ao acaso. Ela é fruto da constatação de que precisava melhorar a qualidade genética do rebanho, "até para aumentar a produção por animal" e do fato de que não possuía, na época, condições de manter um touro de excelente qualidade. Garante que não se arrepende da opção que fez, até porque os resultados alcançados mostraram que ele estava no caminho certo. Aos amigos e vizinhos, gosta de exibir uma das vacas, de raça holandesa e "filha de inseminação artificial", que neste ano, chegou a produzir 34 litros de leite por dia. "Na próxima cria ela chega a 40 litros por dia", aposta seu Hélio, dispensando hoje ao animal, um cuidado maior em termos de alimentação.

Sem querer dar lições, mas levado pela experiência de tantos anos na atividade, seu Hélio passa um conselho aos amigos: quem quiser se manter na atividade, vai ter que melhorar a qualidade do rebanho e aumentar a produção. "Estamos numa época de crise tão profunda que, se o pessoal não der uma guinada grande, vai ficar difícil sobreviver entregando 10 litros de leite por dia. É uma média que nem compensa trabalhar", constata.

AS VANTAGENS - O rebanho do seu Hélio é composto por sete vacas - cinco em lactação - e três novilhas. A produção anda ao redor dos 90 litros/dia, "uma média bastante baixa em função da seca que matou metade dos pastos". Acha que a grande vantagem de trabalhar com inseminação é o fato de sempre estar entrando sêmen de touro melhorado. "Estou sempre trocando de touro, sem ter

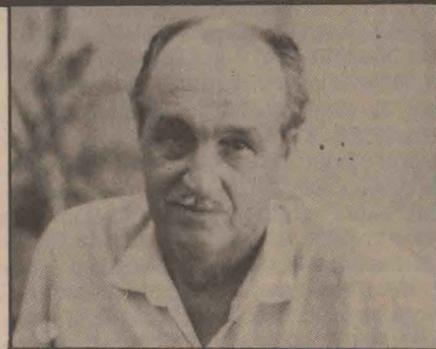
um na propriedade", diz ele. E sempre por um de melhor qualidade genética. Isso significa que a qualidade dos animais está sempre melhorando". Ele também aponta a redução nos custos de produção, "pois manter um touro na propriedade tem seu preço" e o menor risco de doenças como vantagens do uso da inseminação artificial.

Seu Hélio já ouviu falar do programa de interiorização da inseminação artificial, mas ainda não fez uso. Prefere, pela distância, ainda trabalhar com o inseminador da sede. "Nós aqui só temos inseminador em Rincão dos Becker e Rincão do Tigre. Para quem mora perto destas duas localidades, é um excelente negócio, porque barateia a inseminação em Cr\$ 3.000,00, conta, preferindo, por enquanto, mandar o aviso ao inseminador da cidade pelo freteiro, "que me sai mais barato", em função das corridas que precisa fazer. Daqui a Rincão dos Becker dá uns 20 quilômetros", explica reivindicando um inseminador para a sua região.

O seu Ademar Agostini, é outro produtor que só vê vantagens no uso da inseminação artificial como forma de melhorar a qualidade genética do plantel. Começou a trabalhar com inseminação há uns 12 anos atrás, mas parou porque não viu muito retorno. "Naquela época não existia estrutura de recebimento de leite na região e muito menos incentivo para que a produção crescesse", conta seu Ademar, proprietário de 30 hectares de terra em

Vila Santo Antônio, em Ijuí. Hoje ele se arrepende de ter parado com a inseminação.

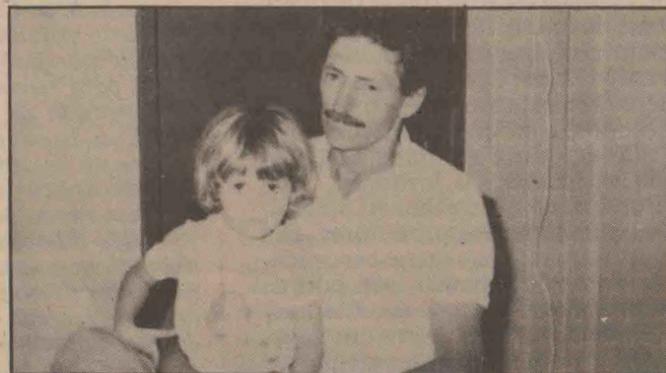
Dono de um plantel de 12 animais, dos quais 10 estão em lactação produzindo uma média de 130 litros de leite por dia, seu Ademar voltou



Ademar Agostini, Vila Santo Antônio
Caro é sustentar um touro

a lidar com inseminação há uns seis anos. "Como a situação do leite é outra, achei que a única forma de melhorar o meu rebanho, sem ter que sustentar um touro de qualidade na propriedade, era voltar a trabalhar com inseminação", conta acreditando no sucesso da técnica. Reconhece, "e isso tenho dito aos vizinhos", que é preciso paciência, pois o rebanho vai melhorando de qualidade aos poucos. "Hoje, admite, o perfil do meu rebanho é outro. Estou quase chegando a um rebanho puro por cruzar".

Seu Ademar também acredita na interiorização da inseminação artificial, não só como forma de colocar a técnica mais perto do produtor, mas como um meio de abrir os olhos de quem ainda continua não enxergando as vantagens que pode tirar. Tem dito aos seus vizinhos que um touro na propriedade, além de elevar os custos de produção, desorganiza o rebanho. E o produtor só pode trabalhar com aquele touro. Com a inseminação é diferente. Se pode trocar de touro a cada inseminação", observa.



Hélio Grenzel, Alto da União
A qualidade do rebanho é fundamental

Mais uma praga no rebanho

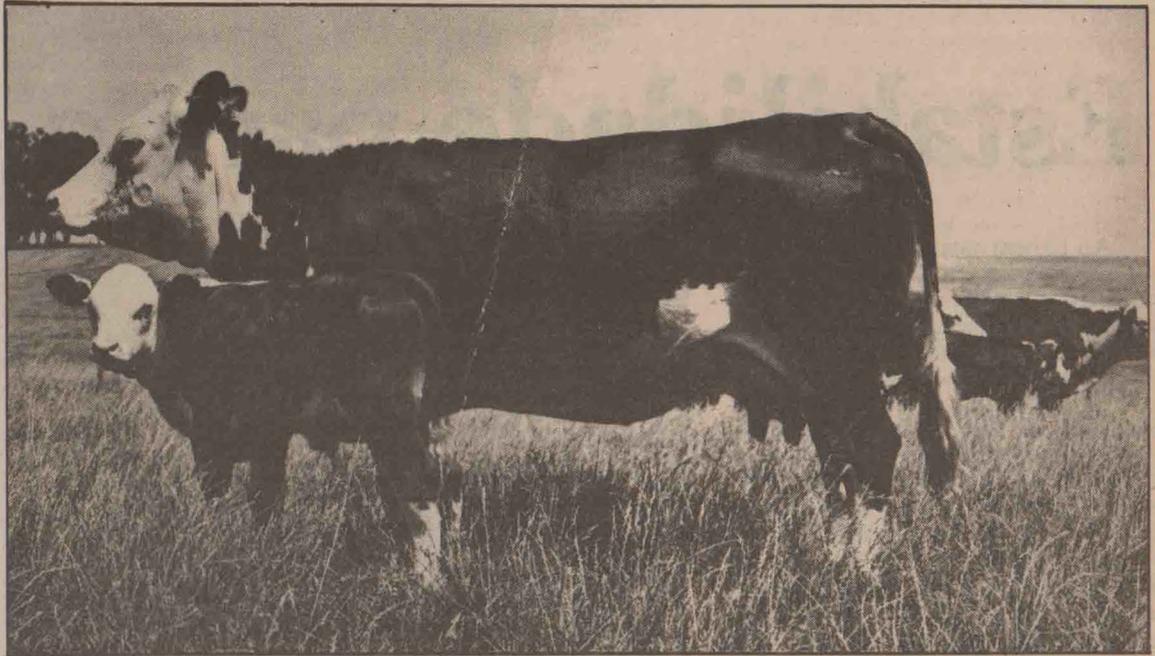
Instalando-se no rebanho gaúcho com maior rapidez do que pesquisadores e técnicos previam, a mosca-do-chifre já aparece em 219 focos oficiais. Segundo os técnicos a mosca veio para ficar e em breve estará disseminada em todo o Estado

Não bastassem as tradicionais pragas, como o berne, mosca da bicheira e carrapato, entre outras, o produtor de leite ou de gado de corte depara-se agora com mais uma visita indesejada. É a tal mosca-do-chifre, que depois de se instalar largamente nas regiões da Amazônia e de São Paulo desce aos poucos, mas com velocidade surpreendente, para a região Sul do Brasil. Já registrada nos estados do Paraná e Santa Catarina, a mosca chega com toda força no Rio Grande do Sul, contrariando inclusive as previsões de muitos técnicos e pesquisadores de que a sua investida nos rebanhos gaúchos somente aconteceria no próximo ano.

Originária da América Central e com posterior disseminação pelos rebanhos dos Estados Unidos, a "Hematobia irritans" foi registrada pela primeira vez, no Brasil, em 1980, conforme afirma o médico-veterinário do departamento agrotécnico da Cotrijuí, Orlando Bohrer. Pertencente a espécie dos insetos hematófagos, a mosca-do-chifre, ao contrário de outras pragas que parasitam o animal pelas larvas, infesta o gado sugando o sangue diretamente. "Ela suga o sangue do animal, por meio de picadas constantes e doloridas que se concentram principalmente na região da nuca até a região das paletas, um local que impossibilita a defesa do gado", explica Orlando.

PREFERÊNCIA POR TERNEIROS
Menor do que as demais moscas

Bovinos
Mais uma praga tira o sossego do rebanho



que atacam os rebanhos, a mosca-do-chifre tem ainda como característica a sua preferência por bovinos, e entre esses, os terneiros, são menos afetados, podendo eventualmente atacar também os ovinos e eqüinos. Com período de vida calculado de 28 dias até sete semanas, o inseto se reproduz nas fezes frescas dos animais, onde são depositados os ovos. Desse estágio do ovo até o tamanho adulto passam-se de dez a 50 dias, quando então, atacando sempre em bando, cada mosca, de ambos os sexos, investe contra os animais, sugando, cada uma delas, num ritmo de 12 picadas por dia.

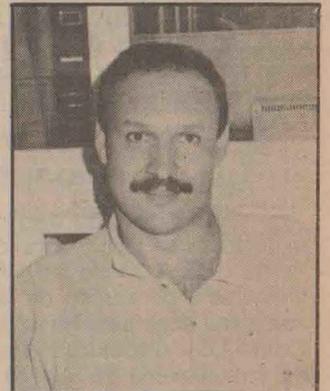
As picadas da praga mais recente no rebanho gaúcho tem ainda uma outra característica. Elas se concentram em uma porcentagem reduzida dentro do rebanho. Aproximadamente 70 por cento da população de para-

sitas permanece em 10 a 15 por cento do rebanho e os outros 30 por cento na maior parte do gado. Isso já é considerado um fator amenizante do ataque do inseto, considera Orlando. Mesmo assim, naquela parte mais atacada, as picadas provocam grande inquietação nos animais. Como não pode se defender com os chifres nem com o rabo, o animal se debate muito, tenta ir para o mato, deixa de se alimentar, e, em consequência, vai emagrecendo, podendo chegar até a morte. Na produção, os prejuízos são diretamente calculados pela queda de produtividade, que gira em torno de 40 por cento na pecuária leiteira e 20 por cento na produção de carne.

INCIDÊNCIA - Apesar de todos os prejuízos citados, técnicos e pesquisadores afirmam que a incidência da mosca-do-chifre não é motivo de pânico. Ninguém, contudo, deixa de lembrar que a expansão do inseto, em grandes proporções, traz grandes danos econômicos. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde os rebanhos possuem um rigoroso controle sanitário, a mosca-do-chifre é considerada por alguns pesquisadores como a praga mais importante da pecuária bovina, promovendo prejuízos exorbitantes de 730 milhões de dólares por ano. Não é à toa, portanto, as preocupações manifestadas por criadores de São Paulo, onde há mais de dois meses já se detectava algo em torno de 300 focos de ataque da mosca-do-chifre.

No Rio Grande do Sul, o adiantamento da chegada da mosca-do-chifre está movimentando os órgãos estaduais responsáveis pelo controle de sanidade dos rebanhos, e ainda que os focos registrados sejam em menor número do que de outros estados, muitos alertas têm sido feitos aos produtores. São 219 focos oficiais registrados no RS pela delegacia do Ministério da Agricultura em Ijuí, confirma o médico veterinário, Henrique Couto, assessor de defesa sanitária animal. O registro do veterinário se refere apenas aos focos oficiais computados até os primeiros dias de dezembro, além de não incluir focos extra-oficiais como o de Ijuí. Na região Pioneira da Cotrijuí, Coronel Bicaco foi o primeiro município a constatar a presença da mosca-do-chifre, sendo seguido depois por Jóia.

CONTROLE - "O produtor tem que aprender a conviver com esta nova



Orlando Bohrer
É preciso conviver com mais esta praga

praga", afirma Orlando Bohrer, procurando acalmar os ânimos de quem já viu a mosca na propriedade. Ele reconhece como questão preocupante, a velocidade de propagação do inseto no Estado, apontando como agravante o fato de se contar com um rebanho em condições sanitárias precárias, onde falta manejo para controlar a expansão de pragas. Admitindo que ela não vai sair mais das propriedades atacadas, Orlando salienta que o produtor deve se preocupar em fazer um controle eficiente. Apenas o controle químico surtirá efeito, enfatiza o veterinário, lembrando que até existem predadores naturais para a mosca, mas estes, já testados em outras regiões, não se adaptam ao clima do Estado. O remédio será aplicar mosquicidas e mesmo carrapaticidas à base de piretróide, através de banhos de fio de lombo ou de banheiros. Uma outra opção é usar os brincos inseticidas, que possuem efeito residual, mas podem aumentar a resistência da mosca ao piretróide.

O veterinário Henrique Couto acrescenta a estas recomendações o cuidado de não se banhar os animais menos parasitados. Isso evita que esta parte - a menos atacada do rebanho - pegue resistência aos inseticidas. Eles devem ser mantidos como reserva técnica e por estarem pouco contaminados, devem ser avaliados segundo uma relação custo-benefício. Considerando a disseminação da mosca como não alarmante, - ela ainda não atingiu a região produtora de carne no Estado -, o veterinário do Ministério da Agricultura não deixa de levantar preocupações futuras: a tendência é que a praga se espalhe por todo o Estado nos próximos meses e em seguida já atinja Argentina e o Uruguai.

Rapidez do avanço ainda é discutida

Quando a mosca-do-chifre começou a ser avistada pelos gaúchos, a controvérsia sobre a sua origem e a sua disseminação era grande. Hoje, quando se sabe que a mosca deve ocupar um lugar ao lado do berne e do carrapato, os alertas começam a se tornar mais intensivos. O controle correto a ser realizado pelo produtor, deve ser feito mediante supervisão técnica, salientam os técnicos. Também o transporte dos animais de um município e outro deve ser precedido de uma pulverização com inseticidas. "O controle de trânsito dos animais é uma das medidas mais sensatas", acredita o veterinário da Cotrijuí.

Mas se a proliferação da mosca já é uma realidade no Estado, as dúvidas quanto ao avanço da praga de uma região para outra ainda permanece. Para um grupo de técnicos e pesquisadores, onde se inclui Orlando, o avanço aconteceu naturalmente, em função do próprio ciclo biológico da mosca. Outros, no entanto, pensam que o avanço da praga foi muito rápido para ter sido natural, e citam como exemplo o fato de ultrapassarem uma barreira natural como a

Amazônia onde há pouco gado e muita floresta. O transporte de animais de uma região para outra para serem terminados, poderia ser uma causa de sua entrada rápida, avaliam os pesquisadores.

Outras dúvidas que permanecem esquentando as discussões é quanto a preferência de praga por animais de pelagem escura. Para alguns técnicos, o gado de raça européia criado em regiões da fronteira Oeste e Sul do Estado são mais propensos ao parasitismo da mosca-do-chifre. Já Orlando, vê este detalhe não como uma característica da mosca, mas sim do rebanho gaúcho, que é formado na sua maioria por gado da raça européia.

Por fim, aparece uma última dúvida na investida da mosca-do-chifre no Estado. Se a sua disseminação no Estado tem a favor a ausência de um controle sanitário mais rígido e de manejo, o seu comportamento no inverno, quando se registram um período de frio rigoroso, é ainda uma incógnita, afirma Orlando. Segundo o veterinário, ela terá maior ou menor incidência, dependendo da sua adaptação ao clima do Rio Grande do Sul.

Argemiro Luís Brum
Montpellier - França -



MERCADO MUNDIAL DA SOJA

Estabilidade para o próximo ano

Ao chegarmos no final de outubro - momento em que escrevemos este artigo - avançamos um primeiro estudo sobre o que poderá ser o mercado internacional da soja para o ano comercial 1991/92 - outubro/setembro - que acaba de iniciar. Duas precauções antes de entrarmos no assunto: a) solicitamos aos leitores toda a atenção possível diante de tal exercício, pois é preciso que compreendam que transmitimos aqui uma primeira idéia de como poderá evoluir este mercado nos próximos meses segundo as informações que dispomos neste final de outubro/91; b) nossa análise parte do pressuposto de que não haverá problemas climáticos junto a produção da América do Sul, fato que, se ocorrer, pode alterar completamente o quadro que traçaremos a seguir.

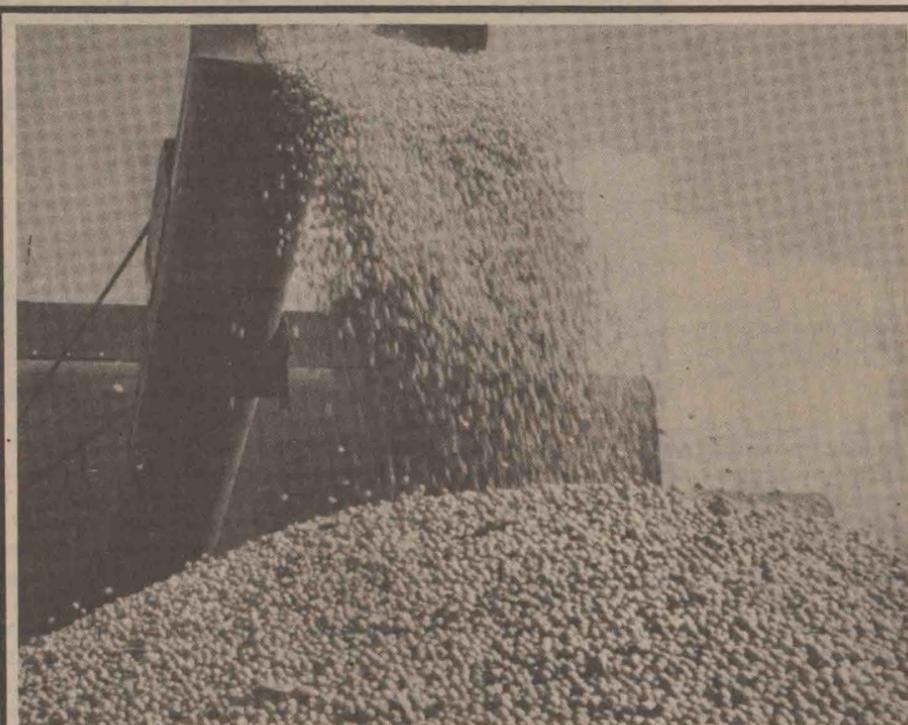
1 A oferta mundial aumentará

Com a revisão da futura colheita de soja dos EUA, através do relatório do USDA do dia 10/10/91, verificamos que a produção de soja norte-americana será absolutamente normal. Com 52,6 milhões de toneladas previstas - o número definitivo deverá sair com o relatório de novembro - a safra dos EUA não só será bem maior do que as previsões anteriores - 49,4 milhões de toneladas anunciadas pelo USDA no seu relatório de setembro - como ultrapassa igualmente a produção do ano passado que foi de 52,3 milhões de toneladas. Além disso, se não ocorrer problemas climáticos até o final da colheita, os EUA poderão chegar em novembro com uma safra ainda maior. De fato, mantendo a produtividade média registrada após ter sido colhida 58 por cento da área plantada - 2.219 quilos/hectare -, o volume total da safra poderá chegar a 53,7 milhões de toneladas, isto é, 1,1 milhão de toneladas acima do anunciado no relatório de outubro - com base em dados do dia 18/10.

Por outro lado, apesar das baixas cotações em Chicago no momento, é evidente que, em condições normais de clima, a safra da América do Sul será maior do que a passada. Mesmo que o Brasil venha a reduzir, mais uma vez, a área plantada em favor do milho. Isto porque a quebra de produção brasileira foi importante na última safra em função da forte seca que atingiu o sul do país. Segundo o IBGE, a produção final ficou em 14,7 milhões de toneladas contra 19,8 milhões no ano anterior.

Assim, o mercado mundial espera que o Brasil e a Argentina produzam respectivamente 18 e 11 milhões de toneladas nesta próxima safra. As constantes desvalorizações do cruzeiro em relação ao dólar, provocadas pelo governo brasileiro a partir do dia 30/09, levam a um aumento do preço interno da soja, fato que pode estimular a um maior plantio do produto. Isto tem interessado muito os operadores internacionais!

Neste contexto, as previsões -



Com a previsão de 52,6 milhões de toneladas, a safra de soja dos americanos não só será maior em relação aos primeiros levantamentos, como também ultrapassa os 52,3 milhões de toneladas colhidas no ano passado

cf. Oil World - dão conta de que a produção total mundial em soja deverá chegar a 105,1 milhões de toneladas neste ano de 1991/92 contra 103,0 milhões no ano passado. Com o aumento nas previsões de colheitas nos EUA, é possível que o número final chegue muito próximo do recorde alcançado em 1989/90 - 107,0 milhões de toneladas.

Quanto aos derivados, farelo e óleo, a tendência é praticamente idêntica. A nível do farelo de soja, na medida em que o esmagamento mundial de grãos de soja deverá aumentar em quase um milhão de toneladas, para chegar a um volume total de 87,8 milhões de toneladas em 1991/92, a produção deste derivado está sendo prevista em 69,5 milhões de toneladas contra 68,9 milhões um ano antes. A disponibilidade será maior inclusive nos EUA que prevê, em seu relatório de outubro, um esmagamento de 33,3 milhões de toneladas contra 32,1 milhões efetuado no ano anterior. A mesma tendência poderá ser observada com o óleo de soja que verá sua produção crescer para 15,9 milhões de toneladas contra 15,8 milhões no ano anterior.

Isto significa dizer que haverá maior pressão da oferta neste ano comercial que acaba de iniciar. Soma-se a esta constatação o fato de que a produção das oleaginosas concorrentes tende igualmente a aumentar. Assim, a trituração mundial de grãos de girassol e de colza está sendo prevista respectivamente em 18,0 e 19,7 milhões de toneladas.

Paralelamente, a pressão no mercado dos óleos vegetais é bastante grande. O caso do óleo de palma, cujos preços têm caído significativamente

no mercado físico de Rotterdam nestes últimos meses, dá uma clara idéia da competição que se instalou neste mercado. De fato, a Malásia, principal produtor mundial, tem hoje cerca de 680 mil toneladas de estoque de óleo de palma e está fazendo qualquer negócio para escoá-los. Isto porque sua produção irá novamente crescer em 1992 para chegar a 6,8 milhões de toneladas - a produção mundial passará a 12,9 milhões contra 11,8 milhões previstas para 1991. Neste sentido, além de oferecer vantagens financeiras aos países potencialmente importadores, como a URSS, a China, a Índia e o Paquistão - tradicionais compradores de óleo de soja - a Malásia está prospectando novos mercados. Neste último caso, a América Latina é visada e, dentro dela, até mesmo o Brasil está na linha de mira.

2 Uma demanda estável mas em evolução no longo prazo

Enquanto a oferta cresce, a demanda não dá sinais de recuperação no curto prazo. No caso do comércio de grãos de soja, existe a estimativa de que os volumes negociados possam atingir 26,4 milhões de toneladas no total mundial contra 25,4 milhões no ano passado. Entretanto, no que tange ao farelo, os volumes negociados indicam uma estagnação em torno do que foi realizado no ano passado, isto é, 26,5 milhões de toneladas - levando-se em conta igualmente o comércio intra-CEE. Nestas condições, o consumo mundial de farelo, associado ao estoque final, deverá crescer de apenas 900 mil toneladas para se

estabelecer em torno de 69,9 milhões de toneladas. A mesma tendência é verificada com o óleo de soja na medida em que os volumes negociados a nível mundial estão sendo previstos em 3,6 milhões de toneladas - mesmo nível do ano passado - enquanto o consumo se situará em 16,0 milhões de toneladas - mesmo nível do ano passado - enquanto o consumo se situará em 16,0 milhões de toneladas - para o mesmo período, o consumo de óleo de palma está sendo estimado em 12,7 milhões de toneladas.

Esta estabilidade da demanda se explica por três motivos básicos.

Em primeiro lugar, porque a CEE continua com suas compras estagnadas. A previsão para a importação de grãos e de farelo de soja é de respectivamente 12,7 e 13,7 milhões de toneladas - incluindo aqui o comércio realizado entre os países da CEE. No ano passado, os volumes importados, nestas mesmas condições, ficaram respectivamente em 12,6 e 13,9 milhões de toneladas. A forte produção de toneladas neste ano, associada a uma importante valorização do dólar no transcorrer de 1991, estão no centro de tal comportamento. Ao mesmo tempo, existe uma forte crise no sistema produtivo da CEE na medida em que os excedentes de carne, leite e outros derivados animais levam a uma redução dos preços pagos aos produtores. Tal redução força os mesmos a diminuírem seus custos de produção, entre eles o uso de rações concentradas.

Em segundo lugar, temos o caso da URSS. A tentativa de golpe de Estado ocorrida no mês de agosto serviu para alertar o mundo ocidental para a necessidade de maiores investimentos naquele país. Entretanto, como prevíamos, a desorganização política e econômica do país, associada às dificuldades para se pôr em prática reformas econômicas em profundidade, impede uma maior participação financeira ocidental. O que vem acontecendo é uma forte ajuda alimentar e técnica. Ora, ajuda alimentar significa fazer entrar no mercado soviético alimentos prontos. Assim, as matérias-primas para rações, como a soja, são relegadas momentaneamente a segundo plano. A previsão que se tem neste momento é de que a URSS irá importar, para 1991/92, respectivamente 550 mil e 2,7 milhões de toneladas de grão e farelo de soja. Os mesmos volumes do ano passado, porém, no caso do farelo, em forte redução em relação ao importado em 1988/89 - 4,3 milhões de toneladas.

Em terceiro lugar, não surgem novos mercados consumidores solváveis a nível mundial. O Japão, segundo grande importador de grãos de soja, deverá continuar importando suas tradicionais 4,5 milhões de toneladas anuais em 1992. E, pelo lado dos países subdesenvolvidos, face a crise econômica generalizada, a busca é por produtos baratos e condições de compra favoráveis. É neste contexto que o óleo de palma ganha espaço!

Veraneio em Rio Grande

Apesar do arrocho econômico enfrentado durante todo o ano, o verão chega trazendo a oportunidade de descanso. É tempo de férias e tanto o trabalhador urbano como o rural merecem, ainda que por poucos dias, deixar um pouco de lado as preocupações com a inflação e com a lavoura. Para fazer esta paradinha, mudar de ares e tomar um pouco de sol sem viajar muito longe, uma boa opção está nas praias do sul, e entre elas certamente a Praia do Cassino, em Rio Grande, podendo ficar hospedado na Colônia de Férias da Cotrijuí, a qual se encontra com as inscrições abertas desde o dia 20 de novembro. A procura é grande, e por isso o Jaime Ledur, um dos comunicadores da Área de Educação e Comunicação da Cotrijuí alerta aos interessados em veraneiar em Rio Grande para que façam a sua programação de férias o quanto antes. "As inscrições evitam transtornos na programação e nas acomodações dos veranistas", explica o comunicador lembrando ainda da possibilidade de a inscrição ser feita em grupo, aproveitando-se a própria organização das comunidades.

Como vem ocorrendo todos os anos, os associados, funcionários, seus dependentes e terceiros contam com duas modalidades de veraneio: um plano de sete dias e outro de 14 dias. Podem ainda optar pelo tipo de viagem, com ônibus contratado pela Cooperativa ou de carro próprio. A novidade deste ano é quanto aos valores estabelecidos para o veraneio. Eles seguem a idade do veranista - de três a 10 anos é inferior ao cobrado para as pessoas com mais de dez anos - e além disso é corrigido pela TR. O associado que optar pelo plano de sete dias, viajando de ônibus, por exemplo, e a

inscrição no dia 30 de novembro pagou Cr\$ 91.270,00 e para o filho menor de dez anos, Cr\$ 59.860,00. Viajando de carro, um outro associado pagou pelo mesmo período Cr\$ 80.270,00 e para o filho pequeno, Cr\$ 48.860,00. Quem resolveu esticar o veraneio por 14 dias, fazendo a viagem de ônibus, pagou pela inscrição no dia 30 de novembro, Cr\$ 182.540,00 para os maiores de dez anos e Cr\$ 119.720,00 para os pequenos. Viajando de carro, dentro do período de 14 dias, o associado pagou no dia 30 de novembro Cr\$ 160.540,00 e Cr\$ 97.720,00.

TERCEIROS - Com as mesmas opções de sete e 14 dias, o pessoal que optar pela Colônia de Férias da Cotrijuí, caso tenha feito a inscrição no dia 30 de novembro, optando pela viagem de ônibus pagou Cr\$ 115.700,00 para os maiores de dez anos e Cr\$ 73.820,00 para os menores de dez anos. Viajando de carro, este veranista pagou no mêsmodia Cr\$ 104.700,00 para os primeiros e Cr\$ 62.820,00 para os segundos. Para quem escolheu o veraneio de 14 dias, viajando de ônibus, a inscrição no dia 30 de novembro saiu Cr\$ 231.400,00 para os maiores de dez anos e Cr\$ 147.640,00 para os pequenos. Com carro próprio, esta mesma inscrição, saiu por Cr\$ 209.400,00 e Cr\$ 125.640,00.

As normas e recomendações da coordenação da Colônia de Férias são as mesmas dos anos anteriores. Mas é sempre bom lembrar que os excursionistas devem levar roupa de cama - lençóis, fronhas, travesseiros e cobertores e material de higiene pessoal. Não é permitido a realização de refeições paralelas às fornecidas pela Colônia. No dia da chegada e saída da excursão à Colônia de Férias não será servido café da manhã.

LÃ/DOM PEDRITO

Modalidade de recebimento

Veja as modalidades de recebimento e comercialização da lã para a safra 1991/92

O departamento técnico da Cotrijuí/Regional Dom Pedrito, distribuiu as seguintes instruções aos associados, para o recebimento da lã, safra 1991/92, no município.

LOCAIS DE RECEBIMENTO - A lã será recebida nas dependências da cooperativa, sita à rua Major Alencastro da Fontoura, s/nº. A classificação e comercialização serão centralizadas em Dom Pedrito.

MODALIDADE DE RECEBIMENTO - A lã será recebida em bruto, já pré-classificada pelo próprio associado, nas seguintes categorias:

- | | | | | |
|------------|--------------|------------|----------------|-------------------|
| 1) Velo | 3) Garra | 3.2. Prata | 5) Retosa | 7) Pelego |
| 2) Borrego | 3.1. Barriga | 4) Descole | 6) Lã de Campo | 8) Preta e outros |

As lãs provenientes de ovinos fruto de cruzamentos com raças de corte terão um tratamento diferenciado após a sua classificação.

A safra 1991/92 está em pleno andamento. Começou a 1º de setembro e tem término previsto em 30 de junho de 1992.

NORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO - A modalidade Preço Médio é a mais conhecida do associado. É a que estamos operando. O associado entrega o produto na cooperativa, que classifica, industrializa e vende, creditando o valor líquido apurado em conta corrente.

A cooperativa pretende fazer liquidações em períodos mais curtos, em torno de 90 dias após a entrega da lã. Essas liquidações, obviamente, serão proporcionais às quantidades já vendidas nas datas de chamadas para liquidação.

A lã entregue nos meses de outubro e novembro deverão ser liquidadas a partir de 1º de fevereiro de 1992 e as que forem entregues nos meses de dezembro e janeiro, terão liquidações asseguradas a partir de 1º de março, e assim, sucessivamente.

PREÇO DO DIA - Em princípio, toda a lã recebida será considerada como de modalidade Preço Médio. No entanto, ao associado que preferir o Preço do Dia, será facultada essa opção, com a vantagem de ter 30 dias após a entrega do produto para fazer a opção. Vencido o referido prazo, a lã será considerada modalidade Preço Médio.

A cooperativa informará, semanalmente, ou sempre que ocorrerem alterações, as cotações de preço para os diversos tipos de lã nas categorias especificadas.

COMERCIALIZAÇÃO DAS BOLSAS - A comercialização de bolsas será realizada da seguinte forma: À vista, US\$ 5,00 - cinco dólares - para associado com entrega de 100 por cento da produção. À vista, US\$ 8,00 - oito dólares - para quem não entregou produto na safra anterior. À vista, US\$ 11,00 - onze dólares -, para não associado.

No médio e longo prazo: uma reversão positiva (?)

Embora sendo ainda difícil de avançar com segurança sobre os acontecimentos de médio e longo prazo - para além de 12 meses -, acreditamos importante alertarmos para dois movimentos que podem, talvez, reverter a atual tendência morosa encontrada junto a demanda mundial da soja.

Em primeiro lugar, é de esperar-se que URSS consiga, com o tempo, reorganizar política e economicamente. Se isto realmente acontecer, haverá uma nova dinâmica de mercado que se instalará naquela região do mundo. Ao mesmo tempo, os créditos ocidentais, em especial os norte-americanos, surgirão com mais frequência favorecendo as importações de produtos como a soja.

Por hora, o que se tem de concreto é que a colheita soviética de grãos deverá baixar de 26 por cento em relação a 1990. Segundo a FAO, no dia 30 de setembro último apenas 152 milhões de toneladas de cereais haviam sido colhidas contra 236 milhões no ano passado. A colheita está na fase de encerramento e a produção total deverá alcançar entre 175 e 180 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, como já é do conhecimento de todos, a desorganização dos transportes, da estocagem e da distribuição deverá levar a perdas calculadas em 30 milhões de toneladas - 17 por cento do colhido. Paralelamente, com a rápida desvalorização do rublo - a moeda soviética, no mercado livre, já é cotada, neste final de outubro, em 72,30 rublos por 1 dólar norte-americano -, os agricultores não estão entregando suas produções ao Estado. Eles preferem guardá-las para alimentar o gado - fato que explica a falta de necessidade, por enquanto, em importar matérias-primas como a soja para as rações -, negociá-las junto ao mercado privado ou trocá-las por bens de consumo. No final de setembro as vendas para o Estado atingiam apenas 34 milhões de toneladas, fato que leva os especialistas a preverem um total de apenas 40 milhões de toneladas a serem entregues até o final de 1991, contra 68 e 59 milhões de toneladas nos dois anos precedentes. Nestas condições, a URSS deverá importar mais grãos, sobretudo cereais - trigo e milho. Entre julho/91 e junho/92 a previsão é de que tais compras alcancem 40 milhões de toneladas sendo que 10 milhões já foram adquiridas - 1,6 milhão de toneladas da Polônia e da Hungria. Entretanto, diante da falta de dinheiro, associada as dificuldades em conseguir crédito ocidental, a FAO estima que dificilmente as compras soviéticas ultrapassem as 36 milhões de toneladas até junho do próximo ano.

Entretanto, um programa de reformas econômicas acaba de ser apresentado por Gorbachev ao novo congresso soviético. Se o mesmo for posto realmente em prática - faz seis anos que o mundo ocidental espera por isto - talvez as condições necessárias para uma liberação de créditos sejam reunidas para o segundo semestre de 1992. Período que irá coincidir com o forte da campanha presidencial nos EUA, momento sempre delicado para o governo em função. Tudo indica que a administração Bush, buscando um segundo mandato, fará o máximo para recuperar as cotações das matérias-primas nas bolsas de mercadorias norte-americanas a fim de não se indispor com os agricultores. Para tanto, nada melhor, no caso da soja, trigo e milho do que estimular as compras soviéticas através da liberação de créditos.

Em segundo lugar, temos os acontecimentos junto a CEE. De fato, a Comunidade, após trinta anos, está reformando de maneira substancial a sua política agrícola comum - PAC. Tal reforma deverá começar a ser aplicada, havendo acordo político entre os 12 países membros, a partir do segundo semestre de 1992 e sobretudo a contar de 1993. Em resumo, podemos avançar que os preços pagos aos produtores europeus de oleoproteaginosas e cereais deverão baixar significativamente e isto será compensado por uma ajuda direta do Estado. Se de um lado a queda nos preços internos das oleoproteaginosas tende a levar a um maior consumo destes grãos por parte dos fabricantes de ração, em detrimento do produto importado, de outro lado, a queda nos preços dos cereais levará igualmente a um maior consumo de trigo, milho, cevada... por parte das indústrias de ração. Tal ação tenderá a reduzir as importações dos chamados produtos de substituição dos cereais - PSC - os quais, em alguns casos, possuem um alto teor de proteína e acabam substituindo sobretudo a soja - o glúten de milho, importado dos EUA, possui 40 por cento de proteína e se encontra nesta situação. Com isto, poderá haver um retorno, cuja intensidade ainda está para ser avaliada, às antigas fórmulas de rações que valorizavam o binômio milho-soja. Paralelamente, haverá uma maior tendência a fabricação de rações nas próprias propriedades rurais. Ora, é a mistura milho-soja que o criador europeu mais controla e conhece. Neste contexto, há potencialmente condições da soja ver sua demanda crescer e com isto sair da estagnação em que se encontra há alguns anos junto ao mercado da CEE.

Duas tendências, portanto, que devem ser acompanhadas de perto, pois deverão influir de forma decisiva no comportamento do mercado da soja até meados da década de 90.

3 Preços internacionais sem grandes alterações

Enquanto as duas tendências analisadas acima não se confirmam, temos, no imediato, que nos conformar com uma tendência de preços praticamente sem alterações para os próximos meses - veja o gráfico nº 1. Em outras palavras, diante do contexto apresentado neste artigo, no curto prazo, e em condições normais de produção, o mercado deve confirmar o parâmetro de preços vivido nos últimos dois anos: entre US\$ 5,50 e US\$ 6,50/bushel - tomando o grão como base -, com o ponto de equilíbrio entre oferta e demanda se situando em torno dos US\$ 6,00/bushel. Durante o transcorrer de 1991 assistimos mesmo, em muitas ocasiões, as cotações caírem abaixo de US\$ 5,50/bushel. Não será surpresa se isto vier a ocorrer novamente em determinados momentos deste ano 1991/92, sobretudo no momento da colheita sul-americana caso ela não sofra frustrações. Entretanto, quanto mais nos aproximarmos das eleições norte-americanas - novembro/92 - mais o potencial de recuperação dos preços existirá pelos motivos que expomos anteriormente.

Repetimos, esta é uma primeira análise em função das informações que possuímos no final de outubro/91. Como todo o mundo já sabe, a partir de agora é fundamental um acompanhamento constante do mercado para a atualização dos dados de base que expomos acima. Num mercado altamente dinâmico como este da soja, tal procedimento auxilia em muito a melhor incorporar os acontecimentos que por hora são imprevisíveis, caso eles venham a ocorrer.

COOPERATIVAS

União para entrar no Mercosul

Fórum de Nova Petrópolis debateu as necessidades mais urgentes do cooperativismo gaúcho. Sistema deve pensar e agir em conjunto

O grande debate, que resultou consensual, no Fórum "Inércia, Perplexidade e Ação das Cooperativas Face a Crise", realizado em Nova Petrópolis nos dias 28 e 29 de novembro, girou em torno de três itens principais. No primeiro deles foi dada ênfase à necessidade de se estabelecer uma identidade maior entre as cooperativas de produção e de crédito. A questão foi colocada em termos econômicos. E ninguém conseguiu precisar o montante de valores que é sugado do meio rural, a cada safra, pela captação do sistema financeiro, praticamente sem nenhum retorno de investimento onde o recurso foi gerado.

O segundo grande item teve por tema o Mercosul. O que resultou em maiores questionamentos foi: como participar e concorrer sem uma união real do sistema? Isoladas entre si e enfrentando um universo de concorrência dos demais segmentos da economia, serão mínimas as possibilidades de enfrentamento mercantil. Vão aparecer aí - é a expectativa que se tem - verdadeiros gigantes da economia do continente, sem que o cooperativismo, pelo menos o gaúcho, tenha se preparado para esse enfrentamento com outros mercados.

Por último, mereceu destaque a importância de se desenvolver um trabalho de cooperação, espécie de "didática da solidariedade", em que seja mostrada a importância do trabalho e sua preponderância sobre o capital.

PARA SAIR DA CRISE - O professor Vergílio Perius, da Unisinos e Fecotriço, foi coordenador geral do Fórum. Falando ao "Cotrijornal", foi enfático ao dizer "que as cooperativas, geralmente, pensam a mesma coisa sobre a crise, mas pensam sozinhas, isoladamente. E está na hora de refletirem e agirem em conjunto, de comum acordo. Do contrário, diz ele, a continuarem puxando cada uma para seu lado, o resultado pode ser caótico. Algumas podem até sobreviver. Mas o cooperativismo, como sistema econômico, que só é forte quando devidamente integrado, talvez não sobreviva.

Como primeiro passo para sair da crise, o professor Vergílio destacou o pronunciamento feito pelo presidente da Fecotriço, Odacir Klein, sob o título "O cooperativismo frente a conjuntura atual". O forte desse pronunciamento foi a necessidade de uma maior integração entre as cooperativas de produção com as irmãs de crédito.

A evasão de dinheiro que sai do campo é muito grande, praticamente sem retorno para investimento onde foi gerado. A agroindústria, que tanto se fala, é de extrema importância, principalmente com a expectativa do Mercosul. Mas como investir com recursos externos? Isso é simplesmente proibitivo, devido aos altos juros de mercado.

E a realidade parece evidente. Ou o sistema se industrializa, para transformar e valorizar os produtos gerados por seus associados, ou não vai ter nunca qualquer competitividade. E essa competitividade, hoje, é fundamental, face o Mercosul. **MURO INVISÍVEL** - Porém, Vergílio Perius destaca como muito importante, aquilo que classifica como "a queda do muro invisível", que é a real aproximação entre cooperativismo e universidades. Nesse sentido, ele acha que o Fórum de Nova Petrópolis significou um sucesso.

A promoção do Fórum foi das universidades e instituições de ensino superior ligadas ao cooperativismo - Unisinos, Unijuf, UFSM, Unicruz, Passo Fundo, Urcamp e Caxias do Sul, com apoio da Ocergs.

O Fórum desenvolveu-se através de palestras, painéis e discussões em grupos. Foram palestrantes ou painelistas: Hélio Zawatski, presidente da Ocergs; Ademir Schardong, presidente da Cocrecer; Hugo Vela, pelas universidades; dom Antonio Cheuiche; da CNBB; Roberto Rodrigues, da CMN/Eximcoop S.A.; Odacir Klein, presidente da Fecotriço, Getúlio Martini, presidente da Cotrimaio; Jânio Stefanello, da Coprel; João E. Irion, da Unimed/Seguros e Ernesto Krug, da CCGL.

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do Eng. Agr. M. SC Volney Viau — Pesquisador do CTC

CONGRESSO SULAMERICANO DE AVEIA

Realizou-se de 18 a 21 de novembro de 1991 em Tres Arroyos, Argentina, o "Primer Congreso Sulamericano de Avena", reunindo melhoristas de aveia do Brasil, Argentina, Chile e Estados Unidos. O objetivo do encontro foi proporcionar um fórum de apresentação e debates de trabalhos de pesquisa com aveia conduzidos nesses países.

Em pequeno relato da situação da aveia, ficou evidente que no mundo há uma tendência de redução de área cultivada, em função do não recebimento de subsídio deste cereal, em relação aos demais. Enquanto que na América Latina observa-se uma tendência de aumento de produção em função da grande expectativa de utilização do grão na alimentação humana. O Chile apresenta um milhão de hectares cultivados, sendo 80 por cento da forragem e 20 por cento para produção de grãos.

É neste país onde registram-se os maiores ganhos em produtividade. O rendimento médio de grãos passou nos últimos 20 anos de 1.552 Kg/ha para 2.781 Kg/ha. A nível de pesquisa, os rendimentos chegam a 10 toneladas por hectare. Também foram conseguidos progressos no rendimento de grãos descascados na indústria, atingindo 73 por cento. A maior área cultivada é nos Estados Unidos (3,5 milhões de hectares) com produtividade de 2.800 Kg/ha.

Em 1991 foram colhidos somente 1,9 milhões de hectares com produtividade de 1.800 Kg/ha, necessitando importação para atendimento das necessidades internas. Uma característica, é que 50-60 por cento da aveia produzida é consumida na propriedade. A Argentina tem uma área de 2 milhões de hectares, produzindo anualmente cerca de 400 a 500 mil toneladas de grãos, exportando 200 mil toneladas. As variedades cultivadas são de duplo propósito, sendo muito cultivada a Suregrain, por apresentar bom potencial forrageiro.

No Brasil, até 1981, toda a aveia consumida era importada. A partir de 1987, a totalidade da aveia utilizada pela Quaker é nacional, sendo que nos últimos 3 anos o rendimento de grãos descascados variou de 64-67 por cento (índice considerado muito bom). Isto demonstra que houve progresso tanto no processo industrial como no desenvolvimento de novas cultivares de aveia de alta qualidade.

Um aspecto muito comentado no Congresso foi a preocupação com a qualidade do grão para a indústria. Os requisitos que são observados pela indústria com relação ao grão são: o grão deve estar em perfeito estado sanitário, livre de fezes de roedores, de insetos, de aromas e sabores estranhos, de doenças causadas por microrganismos. A umidade do grão não deve ser superior a 13 por cento, quando o produto for destinado ao moinho. Quanto maior o teor de umidade, maior é a dificuldade para o processo de descascamento do grão.

Com relação a conservação do grão, o teor de acidez não deve ser superior a 5 por cento, isenta de grãos manchados ou no máximo 0,5 por cento de grãos levemente manchados, bem como o mesmo percentual para grãos descascados ou quebrados. Os grãos quebrados aumentam o teor de acidez. O peso do hectolitro mínimo exigido é 50, e as cultivares de grãos muito pequenos determinam perdas na indústria.

Trabalho de pesquisa demonstrou que o grão deve ter de 2,5-3,0 mm de largura por 8-9 mm de comprimento. É a relação entre comprimento/largura deve ser 35 por cento. Com relação a outras sementes, pela determinação do coeficiente de extração, os limites máximos permitidos em uma amostra de 100 gramas: trigo 50 unidades, cevada 40 unidades, aveia preta 30 unidades e centeio 5 unidades.

Sementes silvestres ou de ervas daninhas não devem aparecer porque depreciam o produto final. Com relação aos avanços na pesquisa com aveia, ficou evidente o progresso obtido no Brasil, especialmente no desenvolvimento de novas cultivares com potencial de produtividade. Participou do Congresso o engenheiro agrônomo Volney Viau, que apresentou dois trabalhos. Um dando idéia da aveia como alternativa para a região Noroeste do Rio Grande do Sul, e outro fazendo uma análise do desempenho de cultivares de aveia no sul do Brasil.

horta & pomar

Recomendações para a época

- * Cuidados com possíveis ataques de ácaros nos citros;
- * Controle de ácaros nos alhos armazenados para sementes;
- * Controle das lagartas que danificam os frutos de pepinos e tomates com inseticida biológico Dipel.
- * Aducação das plantas cítricas.

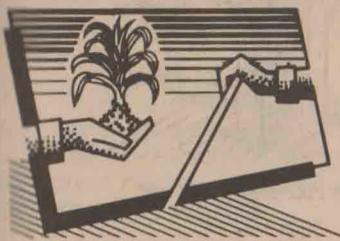
ESPÉCIE	CULTIVAR	ESPÉCIE	CULTIVAR
** Alfaca	Regina Kagraner Crespas Quatro Estações	*** Melancia	Scharleston Gray - longa, clara Congo - longa escura
** Almeirão	Pão-de-Açúcar Folha Larga	*** Moranga	Coroa - Verde Exposição - vermelha Cabutiá - híbrida
*** Abóbora	Caserta - Tronco Longo Menina Brasileira Caravela	* Pimentão	Yolo Wonder - graúdo quadrado Chapéu de Bispo - conserva
** Beterraba	Early Wonder	*** Rúcula	Cultivada
*** Cenoura	Brasília	* Repolho	Híbridos Louco de Verão Coração de Boi
* Couve-Flor	Schiromaru	*** Rabanete	Comet - redondo Comprido vermelho e branco
* Chicória	Escarola	* Tomate	Ángela - "paulista"
* Feijão Vagem	Macarrão Trepador	*** Pepino	Híbridos - salada Premier - conserva
*** Melão	Casca de Carvalho CAC - Espanhol Halles Best		Ginga - conserva Tamor - conserva Aody - salada
*** Melancia	Crimson Weet - redonda com pouca semente		

- * Transplante necessário
- ** Admite transplante e semeadura direta
- *** Não devem ser transplantadas

Observações: As espécies foliosas precisam de irrigação e/ou proteção do sol neste período, para produzir com qualidade.

Alterações no convênio Cotrijuí Unimed

A partir de 1º de janeiro a prestação de serviços de assistência médico-hospitalar pela Unimed para os associados da Cotrijuí passará por uma profunda mudança. O associado interessado firmará um Contrato Adesão ao Plano da Unimed diretamente com esta. A Cotrijuí apenas atuará na questão com serviço de apoio como distribuição de carteiras, coleta de assinaturas em contratos. Os pagamentos serão feitos diretamente na Cooperativa de Crédito local e esta o repassa a Unimed. Os associados deverão procurar sua unidade a partir de 2 de janeiro para atualizar contrato e carteiras.



Renato Knopp de Almeida Gomes

A grande avalanche de produtos eletrônicos iniciada na década passada, trará para a produção agropecuária, dentro de pouco tempo e com um investimento inicial relativamente pequeno, condições de igualar-se aos mais avançados recordes tecnológicos do mundo pela adoção das novas técnicas disponíveis.

Usando em seu benefício os anos e investimentos feitos no país e no exterior com a pesquisa agropecuária, o produtor tem a seu dispor informações importantes que podem guiá-lo pelo difícil caminho da maximização dos lucros da exploração a que se dedica através do uso adequado dos insumos. Este uso mais adequado pode ser aconselhado pelos técnicos que também têm ao seu dispor as informações de experiências conduzidas pelos produtores e órgãos de pesquisa. Ao fazer uso destas experiências vivenciadas anteriormente por produtores que utilizaram condições semelhantes às suas, o produtor da região poderá optar por métodos mais adequados e que ofereçam condições de uma verticalização mais rápida e segura da sua produção. Ou seja, a adoção de novas técnicas que possibilite riscos mínimos ao investimento feito em horas de trabalho.

Como exemplo de controle da produção leiteira, podemos citar recente publicação da revista Balde Branco. Em entrevista feita com um produtor de São Paulo, a revista mostrou o controle informatizado de toda a atividade. São 310 vacas em lactação, com uma média de 30 litros/vacas/dia, variando de 10 a 40 litros e uma produção diária de 7.200 litros de leite. Esse produtor possui 24 boxes de ordenha completamente automatizados que lhe custaram um investimento inicial de 220 mil dólares. Esse investimento equivale a 1 milhão e 650 mil litros de leite, ou a 24.146 sacos de soja ou ainda a Cr\$ 198 milhões a preços de 1º de dezembro.

Este controle computadorizado da ordenha e consequentemente da alimentação fornecida a estes animais em lactação, permite uma economia de 20 minutos em tempo total de ordenha, uma redução de 10 por cento do concentrado consumido pelo melhor acompanhamento das necessidades para o respectivo período de lactação e a um ganho médio de 800 g de leite/vaca/dia pela instalação de um moderno equipamento à ordenhadeira. Ao invés de interromper a ordenha toda a vez que o fluxo do leite reduz, esse equipamento faz com que a pressão do vácuo e o ritmo dos pulsos decresça gradativamente, esgotando totalmente o leite.

A partir deste controle, a propriedade conseguiu aumentar a sua produção em 9.000 litros de leite/mês, chegando a um ganho de 100 mil litros/leite por ano, o que permite um auto retorno do investimento em um prazo de 30 meses.

Esta seria uma forma de adquirir ou implantar o que existe de mais moderno no mundo em termos de controle de ordenha. Adequando-se este sistema às nossas condições, poderíamos, com um investimento de apenas 5 mil dólares aproximadamente, che-

O computador na organização da produção

gar bem próximos aos índices alcançados pela propriedade analisada na matéria publicada pela revista Balde Branco.

No mês de "novembro", Cotrijuí adquiriu da Embrapa, um sistema de computação para acompanhamento das propriedades produtoras de suínos da região. Os dados alcançados pelo rebanho enfocado serão repassados pelos técnicos aos produtores para serem adequados às condições de manejo, sanidade e reprodução, na busca de maiores índices de produtividade.

O correto conhecimento do intervalo entre partos, seu número de

leitões desmamados e seus respectivos pesos, são alguns dos parâmetros importantes que permitirão aos técnicos, com o uso do sistema Atepros, recolherem informações capazes de auxiliar na programação do fluxo da fábrica de rações para atender ao sistema cooperado em todas as suas etapas. A necessidade de reposição de matrizes pelas granjas núcleos e multiplicadoras, e o fluxo de abate do frígido com sua respectiva programação de entrega ao mercado - dando assim continuidade ao sistema, um importante mecanismo para o funcionamento da máquina cooperativa -, associadas às outras atividades verticaliza-

das, conduzirão à profissionalização do produtor, resultando, certamente, em sucesso econômico.

Com o advento do Mercosul, a previsão do uso adequado e o dimensionamento dos equipamentos necessários para a informatização das distintas atividades, juntamente com a especialização dos técnicos envolvidos, é o primeiro passo no sentido de buscar condições de igualdade, tanto a nível de qualidade da produção como de produtividade com países vizinhos.

Renato Knopp de Almeida Gomes é zootecnista e Assessor de Informática - Deteco/Cotrijuí



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí, com a colaboração do técnico agrícola Pedro Pittol, da Cotrijuí, unidade de Ijuí

Como ocorre a erosão

A erosão é um fenômeno que consiste no desgaste da superfície do solo pelo arrastamento de partículas provocado pelos ventos e pela água. Em algumas regiões, principalmente onde ocorrem solos arenosos, a erosão eólica - provocada pelo vento - é muito importante. Para os nossos tipos de solos, e considerando o clima da região, a erosão hídrica - provocada pela água - é o problema maior e merece atenção especial.

A erosão do solo, em qualquer circunstância, compreende três fases distintas:

2.1 - **Desagregação** - é o princípio de todo o processo erosivo do solo e, consiste na quebra da estrutura ou dos agregados naturais em partículas mais finas. É provocada principalmente pelo salpico, ou seja, pelo impacto direto da chuva na superfície desprotegida do solo. Uma chuva intensa, de 25 mm e cujas gotas tenham 3 mm de diâmetro, por exemplo, atinge o solo a uma velocidade de 25 quilômetros/hora, e aplica energia suficiente por hectare, para desagregar e lançar 250 toneladas de terra a 1,20 metros de altura.

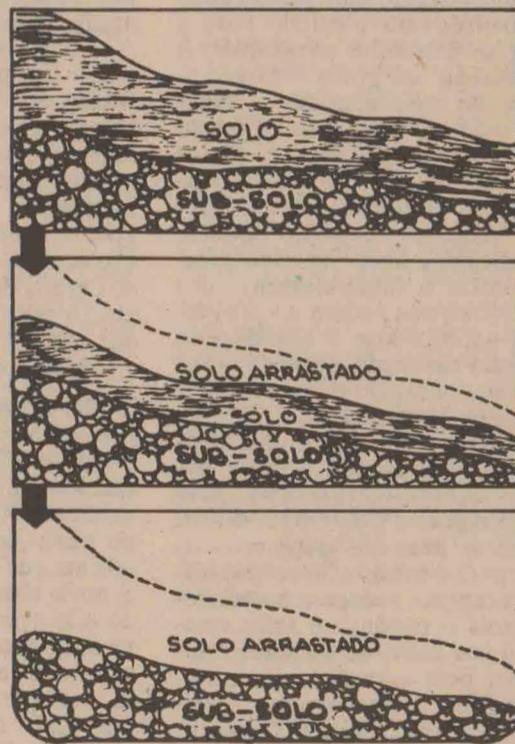
Por esta sua potencialidade, o salpico é responsável direto por 95 por cento da perda de solo por erosão. É importante lembrar que o trânsito de máquinas sobre a lavoura, o intenso preparo do solo com lavrações e gradagens sucessivas, as queimadas, o uso indiscriminado de pesticidas, etc., contribuem significativamente para reduzir os teores de matéria orgânica e aumentar a desagregação do solo. Quanto mais forem repetidas estas práticas, mais aumentarão os riscos de erosão.

2.2 - **Transporte** - quando a terra solta, lançada ao ar pelo impacto da chuva, cai de volta ao solo, parte das partículas mais finas entope os poros existentes em sua superfície, formando uma crosta - selamento - muito pouco permeável à água. A infiltração da água diminui e o escoamento aumenta. Com ele, aumenta a velocidade da enxurrada e a sua capacidade de arraste e transporte de material.

Lima (1975), informa que, dobrando a velocidade de escoamento da água, sua capacidade erosiva quadruplica, sua capacidade de transporte de materiais aumenta 82 vezes e o tamanho das partículas arrastadas aumenta 64 vezes.

À medida que o volume de material transportado aumenta, cresce também o poder de erosão da enxurrada. As partículas transportadas chocam-se com a superfície do solo, soltando sucessivamente novas partículas.

Apesar da sua importância no transporte de material, a enxurrada é responsável direta por apenas 5 por cento das perdas de solo por erosão.



2.3 - **Deposição** - o material transportado pelas águas normalmente acaba sendo depositado nas baixadas ou é lançado nos rios, lagos, represas, etc..., onde não tem utilização agrícola. Em geral, ainda causa prejuízos sociais e econômicos. Polui as águas e o meio ambiente; causa assoreamento de nascentes e cursos d'água; danifica, podendo inutilizar obras de grande vulto, como barragens, estradas e outras.

A presença de camadas compactadas no solo também favorece a erosão. Dalla Rosa (1981), trabalhando em solos da região do Planalto Médio-Missões, cultivados com trigo durante 15 anos, observou que a taxa de infiltração de água era 24 vezes menor na camada compactada do que abaixo dela, e seis vezes menor que na superfície. Fica evidente que por ocasião de chuvas pesadas, esta camada limita a infiltração de água, aumentando a enxurrada. Se todo o perfil do solo tivesse a elevada taxa de infiltração que a camada mais profunda apresentou - 192 mm/hora - dificilmente haveria erosão.

Fonte: Cadernos Técnicos/Cotrijuí
Volume 1, nº 4/1982

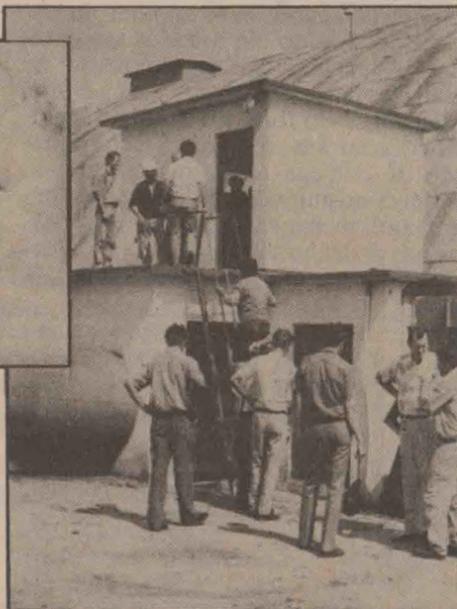
COTRIJUI

Modernização no sistema de aeração

Num primeiro momento, a modernização no sistema de aeração vai ocorrer apenas nos armazéns de Santo Augusto, Tenente Portela, Coronel Bicaco e Jóia



Heinz Dreyer, explicando o funcionamento do novo sistema. Ao lado, a visita dos conselheiros



Associando melhoria no sistema de armazenagem com modernização, a Cotrijuí está partindo para a instalação de controles programáveis de conservação de grãos - Dryco -, em alguns de seus armazéns. "Num primeiro momento, assinala o gerente de Operações da Cotrijuí, Heinz Dreyer, o sistema está sendo instalado apenas em armazéns das unidades de Santo Augusto, Tenente Portela, Coronel Bicaco e Jóia". O novo sistema automatiza o funcionamento dos aeradores, "os quais podem ser programados de acordo com o objetivo do trabalho a ser realizado, garante Heinz referindo-se a secagem ou a conservação dos grãos armazenados.

BENEFÍCIOS - Além de modernizar o sistema, a automação do funcionamento dos aeradores traz uma série de benefícios para o próprio produtor. As quebras de peso dos grãos são evitadas, proporcionando ainda versatilidade na recepção, secagem e armazenagem, "pois o produto é armazenado com 16 por cento de umidade e todo ele seco pela aeração, aumentando assim o fluxo do recebimento e agilizando a descarga", explica. O gerente de Operações cita ainda a racionalização do consumo de energia, o aumento da capacidade de secagem, a possibilidade de maior economia pela não necessidade de transilagem e,

conseqüentemente menor desgaste nos equipamentos e menor quebra, e ainda, redução no consumo de lenha.

Segurança operacional 24 horas/dia ou 365 dias/ano e melhoria da qualidade dos grãos, principalmente do trigo, "o que resultará numa farinha mais apurada", são benefícios que o produtor passa a contar a partir da instalação do novo sistema. Heinz aponta ainda como vantagens a redução de mão-de-obra e a menor quebra dos grãos de milho, "pois sendo secos até 16 por cento de umidade no secador, não se partem sob o impacto da queda dentro do armazém".

O NOVO SISTEMA - No dia 26 de novembro, os conselhos de Administração e Fiscal da Cotrijuí, acompanhados da diretoria eleita, estiveram em Santo Augusto para a inauguração do novo moinho de trigo. Mas antes dos atos de inauguração, conheceram o novo sistema de aeração implantado nos armazéns da unidade de Santo Augusto. "Essa modernização no sistema de armazenagem dá, tanto para a cooperativa, como para o produtor, mais tranquilidade e segurança com relação ao produto armazenado", diz o gerente da Unidade, Antônio Weiller, apostando ainda num relacionamento mais confiável entre cooperativa e compradores.

PROGRAMAÇÃO / DRYCO

CICLOS	TEMP. máx. °C	U.R. % min.	U.R. % máx	
			Industria	Semente
1º SECAGEM	40°	25%	95%	85%
2º RESFRIAMENTO	25°	40%	93%	80%
3º RESFRIAMENTO	20°	45%	90%	75%
4º CONSERVAÇÃO	18°	45%	90%	65%
5º CONSERVAÇÃO	16°	40%	90%	65%
6º CONSERVAÇÃO	14°	40%	90%	65%
7º CONSERVAÇÃO	12°	35%	90%	65%
8º CONSERVAÇÃO	10°	35%	90%	65%

Baseado na informação acima, observa-se que, para a secagem, necessita-se utilizar o máximo de temperatura, enquanto que para a conservação, utiliza-se temperaturas mais baixas. Quando a massa dos grãos se encontra com temperaturas inferior a 17°C, esta não corre risco de deterioração, ataque de pragas e/ou fungos.

COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer

LEITE EXTRA-COTA

A partir dos meses de janeiro e fevereiro de 1992, a CCGL voltará a aplicar o leite extra-cota excesso. Em atendimento às reivindicações dos produtores e considerando as condições do mercado, a CCGL não aplicou o leite extra-cota nos meses de novembro e dezembro, como tem ocorrido todos os anos e determina a portaria da Sunab.

LEVANTAMENTO DE DADOS

Os produtores de leite associados da Cotrijuí na região já devem ter recebido um formulário enviado pela CCGL, onde estão colocadas uma série de questões de interesse da Central. Esse levantamento de dados tem por objetivo recolher subsídios para que tanto a CCGL como as suas cooperativas filiadas possam tomar pé da real situação dos produtores e da produção leiteira e traçar programas de assistência técnica que possam atacar os pontos de estrangulamento a uma maior produtividade. Esse levantamento também vai ajudar na elaboração de planos de financiamento de animais e equipamentos. Por esta razão, é importante que o produtor preencha o formulário de forma correta, respondendo a todas as questões. Ele não precisa se identificar, ou seja, assinar o formulário, mas deve destacar e guardar o canhotinho, colocado na parte inferior do mesmo. No final do levantamento, será feito o sorteio de uma ordenhadeira mecânica ou de sacos de Terneleite. O sorteio será feito pela Loteria Federa do dia 28 de dezembro.

MOSTRA DA TERNEIRA E DA NOVILHA LEITEIRA

Conforme já foi falado na última edição do Cotrijornal e nesta mesma coluna, em maio do próximo ano, a Cotrijuí, através do seu Departamento Agrotécnico estará realizando a I Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira. A data já está definida: 29 e 30 de maio de 1992, no Parque de Exposições Assis Brasil de Ijuí. Portanto, aqueles produtores que têm terneiras ou novilhas de boa qualidade e quiserem expor e/ou comercializá-las, podem ficar atentos. Possivelmente já na próxima edição do Cotrijornal, a circular em janeiro de 1992, estaremos publicando o regulamento desta I Mostra e também outras informações referentes ao evento.

COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO LEITEIRA REGIONAL PIONEIRA

Unidades	Produção (L)	Porcentagem S/total produção	Nº produtores	Litros prod./dia
Jóia	254.209	5,67%	256	33,10
A. Pestana	848.778	18,94%	825	34,29
Ijuí	1.288.600	28,76%	1.308	32,84
Ajuricaba	856.519	19,11%	780	36,60
Chiapetta	137.133	3,06%	155	29,49
Sto. Augusto	459.399	10,25%	457	33,51
Cel. Bicaco	99.259	2,22%	132	25,07
Ten. Portela	537.023	11,99%	927	19,31
Totais	4.480.920	100%	4.840	30,53

Houve uma redução de 8,35% da produção em relação ao mês de outubro. Este fato ocorre praticamente todos os anos em função da transição representada pelo final do ciclo das forragens de inverno e plantio das forrageiras de verão. Estas tiveram o plantio retardado em função da estiagem.

Mais uma vez se salienta a importância da utilização de reservas forrageiras na forma de feno ou silagem a fim de se obter uma estabilidade da produção leiteira.

REUNIÃO DO CONSELHO REGIONAL DE PRODUTORES LEITEIROS COM DIREÇÃO DA CCGL

Ocorreu no dia 18 de novembro uma importante reunião entre o Conselho Regional dos Produtores Leiteiros e a direção da CCGL. Todas as unidades da região Pioneira estiveram representadas nessa reunião que se realizou na sede da CCGL em Languiru. Na oportunidade os representantes regionais apresentaram à direção da CCGL uma série de reivindicações, entre as quais salientamos as seguintes: pagamento parcelado do leite em duas oportunidades durante o mês, a fim de diminuir os efeitos da inflação; que a CCGL busque uma alternativa para baixar o custo do sêmen, a fim de reduzir o custo final da inseminação artificial; que a CCGL analise a possibilidade de custear pelo menos parte da assistência técnica dos produtores leiteiros.

Além disso foi solicitada uma série de esclarecimentos sobre as perspectivas do mercado de laticínios. A direção da CCGL se comprometeu no sentido de analisar as reivindicações apresentadas e levá-las à apreciação do Conselho da Administração da Central.



Negócios

COLHEITADEIRA

* Vendo uma colheitadeira da marca Clayson, modelo 1.530, ano 79, com motor reformado. Allan, rua do Comércio, 52, em Ijuí ou ainda pelo telefone (055) 332-1490.

CARRETA GRANELEIRA

* Vendo ou troco uma carreta graneleira, da marca Masal, com capacidade para duas toneladas. Adir Coradini, São Valentin, interior de Ijuí.

VACA

* Vende-se uma vaca Holandes com Jersey. Interessados na compra do animal, tratar pelo telefone (055) 332-1282.

VACA

* Vende-se uma vaca Jersey, com seis meses de gestação. Interessados no negócio, tratar pelo telefone (055) 332-2677.

VACAS POR TOURO

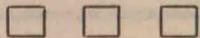
* Vende-se ou troca-se por duas vacas puras, um touro PO, com registro de procedência da Granja da Varig/Jóia. Idade do animal, dois anos e meio. Interessados na compra ou na troca do touro, entrar em contato com Neri Berschorner, Esquina 21 de Abril, interior de Jóia ou então com a gerência da Unidade da Cotrijuí em Jóia, pelo telefone 104.

MACHO JERSEY

* Vende-se um macho Jersey. Data de nascimento: 14.10.91. Filho de Silver Favorite Saint. Interessados poderão tratar com Vanderlei, no departamento técnico da Unidade da Cotrijuí em Ijuí ou pelo telefone (055) 332-1282.

CURTAS

FRUTICULTURA - A Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado está lançando o Programa Estadual de Fruticultura. O programa deverá ser desenvolvido em etapas, começando pelas reuniões setoriais, culminando com a realização de um seminário final de onde deverão sair as propostas do setor a serem encaminhadas ao governador do Estado.



IMPORTAÇÃO - Representantes do setor tritícola gaúcho estão em pé de guerra contra o acordo de integração firmado entre governo brasileiro e industriais argentinos e que prevê, para janeiro, a entrada de 600 mil toneladas de farinha no mercado nacional. Essa importação, representa a sustentação de 14 meses de consumo do produto no Rio Grande do Sul. Para os representantes do setor, a entrada destas 600 mil toneladas de farinha reduzirá as chances de colocação do produto nacional no mercado interno. Eles reivindicam por outro lado, uma taxa compensatória sobre o trigo argentino. Também são contra a importação desta farinha em época de colheita. O presidente da Fecotri, Rui Polidoro Pinto defende a necessidade dos setores tritícola e político somarem força na defesa dos interesses dos produtores gaúchos e recordou que, por causa de importações fora de época, os agricultores gaúchos foram obrigados a destinar 115 mil toneladas de trigo para alimentação dos animais.

Reuniões... Cursos... Dias de Campo... Reuniões...

PROGRAMA DE SEMENTE DE FORRAGEIRAS

Produtores e técnicos da Cotrijuí participaram de um dia de campo em Santo Augusto no dia 19 de dezembro. O encontro começou com uma visita à propriedade do produtor Palomar Montagner, onde foi feita uma demonstração para avaliação da ensiladeira Geva com repique e kit para milho. Também visitaram a propriedade de Luiz Carlos Kurtz, em As Brancas, onde observaram áreas com trevo Yuchi e Cornichão. Pela parte da tarde, a equipe técnica esteve reunida com os produtores, discutindo o programa de sementes de forrageiras da Cotrijuí, com informações referentes à unidade de Santo Augusto. Na Granja São Francisco, de Celso Bolívar Sperotto, os produtores e técnicos discutiram silagem de milho, sorgo e outras forrageiras, revisaram aspectos sobre melhoramento de campo nativo, a introdução de leguminosas, a criação de terneiras e a diversificação das atividades que vem sendo incrementadas na propriedade já há algum tempo. O dia de campo encerrou com uma visita a propriedade de Eudemar Fernandes, um produtor matriseiro de suínos.

AGRICULTURA - Ao lançar o Plano Nacional de Política Agrícola e o Programa Nacional de Reforma Agrária para o próximo ano, o presidente Collor deverá anunciar recursos na ordem de 5 bilhões de dólares para serem aplicados no custeio e comercialização da safra/92. Só o Plano Nacional de Reforma Agrária contará com mais de 1 bilhão de dólares, o suficiente, segundo o governo, para a desapropriação de 5 milhões de hectares de terra e o assentamento de 100 mil famílias. O governo também planeja investir 400 milhões de dólares na correção do solo.



Novidades

O inseticida que não polui

A Nova Era Biotecnologia Agrícola está lançando no mercado o seu inseticida Biológico - **Baculo Soja**. Com tecnologia transferida pela Embrapa, ela está oferecendo ao agricultor um inseticida biológico de última geração, formulado com Baculovirus específico para o controle da lagarta da soja. Formulado em pó, o inseticida biológico Baculo soja da Nova Era, é ingerido pelas lagartas, provocando a sua morte. Após 4 ou 5 dias de aplicação, as lagartas infectadas param de se alimentar, começando a morrer a partir do sétimo dia. O produto está sendo apresentado em embalagens plásticas de 50 gramas, o suficiente para 2,5 hectares de lavoura, ou de 200 gramas, para ser aplicado em 10 hectares de soja.

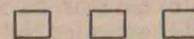
CONGRESSO BRASILEIRO DE MILHO E SORGO

O Rio Grande do Sul, mais especificamente Porto Alegre, deverá sediar, de 9 a 14 de agosto do próximo ano, o XIX Congresso Brasileiro de Milho e Sorgo. A promoção do evento é da Associação Brasileira de Milho, da Secretaria da Agricultura e da Emater. A Secretaria de Ciência e Tecnologia, a Secretaria de Assuntos Internacionais e a Embrapa dão apoio a realização do XIX Congresso Brasileiro de Milho e Sorgo que ainda conta com o auxílio do CNPq, Fapergs, Ceasa, Agroceres e Cotrijuí. O evento será destinado a pesquisadores, extensionistas, produtores de milho e sorgo, empresários, estudantes e autoridades. Na programação a ser desenvolvida, consta a apresentação de trabalhos técnicos gerados nas diferentes instituições de pesquisa e extensão rural existentes no país. A idéia dos organizadores do Congresso Brasileiro de Milho e Sorgo é colocar à frente das autoridades os problemas que ainda hoje atrapalham o desenvolvimento tanto do milho como do sorgo no país.

MERCOSUL - Com o olho pregado no Mercosul, a Associação Sul Brasileira de Sementes - ASBS, a Câmara de Sementes do Uruguai e a Associação dos Produtores de Sementes/RS, realizaram, em Santana do Livramento, mais uma rodada de negociações do setor. O encontro serviu, segundo o engenheiro agrônomo Walter Eichler, vice-presidente da ASBS, para levantar os pontos de dificuldades no intercâmbio de sementes entre países envolvidos. Se falou de entraves burocráticos - taxas e impostos - e de assuntos de ordem técnica. Mais duas reuniões, uma em Montevidéu e a outra no Rio Grande do Sul, coordenada pela Apassul, estão programadas para o próximo ano. Na reunião de Montevidéu, vai se tentar unificar os padrões técnicos e na reunião a ser realizada em solo gaúcho, terá cunho empresarial-político.

CARRAPATO COM PROGRAMA DE CONTROLE

Um programa de controle ao carrapato, adequado à mosca-do-chifre. Esta a conclusão a que chegaram as entidades oficiais e privadas que participaram do 1º Simpósio sobre a Mosca-do-Chifre no Rio Grande do Sul, promovido pelo Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul e coordenado por Maria Tereza Queirolo. A ausência de um programa oficial de combate ao carrapato, mas apenas iniciativas individuais, foi apontada, pelos participantes do Simpósio como responsável pela proliferação da mosca-do-chifre. Apesar de já terem sido detectados 349 focos de insetos em 35 municípios, Maria Tereza garantiu aos participantes que o número de infestações começa a diminuir devido às orientações e ao controle de trânsito de animais. Do encontro saiu ainda a orientação de que os mesmos métodos utilizados para o controle do carrapato podem ser usados, com a mesma eficiência, no controle da mosca-do-chifre.



SUINOCULTURA, A QUARTA ETAPA

A quarta etapa do curso de Suinocultura, promovido e organizado pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, aconteceu no dia 18 de dezembro, na Afucotri de Ajuricaba. O curso, destinado a técnicos e produtores de toda a área de ação da Cotrijuí na Pioneira, teve a participação de dois palestrantes, o engenheiro agrícola Paulo A. Oliveira, do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, de Concórdia, Santa Catarina e do engenheiro agrônomo Ricardo Martins, da Emater/RS. Os dois palestrantes falaram sobre **Manejo e Utilização de Dejetos**. Pela parte da tarde, o médico veterinário Werner Meinke, da Associação dos Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul e Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado, falou sobre **Produtividade e Inseminação Artificial**.

Tubogotejador para a horta

A Irrigotec, uma empresa paulista, está lançando no mercado um novo sistema de irrigação para hortaliças, frutas, milho, batata, girassol, flores e produtos cultivados em estufas. É o tubogotejador Queen Gil, um produto capaz de distribuir, de forma eficiente, a água e os nutrientes em toda a extensão da lavoura, reduzindo os custos e elevando a produção. Dotado de sistema anti-entupimento, o tubogotejador Queen Gil é produzido com tecnologia israelense.

O novo sistema de irrigação lançado pela Irrigotex possui, incorporado ao tubo, um sistema de labirintos que distribui praticamente a mesma quantidade de água e nutriente. O novo tubogotejador já vem com todos os acessórios necessários para gotejar em toda a horta, sem que o produtor

necessite retirar ou acrescentar qualquer peça. Se apresenta praticamente livre de entupimentos, já que seu labirinto é dotado de um sistema de micro-entradas de água, funcionando com filtro interno.

A superfície interna do tubogotejador Queen Gil é feita de um material anti-aderente que serve para evitar o acúmulo de sujeiras, algas e minerais. Sua total vedação à luz evita a criação de microrganismos. A parte externa do sistema contém repelente contra insetos. Conta ainda com a vantagem de não sofrer desgastes quando submetido ao calor ou ao frio, resiste ao uso de agentes químicos e pode ser facilmente manuseado, já que o rolo de mil metros pesa apenas 12 quilos. Maiores informações sobre o tubogotejador Queen Gil poderão ser obtidas pelo telefone (011) 869-2403.

Cotrijuí inaugura moinho em Santo Augusto com capacidade para industrializar 1.200 sacos de trigo por dia. Nos atos de inauguração, a presença da direção eleita, gerentes, assessores, lideranças da região, produtores associados e conselheiros

MOINHO COTRIJUI

Valorizando a produção

A Cotrijuí inaugurou em Santo Augusto, as novas instalações de sua unidade industrial de moagem de trigo. Presentes aos atos de inauguração do Moinho Cotrijuí, um grande número de lideranças de Santo Augusto e municípios vizinhos, produtores associados e ainda os membros dos conselhos de Administração e Fiscal da cooperativa. Nos discursos de inauguração, o compromisso de valorização da produção primária via industrialização. "Precisamos deixar de ser apenas repassadores de matéria-prima para outras regiões", reafirmou Celso Sperotto em seu discurso de abertura da solenidade.

Além do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, do vice-presidente Euclides Casagrande e do superintendente Celso Sperotto, a colocação do Moinho Cotrijuí em marcha ainda foi prestigiada pelos gerentes Nelvir Zardin, Heinz Dreyer, Waldemar Helwein, Júlio Feil, Robin Bahr, Eloy Pettenon, da unidade de Chiapetta, Auri Boff, de Ajuricaba, Romeu Rhode, de Augusto Pestana, Antônio Flores, da unidade de Coronel Bicaco e do assessor de Comunicação, Valmir Beck da Rosa. **MARCO** - O superintendente da Cotrijuí na Pioneira, Celso Sperotto foi o primeiro a falar, destacando o Moinho Cotrijuí como um marco inicial da nova caminhada que a cooperativa começa a empreender na região e que terá prosseguimento com a implantação de outras indústrias de mesmo porte. Aponta a agroindústria como a única saída para que a região deixe de ser apenas uma repassadora de matéria-prima. "Vamos industrializar nós mesmos aquilo que vimos produzindo com tanto sacrifício, mas com eficiência", disse o superintendente.

O gerente da unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, Antônio Weiller, prestou uma homenagem ao técnico Valdomiro Sbaraini, responsável pela ampliação e montagem do novo sistema de moagem e disse que o compromisso da cooperativa com o município, para o próximo ano, é o de buscar o máximo de produtividade com eficiência. Weiller garantiu também um produto final de qualidade, "única forma de conquistarmos um mercado consumidor capaz de absorver toda a nossa produção".

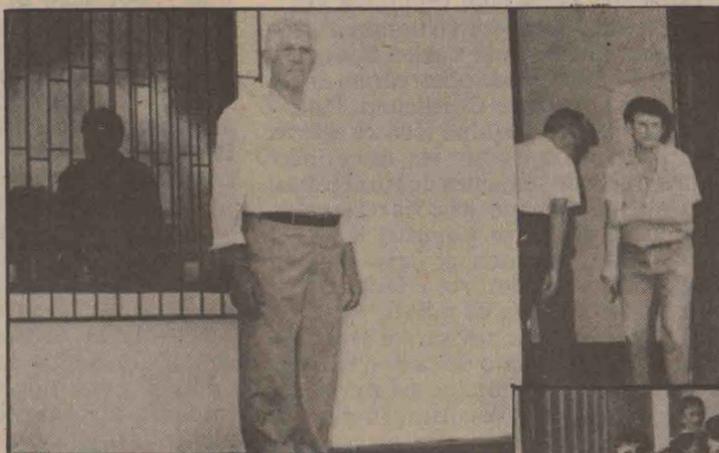
O projeto de ampliação e modernização do moinho, "em toda a sua grandeza", foi destacado pelo conselheiro de Administração Jorge Sperotto, que também falou em nome dos produtores associados da Cotrijuí de Santo Augusto. Para o Jorge, a única alternativa capaz de combater a indiferença do governo em relação a triticultura, é a industrialização da produção da região. "Se fizermos esse trabalho com competência e eficiência, vamos até conseguir remunerar melhor o nosso triticulador", observou em tom desafiador. Otimista, Jorge também aposta num mercado consumidor regional forte, "em condições de absorver a produção de trigo dos municípios de Tenente Portela, Santo Augusto, Coronel Bicaco, Chiapetta e Ajuricaba".

O prefeito Izilindo Stival falou em nome da comunidade parabenizando a direção da Cotrijuí e seu quadro social "pelo espírito de reconhecimento das potencialidades de Santo Augusto, traduzido hoje na ampliação e modernização de um antigo moinho colonial".

NOVO MOMENTO - A ampliação e modernização do moinho em seu sistema de processamento marca um novo momento na vida da Cotrijuí, disse Ruben Ilgenfritz da Silva ao lembrar outro fato importante da história da cooperativa: a saída de Ijuí para Santo Augusto. Isso aconteceu há mais de 30 anos atrás, quando Santo Augusto era uma comunidade sem muitas perspectivas de futuro, "mas que hoje possui as melhores lavouras da região", reconheceu.

Ao falar sobre a necessidade de uma melhor valorização da produção, Ruben Ilgenfritz também voltou a insistir na mesma questão: a da agroindústria, "uma forma de gerar mão-de-obra e produtos com preços mais acessíveis". Colocou a inauguração do moinho dentro de uma nova realidade, cheia de desafios, "onde o produtor que quiser sobreviver, terá de se adaptar, andar rápido e trabalhar com muita competência. "Hoje vivemos num mundo tecnológico", alertou mais uma vez, lembrando ainda que os anos têm mostrado que a Cotrijuí sempre tem conseguido vencer seus obstáculos, porque seus associados sempre estiveram muito bem organizados na hora de tomar decisões.

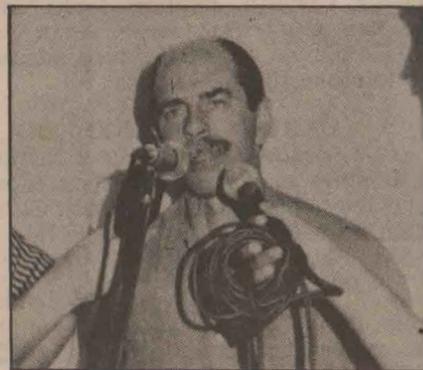
Dentro da sua política de descentralização, a Cotrijuí, segundo informou Ruben Ilgenfritz, deverá direcionar todas as atividades relacionadas com farinha para o município de Santo Augusto. A idéia, deixou claro, é, daqui algum tempo, transformar a farinha em outros produtos e fazer de Santo Augusto um polo dessa atividade. **OUTROS PROJETOS** - A erva-mate, em Coronel Bicaco e o próprio citros, são projetos citados pelo presidente da Cotrijuí, que também devem seguir o mesmo exemplo de descentra-



Aoima, Lino Berlese, o fundador do Moinho Santo Augustense. Na foto ao lado, o corte da fita por Ruben I. da Silva, Izilindo Stival e pelos ex-proprietários, Carlos Depiere e Sinibaldo Polo

lização que a cooperativa começa a fazer em Santo Augusto. "Também pretendemos industrializar o peixe, anunciou, dizendo que o projeto ainda se encontra em estudos. A proposta da Cotrijuí é, via uma planta industrial modesta, buscar alternativas para que o produtor da região continue produzindo e comercializando sua produção durante todo o ano. "E peixe não é só carne", disse ainda referindo-se a possibilidade de aproveitamento da pele.

Dentro desta mesma proposta de valorização da produção, a Cotrijuí vem colocando o alho, "um produto que lamentavelmente na região não tem, a nível de mercado consumidor, a melhor apresentação, disse Ruben Ilgenfritz, não vendo outra alternativa senão o esmagamento dessa produção. Somos produtores de alho, o



Ruben Silva, presidente da Cotrijuí

que está nos faltando é qualidade, observou, insistindo também, no caso do alho, para a necessidade de verticalização da atividade. Disse ainda que todo o processo de diversificação da propriedade passa automaticamente pela capacidade de eficiência de cada produtor. "Nós estamos numa região em condições de oferecer um excelente padrão de vida gerado pela atividade agrícola. Basta sabermos gerenciar as atividades aqui desenvolvidas", voltou a insistir e citou o caso do leite como um exemplo de atividade que começa a se reestruturar.

PARCEIROS - Os municípios, de acordo com o presidente da Cotrijuí, são os grandes parceiros nessa caminhada na busca de uma produtividade maior na lavoura e que passa, antes de tudo, pelo melhor uso do solo, englobando não apenas a construção de terraços de base larga, mas também o reflorestamento, a conservação do solo, a correção com calcário e outros nutrientes. "Não é o dinheiro das prefeituras que queremos e tampouco elas querem o dinheiro do produtor. O que queremos é somar forças. É trabalhar juntos para termos uma terra com fertilidade e produzindo cada vez mais", disse convidando os prefeitos e suas comunidades, e os produtores a serem solidários nessa nova caminhada.

Capacidade triplicada

Como valorização a produção é a ordem número 1 e, considerando que essa valorização passa automaticamente pela industrialização, a Cotrijuí ampliou e modernizou um antigo moinho colonial existente em Santo Augusto. Inaugurado no dia 26 - ver matéria ao lado - e em pleno funcionamento, o antigo Moinho Santo Augustense passa dos 300 quilos/hora para 1.000 quilos/hora a sua capacidade de moagem, "possibilitando, desta forma, a industrialização de 7.200 toneladas de grãos/ano ou 120 mil sacos de trigo", informa o gerente da unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, o Antônio Weiller.

Com a reformulação e modernização do moinho, o antigo sistema descontinuo de moagem foi substituído, através da aquisição de mais quatro cilindros - o moinho vinha operando até então com apenas dois - por um sistema contínuo. "Ou seja, o grão é moído e em seguida transformado em farinha", explica o gerente de Planejamento da Cotrijuí, Robin Bahr. Uma máquina de empacotamento, também automatizada, deverá facilitar ainda mais o fluxo do produto.

Adquirido em 1986 pela Cotrijuí, o antigo Moinho Santo Augustense teve como fundador Olinio Berlese, hoje proprietário de um açougue na cidade. O moinho foi repassado para uma associação de produtores, mas em 1976, em função do sistema de cotas estabelecido pelo governo e de grandes prejuízos acumulados, foi desativado. Alguns anos mais tarde foi adquirido pelos produtores Sinibaldo Natal Polo e Carlos Antônio Ivanovicht Depiere, mas o moinho continuou desativado até a sua aquisição pela Cotrijuí. Enquanto perdurou o sistema de cotas, ele operou como prestador de serviços ao quadro social da Cotrijuí.



Jorge Sperotto, produtor e conselheiro

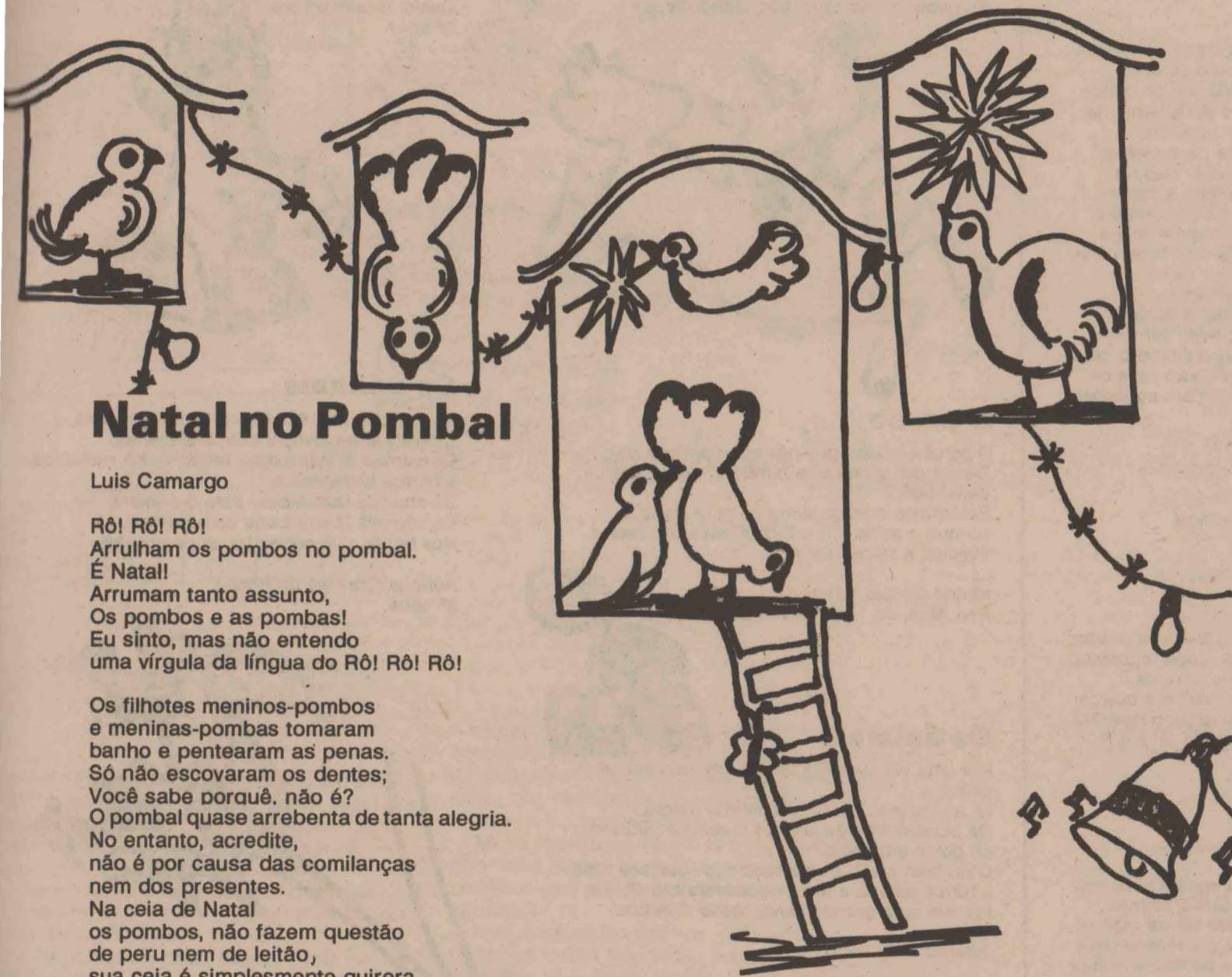


Antônio Weiller, gerente da Unidade

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIQUÍ

Elaboração: Rosane Nunes Becker
Montagem: Z Comunicação



Natal no Pombal

Luis Camargo

Rô! Rô! Rô!
Arrulham os pombos no pombal.
É Natal!
Arrumam tanto assunto,
Os pombos e as pombas!
Eu sinto, mas não entendo
uma vírgula da língua do Rô! Rô! Rô!

Os filhotes meninos-pombos
e meninas-pombas tomaram
banho e pentearam as penas.
Só não escovaram os dentes;
Você sabe porquê, não é?
O pombal quase arreventa de tanta alegria.
No entanto, acredite,
não é por causa das comilanças
nem dos presentes.
Na ceia de Natal
os pombos, não fazem questão
de peru nem de leitão,
sua ceia é simplesmente quirera
e migalha de pão.

Hora de fazer cartões

É!... O Natal está aí!
Você já mandou cartões para seus
amigos?
Não!... Então mãos à obra.
Consiga papéis, tintas, pincéis,
tesoura, cola, rendas, fitinhas, brilhos,
canetinhas... e faça os "seus" cartões.
Pare, pense, imagine e crie cartões
simples ou dobrados com cartolinas,
verá que o resultado logo chega, "um
amigo feliz".



A Cotrijuí

Alunos da Escola de 1º Grau Incompleto D. Pedro I - Ponte Branca - Augusto Pestana, assistiram vídeos sobre Sementes e Frutos, e também visitaram a Cotrijuí e o CTC. Vejam só quanta coisa interessante eles viram e registraram.

Eu vi que a vaca dá leite, do leite dá queijo, manteiga e outras coisas. A soja eles mandam para a Cotrijuí, da Cotrijuí mandam para um outro lugar, de lá eles fazem óleo de soja. O trigo eles fazem farinha, da farinha fazem pão, bolacha, cuca e outras coisas boas.

Maristela Pomm
4ª série - 12 anos
Ponte Branca - Augusto Pestana

O CTC tem criação de gado, e porcos, peixes. A CCGL, que produz leite que os colonos vendem para a Cotrijuí. A CCGL vende o leite em pó para o supermercado e lá milhares de crianças compram o leite.

Os colonos compram a soja para plantar depois que a soja cresceu e está madura, depois o colono colhe com a seifa e depois descarregam no carretão ou no caminhão e depois levam para o galpão e depois levam para a Cotrijuí, e lá com a soja eles fazem óleo de soja.

Com o trigo se produz a farinha trigo e com a cevada eles fazem a cerveja.

O CTC produz trigo, milho, soja, verduras, etc, e leite para vender e fazer o dinheiro para comprar mudas de verduras e pasto para os animais. Por exemplo os porcos, para engordar, carrear e pra vender.

Itamar Moreno Heberle
4ª série
10 anos
Ponte Branca - Augusto Pestana

A Cotrijuí tem porcos, vacas, peixes e outros. E produtos como azeite, massa, iogurte, batata, erva, banana, carne e alimento para os animais, farelo de trigo, ração, milho e outros. A soja é vendida para Cotrijuí e o trigo também.

Fábio V. Goerguen

Na Cotrijuí tem uma loja de roupas e sapatos. Um mercado que vende sal, carne, farinha, doces, conservados. E também vende rações concentrados e bebidas. A soja é levada para a Cotrijuí e da soja fazem óleo de soja e outros alimentos.

O colono vende leite na Cotrijuí e a Cotrijuí leva o leite para a CCGL e lá é feito o leite em pó para o mercado.

E lá as mães das crianças compram para as crianças tomarem.

Lá no CTC eles fazem pesquisas.

Criam pintos, terneiros, galinhas e vacas.

E também plantam verduras, trigo, pasto para os animais.

E plantam milho para fazer a ração para as galinhas, os pintos e para as vacas e etc.

E a cevada é vendida para fazer cerveja.

Eliane Gehrke
4ª série - 12 anos
Ponte Branca - Augusto Pestana.

História de bichos

Uma cachorrinha levada, uma mãe que não gosta do gatinho Mimo, os caçadores que estão matando os animais, são alguns dos personagens escolhidos pelos alunos da 2ª série da Escola Municipal de 1º Grau Emílio de Menezes, Ajuricaba, sob a orientação da professora Nelci da Rocha.

A cachorrinha

A Tifane é uma cachorrinha levada. Ela gosta de brincar com a minha bola. Quando eu chego perto dela, ela pula contente, querendo brincar comigo. Quando ela me vê comendo, começa a latir, querendo comer também.

Ela gosta de comer bala, bolo e bergamota. A noite vêm os cachorros ladrões e furam a cerca para roubar a comida dela, e ela fica braba e vive latindo.

Eu gosto muito da minha cachorrinha.



O porco

O porco é animal que nós criamos para o abate. Ele produz a carne, a banha e muitos outros derivados.

Está muito difícil o alimento para o porco, porque o milho é o principal alimento dele e tivemos a safra frustrada.

Hilário Deifeld - 2ª série
Esc. Mun. de 1º G. Emílio de Menezes.



Os animais

Era uma vez uma floresta. Lá moravam muitos animais.

Lá na floresta era tudo bonito e alegre.

Os pássaros cantavam, os macacos pulavam de galho em galho.

O rei leão pediu ao macaco que reunisse toda a turma para sua festa de aniversário. E eles fizeram uma grande festa, muito divertida.

Jeferson - 2ª série

O gato

O gato é um animal vertebrado, seu corpo é coberto de pêlo.

O gato gosta de beber leite e caçar rato e roer queijo.

Eu tenho um gatinho chamado Mimo, eu gosto muito de brincar com ele, porque é engraçadinho. E minha mãe não gosta dele, porque quando ela faz tricô, ele desenrola a linha pela casa toda.

Sidnei Junior Fugur
2ª série



OS BICHOS

Os animais

Os animais são muito úteis ao homem. Eles nos fornecem alimento, adubo, transporte, etc.

No mundo existem muitas espécies de animais e também tem animais vertebrados e invertebrados.

Na Amazônia tem muitas, mas muitas espécies de animais. Lá na Amazônia está acontecendo uma coisa muito ruim. Os caçadores estão matando todos os animais que tem lá.

Se alguém não fizer um mutirão de pessoas e mandar caçadores parar, a Amazônia vai virar em uma mata abandonada.

Daniel Gustavo Toro
2ª série



Os animais

Os animais nos dão carne, banha, salame, morticilia, leite, ovos e outros alimentos.

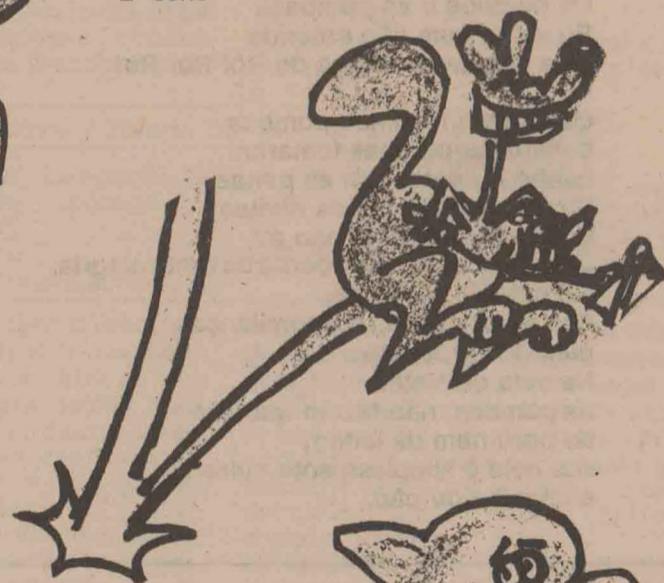
Os animais comem pasto, ração, milho, rastolhos e outros alimentos.

Os animais fazem bem para o homem.

Os animais fazem parte da natureza.

Nós temos que cuidar todos os animais.

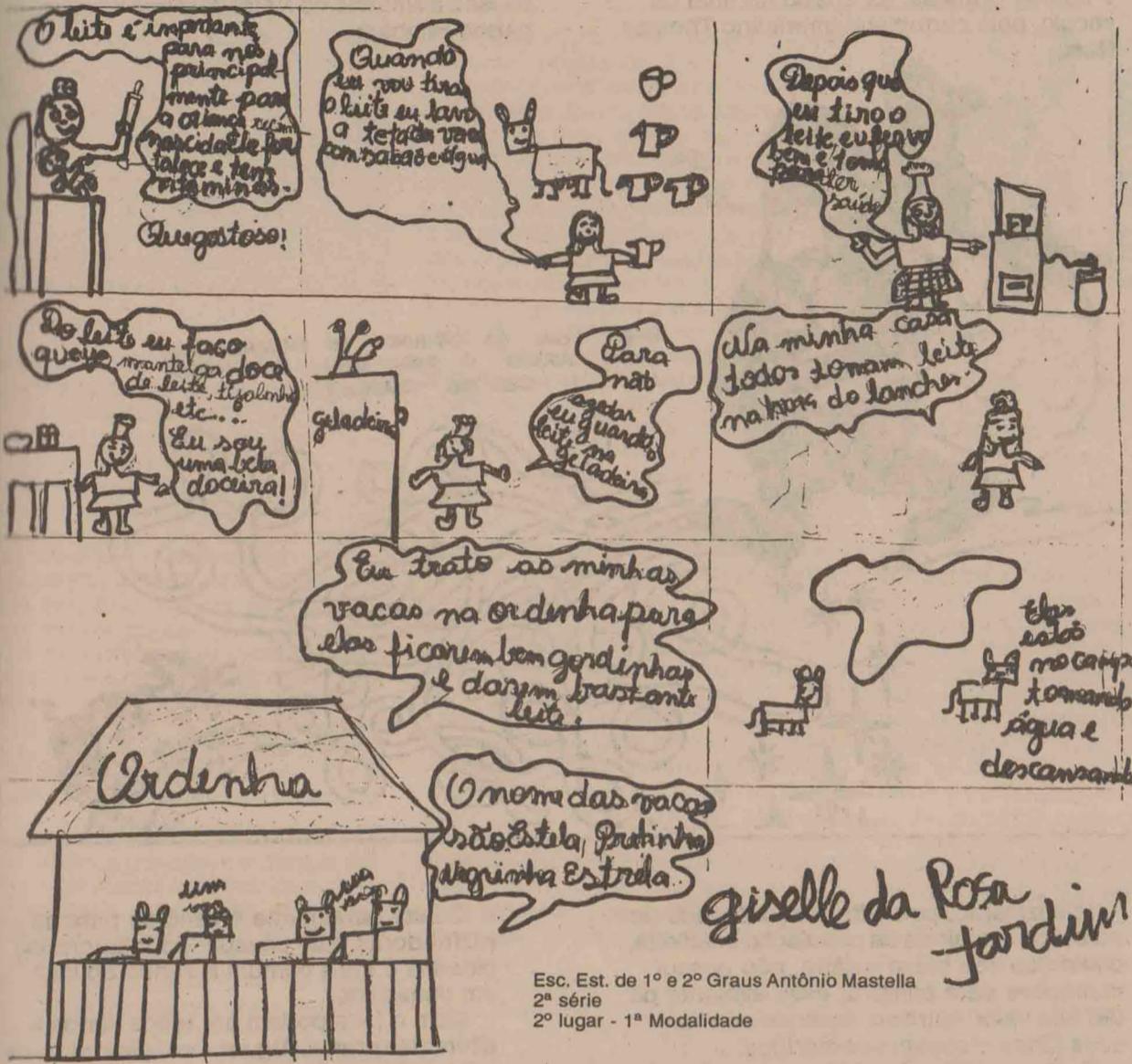
Adriane Grasiela da Rocha
2ª série



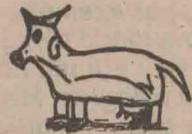
A Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através da professora Neide M.A. Motyczka promoveu um Concurso de Redação, que envolveu alunos de 1ª a 8ª séries em várias modalidades e critérios de seleção.

A modalidade para 1ª e 2ª séries, foi a Criação de uma história em quadrinhos contando a utilidade do leite.
 - O prêmio para o 1º e 2º lugares foi um brinquedo educativo.
 Foi escolhido o trabalho de Rubens Lucas de Lima e Giselle da Rosa Jardim.

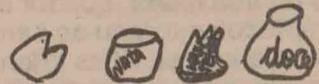
Para 3ª, 4ª e 5ª séries foi um texto narrativo envolvendo o leite num caso pitoresco. Roque Keppe e Pedro Fabiano de Lima ganharam uma bola de couro.
 Os maiores, defenderam um texto dissertativo, enfocando a função econômica e nutricional do leite. Ganharam um relógio de pulso Elaine Andreatta e Suziane A. de Lima.



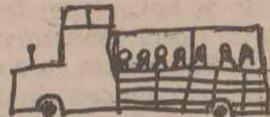
A utilidade do leite.



A vaca nos dá o leite para alimentar-nos.



Com ele fazemos queijo, doce e temos a nata, a manteiga e muitos outros alimentos.



Ela também é uma fonte de renda para muitos agricultores.



E aí dá a sobrevivência alimentar para muitas pessoas.

1ª série
 Rubens Lucas de Lima

Escola Municipal de 1º Grau Inc. José do Patrocínio
 1º lugar - 1ª Modalidade

OS CAUSOS DO LEITE

Em algumas regiões as pessoas não conhecem como é trabalhar com as vacas, isto é, tirar leite, e nem os cuidados que esse serviço requer, principalmente, as que nascem na cidade.

Seu José era uma dessas pessoas. Certo dia, ele resolveu visitar meu tio que morava no interior.

Chegando na casa demonstrou um grande interesse em aprender tirar leite, então pediu permissão para experimentar. Pegou no teto da vaca com as duas mãos e colocou a vasilha debaixo do úbere. Para tirar o leite, ligeiro, sentou-se no chão, pois não é que a malvada, pisa no coitado e este fica gritando desesperado.

Mas para não ficar feio, contou ao meu tio que a vaca tinha agarrado pela perna da calça.

A partir desse dia, perdeu toda a esperança de aprender tirar leite. Muito envergonhado, pediu um pouco de leite para misturar no feijão quando fossem jantar, pois ele gostava.

Então minha tia explicou que o leite não deve ser misturado no feijão, tem que ser puro.

Colocou uma panela e um copo na mesa para ser experimentado. Ele colocou a pontinha do dedo na panela e gostou tanto que nem pegou o copo, tomou todo o leite na panela mesmo.

Muito faceiro, perguntou à minha tia se não tinha perigo de fazer mal. Então ficou sabendo que o leite é alimento muito saudável.

Seu José, muito esperto, sabia que à noite, os tarros ficaram lá fora, cheios de leite. Pensou, antes de eles venderem vou tomar aquele leitinho. Ao chegar lá, enfiou a cabeça no tarro quando foi tirar, ficou entalado e começou a sapatear que nem gado chucro. Acabou virando o tarro e para não morrer afogado teve que tomar todo o leite.

Quando foi embora a coisa ficou preta, pois não tinha banheiro. O recurso era largar os porcos na encerra para ocupar o chiqueiro por algumas horas.

Tio José aprendeu que tudo na vida tem seus limites e, nós temos que respeitar isso, pois é uma lei da natureza.

Roque Keppe
 1º Lugar - 2ª modalidade
 E.E. de 1º Grau Botão de Ouro.

No sítio do Seu Antão

Era uma vez no sítio do seu Antão, tinha uma vaca que dava leite de montão e seu Antão costumava tirar leite de panelão.

Seu Antão, por muita precisão queria vender a vaca.

Numa manhã de cerração, seu João chegou no sítio do seu Antão para assistir a tirada de leite porque estava interessado na compra da vaca.

Os dois foram para a estrebaria para tirar o leite. E seu Antão, com muita dedicação tirava leite e sem esperar, a vaca deu um coice, virou o panelão e escorreu o leite pelo chão.

Seu Antão não perdeu a animação. Ele dizia essa vaca é leiteira e dá leite de montão e tu podes alimentar toda a tua família, João.

E assim João colocou a vaca na cincha do cavalo alazão e foi embora pelo sertão.

Pedro Fabiano de Lima
 E.E. Edmar Krueel - São José
 2º lugar - 2ª modalidade

Papai-Noel!

A figura de Papai Noel surgiu de uma história real que se passou no século IV: a história de São Nicolau. Nicolau era bispo de Mira, uma antiga cidade da atual Turquia. Foi preso durante a perseguição que o Imperador romano Diocleciano fez aos cristãos e libertado durante o reinado de Constantino. E isso é quase tudo o que se sabe sobre sua vida.

No entanto, muitas são as lendas sobre Nicolau. Diz-se, por exemplo, que Nicolau tornou-se bispo quando ainda era menino. Diz-se também que era um homem muito bom e que fazia milagres. Mas a lenda mais conhecida sobre Nicolau é a de que, à noite, era sempre visto batendo de casa em casa para dar presentes aos meninos pobres.

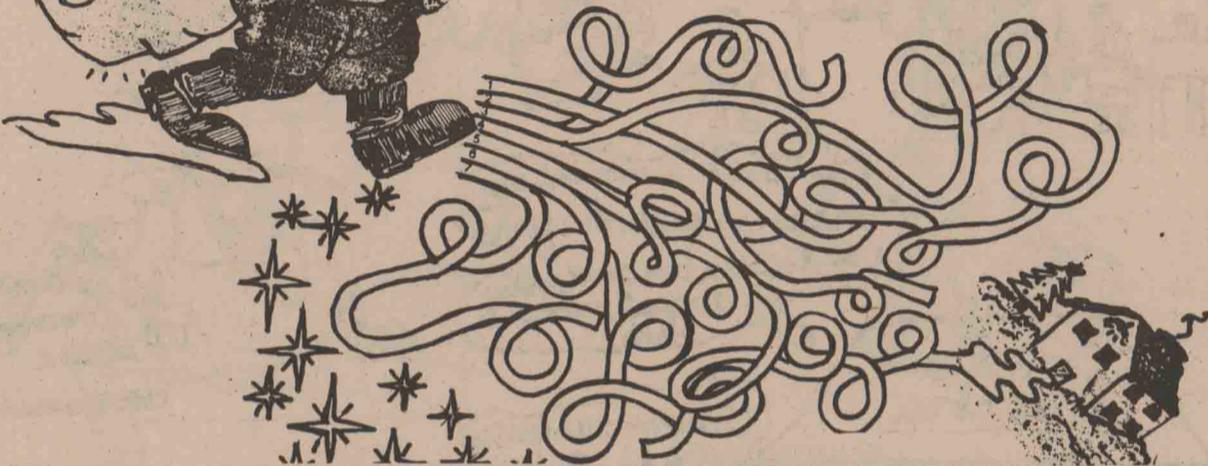
Depois de sua morte, que foi em 6 de dezembro, Nicolau tornou-se santo e protetor das crianças. Aí as crianças de várias aldeias européias passaram a homenageá-lo nesse dia com uma grande procissão. Com o tempo, a homenagem mudou: as crianças passaram a receber presentes de homens que se vestiam de bispo, como São Nicolau, e que percorriam as ruas em cavalos brancos.

Quando os holandeses foram para a América do Norte, levaram consigo a história de São Nicolau e o costume de presentear as crianças em dezembro. Os colonizadores ingleses que lá moravam adotaram esse costume. Mas transformaram a pronúncia do nome holandês de São Nicolau em Santa Claus. E passaram a realizar a sua festa no dia do Natal.

Foi do Santa Claus que se moldou, aos poucos, a figura de Papai Noel. As suas roupas e o seu trenó foram descritos pela primeira vez no início do século passado, pelo poeta americano Clemente Moore. E o seu rosto, como sendo o de um velhinho gordo e bondoso, com enormes bochechas e barbas brancas, foi criado no final do século, pelo cartunista americano Thomas Nast.



PARCE QUE OS CANINHOS SE EMBARALHARAM -
VAMOS AJUDAR O PAPAÍ NOEL A CHEGAR
ATÉ A CASA DAS CRIANÇAS?



FUNDAÇÃO ECONÔMICA E NUTRICIONAL LEITEIRA

A Pecuária é uma importante atividade econômica, principalmente no setor leiteiro, o qual auxilia consideravelmente na renda mensal dos produtores, que hoje enfrentam sérias crises devido aos baixos salários dos produtos da agricultura.

No nosso município, a Cotrijuí é quem recebe o leite dos produtores. Cooperativa tem ligação com a CCGL de Ijuí (Cooperativa Central Gaúcha do Leite). A atividade leiteira passou a ser encarada com mais seriedade, como uma alternativa econômica depois dos produtores se confrontarem com tantas crises e frustrações de safra. Atualmente percebemos que muitos agricultores preferem, em vez de uma plantação de trigo e soja, fazerem pastagens para a manutenção do gado leiteiro.

Já como um elemento nutricional, o leite é de considerável importância, pois é um dos alimentos que mais fornece vitaminas e proteínas ao nosso organismo.

As proteínas constituem uma classe de importantes nutrientes que atuam como formadores de várias estruturas funcionais do organismo animal. O leite é muito importante especialmente na fase de crescimento, na recuperação de doenças, na gestação, pois ajuda na fabricação de nossas estruturas e de novos tecidos.

Infelizmente, pelo alto preço do leite no comércio, a maioria da população brasileira, devido ao seu baixo salário, não possui condições para comprar esse alimento de tão alto valor nutritivo, fazendo com que seus filhos cresçam subnutridos.

Essa é a triste realidade da população brasileira, onde os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres mais pobres. Como vimos, a produção leiteira é muito importante, tanto na nutrição como na economia; que nos faz trabalhar e crescer com o nosso município, ajudando a construir um mundo de melhores condições de trabalho e sobrevivência.

Elaine Andreatta
E.E. Edemar Kruehl - São José
1º Lugar - 3ª modalidade.

O LEITE

O leite é um líquido alimentício produzido por todos os mamíferos para a alimentação de seus filhotes.

Porém, apenas as vacas e cabras produzem leite, não somente para seus filhos, mas para toda a espécie humana e outros mamíferos. O leite de vaca é uma das principais bases econômicas das pessoas que moram no interior. Estas pessoas geralmente vendem grande parte do leite e ficam com o restante para consumo. Outros fazem queijos e manteigas, também para vender ou para seu próprio uso. Apesar do leite ser um produto de várias utilidades, seu produtor é pouco remunerado e não recebe o valor real da venda do leite. Visto pelo lado dos vários doces e alimentos que podem ser feitos com ele, é uma desvalorização total.

O leite geralmente é vendido para as resfriadoras pelo pessoal do interior; nas cidades é mais comum a venda do leite em domicílios.

Com o leite podem ser feitos vários e diferentes pratos. Alguns exemplos caseiros e da utilidade do leite são os queijos, a manteiga, bolos, tortas, pães,ucas, pudins, cremes ...

Outros alimentos feitos com o leite, que encontramos nos mercados são: iogurtes, sorvetes, leite em pó e outros produtos. O leite é um alimento prático porque forma nosso organismo, promove seu crescimento e substitui as perdas que ele sofre, é energético porque fornece energia para o nosso corpo.

O leite é composto pelos glicídeos, que produzem energia, pelas proteínas que protegem nosso organismo, pelas gorduras que também produzem energia, pelas vitaminas A que ressecam os tecidos, vitaminas B, que protegem a pele e ajudam no funcionamento do sistema nervoso, da digestão e respiração celular, vitaminas C, que fortalecem os vasos sanguíneos no combate das doenças e Vitaminas D, que fixam o cálcio nos ossos e nos dentes.

Também é importante a pasteurização do leite para matar todos os micróbios que este possui.

A partir disto vê-se que quem toma leite tem uma vida natural e saudável, pois o leite é o alimento que nos dá a mais completa proteção do corpo.

Suziane A. de Lima
E.E. Cacique Sepé - São Pedro
2º lugar - 3ª modalidade